

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

OS PERFIS DA REVISTA PIAUÍ:

ASPECTOS DA HERANÇA DO NOVO JORNALISMO

BRENO BARRETO DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

**OS PERFIS DA REVISTA PIAUÍ:
ASPECTOS DA HERANÇA DO NOVO JORNALISMO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

BRENO BARRETO DE OLIVEIRA

Orientador: Prof. Paulo César Castro

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Os Perfis da Revista *piauí*: aspectos da herança do Novo Jornalismo**, elaborada por Breno Barreto de Oliveira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro de Sousa

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

OLIVEIRA, Breno Barreto de.

Os perfis da Revista piauí: aspectos da herança do Novo
Jornalismo. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –
ECO.

OLIVEIRA, Breno Barreto de. **Os perfis da Revista *piauí*: aspectos da herança do Novo Jornalismo**. Orientador: Paulo César Castro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho investiga aspectos presentes nos textos do Novo Jornalismo americano da década de 1960 e que foram herdados pelo jornalismo literário brasileiro contemporâneo, atuando como uma influência direta na elaboração de perfis jornalísticos da Revista *piauí*. Para tanto, analisa-se características estilísticas e de apuração do Novo Jornalismo, assim como os aspectos teóricos da reportagem presentes no gênero perfil, e traça-se um breve histórico da presença do jornalismo literário no Brasil, com especial atenção à Revista *Realidade*, aqui tomada como precursora do trabalho realizado por *piauí*. A partir dessas análises, o projeto investiga a presença de quatro recursos do Novo Jornalismo em três perfis da revista, procurando-se ressaltar até que ponto eles são apropriados e utilizados pelos jornalistas em seus perfis.

Índice

1. Introdução.....	8
2. Jornalismo e literatura.....	11
2.1 Literatura realista.....	11
2.2 O Novo Jornalismo.....	13
2.3 A Revista Realidade.....	19
3. Aspectos teóricos da reportagem.....	22
3.1 Estrutura narrativa.....	22
3.2 Foco narrativo.....	24
3.3 Pesquisa.....	28
3.4 Entrevista.....	30
3.5 Estrutura descritiva.....	32
4. O perfil.....	34
5. O narrador em três perfis da Revista <i>piauí</i>	39
5.1 A revista.....	39
5.2 Para toda obra – perfil de Nelson Jobim, por Consuelo Dieguez.....	41
5.2.1 Construção cena a cena.....	41
5.2.2 Diálogos.....	43
5.2.3 Foco narrativo.....	45
5.2.4 Registro de detalhes da cena.....	46
5.3 Artur tem um problema – perfil de Artur Ávila, por João Moreira Salles....	47
5.3.1 Construção cena a cena.....	48
5.3.2 Diálogos.....	50
5.3.3 Foco narrativo.....	51
5.3.4 Registro de detalhes da cena.....	52
5.4 O consultor – perfil de José Dirceu, por Daniela Pinheiro.....	54
5.4.1 Construção cena a cena.....	54

5.4.2 Diálogos.....	57
5.4.3 Foco narrativo.....	58
5.4.4 Registro de detalhes da cena.....	59
6. Conclusão.....	61
Referências bibliográficas.....	63
Anexos.....	65

1. Introdução

Neste trabalho, vamos investigar aspectos da herança do Novo Jornalismo americano da década de 1960 no jornalismo literário que é feito hoje no Brasil – mais especificamente, aquele levado a cabo nos perfis jornalísticos da Revista *piauí*¹. A ideia fundamental do projeto é identificar traços da construção narrativa do movimento americano na produção brasileira contemporânea dos perfis, traçando, deste modo, uma relação de parentesco entre a forma de trabalho desses dois momentos e lugares distintos do jornalismo literário.

Essa forma de jornalismo ainda encontra espaço muito limitado diante do público brasileiro, amplamente acostumado ao jornalismo diário tradicional. No entanto, iniciativas nacionais no sentido de fugir a esse padrão existem e existiram desde os primeiros anos que se seguiram à ruptura americana. Recorrendo não tanto à evolução histórica dessa relação, mas às apropriações estilísticas e de ideias de trabalho, pretendemos resgatar em alguma medida a herança do Novo Jornalismo na produção brasileira contemporânea de jornalismo literário.

A Revista *piauí* foi escolhida para esta análise por representar, hoje, a iniciativa mais claramente identificada com o jornalismo literário no Brasil e também a de maior sucesso no esforço de explorar esse gênero. Assim como a extinta Revista *Realidade* – que utilizamos neste trabalho como uma referência precursora do jornalismo em profundidade brasileiro – a Revista *piauí* deu amplo espaço desde seus primeiros números aos perfis, tanto de celebridades como anônimos. E é normalmente nesses perfis – aos quais os repórteres dedicam tempo e esforço ímpares na imprensa brasileira contemporânea – que mais profundamente se desenvolvem as técnicas do jornalismo literário.

Por conta disso, decidimos eleger três perfis da revista, cada um deles escrito por um repórter diferente e em momentos distintos da história da publicação: o perfil do então ministro Nelson Jobim, escrito por Consuelo Dieguez e publicado na edição de agosto de 2011; o do matemático Artur Ávila, escrito por João Moreira Salles e publicado em janeiro de 2010; e o de José Dirceu, escrito por Daniela Pinheiro e publicado na edição de janeiro de 2008. Com esta seleção, nossa intenção é diversificar

¹ Optamos por grafar o nome da Revista *piauí* em caixa baixa, como a própria revista assina.

os textos analisados para, ao fim do trabalho, tentarmos coletar alguns denominadores comuns a esses perfis que nos informem sobre sua relação com o Novo Jornalismo.

No intuito de verificar essa relação, faremos uma comparação desses perfis com quatro aspectos definidos pelo jornalista e escritor Tom Wolfe como os recursos fundamentais utilizados pelos autores do Novo Jornalismo americano: o uso de diálogos; a construção cena a cena; o ponto de vista da terceira pessoa; e o registro de detalhes da cena. Esses recursos, segundo Wolfe, eram os principais elementos responsáveis por dar aos textos do jornalismo literário a capacidade diferenciadora de conexão direta com o leitor, envolvendo-o na narrativa de modo como o jornalismo convencional – com suas regras de distanciamento herdadas da tradição inglesa – jamais conseguira fazer.

Queremos identificar se, cerca de meio século depois, a herança desse Novo Jornalismo que se diz existir em revistas como a *New Yorker* e a *Esquire* pode ser estendida aos perfis da *piauí*. Para tanto, buscaremos entender a utilização (ou a não utilização) dos quatro recursos explicados por Tom Wolfe nos perfis da revista brasileira. Por meio de uma leitura crítica desses textos, analisaremos até que ponto Consuelo Dieguez, João Moreira Salles e Daniela Pinheiro fazem uso da construção do texto por meio de cenas, da descrição detalhada dessas cenas, dos diálogos e do ponto de vista da terceira pessoa.

Este último recurso – o que diz respeito ao ponto de vista, ou foco narrativo – nos parece especialmente importante para entendermos essa relação de herança, uma vez que a forma como o narrador se apresenta na narrativa é, talvez, um dos aspectos fundamentais da linha divisória entre literatura e jornalismo – e um aspecto essencial, portanto, para entendermos até que ponto há flexibilidade no jornalismo literário contemporâneo para se aproximar dos recursos realmente literários, como faziam autores importantes da década de 1960.

Para estudar o papel do narrador, recorreremos à topologia de focos narrativos estudada por Norman Friedman, em que ele classifica os diferentes pontos de vista que pode assumir o narrador. A partir dessa classificação, vamos analisar o lugar ocupado pelos narradores de Dieguez, Moreira Salles e Pinheiro, na tentativa de identificar se os três repórteres utilizam o ponto de vista da terceira pessoa – característico da literatura e apontado por Tom Wolfe como instrumento recorrente do Novo Jornalismo.

Além de Wolfe e Friedman, vamos utilizar ainda outros autores nos capítulos que tratam dos aspectos teóricos da reportagem. Para tratar da estrutura narrativa da

notícia – como fundamentação para nossa discussão central – utilizaremos, sobretudo, Muniz Sodré e Helena Ferrari, além de Nilson Lage. Para tratar do foco narrativo, recorreremos a Ligia Moraes Leite, que apresenta e destrincha a classificação de Norman Friedman, oferecendo elementos teóricos para a discussão sobre o lugar do narrador. E, uma vez que os recursos do Novo Jornalismo enumerados por Tom Wolfe dizem respeito não somente à construção estética do texto, mas também a elementos indissociáveis de um trabalho diferenciado de apuração jornalística, trataremos também dos aspectos teóricos da pesquisa jornalística – com auxílio mais uma vez de textos de Nilson Lage –, da entrevista jornalística – recorrendo a explicações de Cremilda Medina – e também da estrutura descritiva, que não pode ser dispensada de texto jornalístico algum – nem mesmo do mais eminentemente narrativo.

Trataremos também dos aspectos que dizem respeito ao perfil enquanto gênero jornalístico, recorrendo novamente a Muniz Sodré e Helena Ferrari e, sobretudo, aos textos de Sérgio Vilas-Boas, que dedicou boa parte de seu tempo justamente a esse estudo. Queremos investigar os elementos que fazem do perfil um gênero diferenciado. E, principalmente, queremos entender se o perfil é um gênero de alguma forma mais adaptado às condições do jornalismo literário.

Quanto à evolução histórica que norteia os caminhos dos recursos utilizados pelo jornalismo literário, nos ateremos a dois momentos importantes para esta análise: em primeiro lugar, será preciso falar sobre a origem estilística das ideias apropriadas por jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese: a literatura realista da segunda metade do século XIX. Isso porque foi nesse momento da história literária em que nasceu boa parte dos recursos estilísticos utilizados pelo Novo Jornalismo e trazidos até os dias de hoje. Foi nesse momento em que a literatura mais se aproximou dos elementos práticos da vida, ao mesmo tempo em que introduzia novas formas de lidar com a narrativa.

Em segundo lugar, trataremos – como dito antes – de uma publicação que pode ser tomada como uma das principais referências nacionais para a Revista *piauí* no que diz respeito tanto à forma quanto à escolha dos temas discutidos: a Revista Realidade. Foi nela que o leitor brasileiro primeiro identificou – ainda na década de 1960 – esforços jornalísticos consistentes no sentido da produção de matérias mais aprofundadas que a da imprensa convencional e com uma linguagem e um estilo diferenciados daquilo a que o público estava acostumado.

2. Jornalismo e literatura

No ensaio intitulado *Jornalismo e Literatura* (OLINTO: 2008), Antonio Olinto afirma que tanto o jornalismo quanto a literatura trabalham com a realidade – o primeiro, com a realidade em ato; o segundo, com a realidade em potência. Ambos, no entanto, estão sujeitos às leis da descrição e da narrativa. Isso significa dizer, ainda segundo Olinto, que o jornalismo é uma literatura do imediato, sujeito às pressões do espaço e do tempo, e que a fronteira entre as duas atividades é mais incerta do que normalmente cremos.

O estilo e a técnica utilizados na construção dos perfis publicados pela Revista *piauí* deixam clara sua herança mais marcante: remetem em um primeiro momento às experiências do Novo Jornalismo, praticado nos EUA da década de 60, que inaugurou o uso de recursos literários na imprensa. Se voltamos ainda mais na história, entretanto, em busca de referências para esses textos, chegamos a autores como Honoré de Balzac e Charles Dickens, que praticavam uma literatura moderna, que viria a ser conhecida como Realismo.

Este movimento literário deu origem a textos preocupados com um compromisso com a verdade, uma semelhança à realidade, que – devidamente matizada – dá ao leitor a impressão de que ele está lendo a respeito do mundo imediatamente próximo ao seu olhar. É, nesse sentido, uma literatura que se aproxima do relato jornalístico.

Já na efervescente década de 60 americana, essa relação se inverte. Descobre-se a possibilidade de explorar técnicas literárias em um jornalismo já desgastado pelas regras da profissão, o que acaba por avizinhá-lo da arte.

2.1 Literatura realista

Este não é um trabalho sobre literatura, motivo pelo qual apenas tangenciaremos o tema, na medida em que ele nos ajuda a compreender as relações históricas entre a prática jornalística e as técnicas literárias.

Para Sérgio Vilas-Boas, o ponto de partida do jornalismo narrativo na história mais facilmente localizável está na segunda metade do século 19. Naquela época, a literatura de ficção (os romances e contos) rompia com a tradição melodramática do

período romântico, com o objetivo de produzir “uma ficção verdadeira sobre o real” (VILAS-BOAS: 2011)², segundo disse o escritor francês Gustave Flaubert. Segundo Vilas-Boas, a ascensão do realismo na ficção, principalmente o de temática comportamental, fomentou a explosão de autores clássicos que lemos até hoje, como Balzac, Dostoiévski, Tolstoi, Dickens, Dafoe, Machado de Assis, Euclides da Cunha e o próprio Flaubert. Esses escritores trouxeram para a literatura temas diretamente relacionados a questões práticas da vida das pessoas e os trataram com uma linguagem também direta, despojada de boa parte dos ornamentos cultivados pelo idealismo que os precedeu.

O Realismo, como movimento cultural, nasceu no bojo da Revolução Francesa. Os teóricos que o incentivaram compartilhavam o espírito científico setecentista e tinham o progresso como alvo e a razão como força-motriz. Segundo explica o professor Moisés Massaud (2001), eles propunham o experimentalismo e a observação – em contraposição ao culto do sentimento e da natureza dos românticos – e cultivavam o fato. Mas foi somente na segunda metade do século XIX que o Realismo se firmou como movimento amplo e coerente no continente europeu. Entre os acontecimentos que se seguiram à Revolução Francesa e que também contribuíram para que isso acontecesse, podemos citar: a publicação, a partir de 1830, do Curso de Filosofia Positivista, de Augusto Comte, e a conseqüente disseminação do pensamento positivista; a publicação, em 1848, do Manifesto Comunista, de Karl Marx; a revolução de fevereiro de 1848, na França; a publicação, em 1857, de duas obras literárias definidoras do pensamento realista: *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert; e a publicação, em 1859, de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin.

Entre os muitos aspectos que compunham o pano de fundo dessa transformação, estava um valor excessivo dado à ciência, intensificado pelos resultados práticos que alimentavam a Revolução Industrial. De acordo com Massaud,

Calcada em tal ambiência, a obra literária passou a ser considerada utensílio, arma de combate voltada para a transformação do corpo social, tendo em vista um limite de perfeição calcado nas conquistas da ciência. Repelindo a ‘arte pela arte’, desinteressada e egocêntrica, os adeptos do Realismo, sobretudo os mais ortodoxos, pregavam a

² Disponível em <http://www.sergiovilasboas.com.br/blog/?p=942> – Acessado em 15/12/2012

arte compromissada, ou engajada (MASSAUD: 2001, 16).

E para que esse engajamento com as questões sociais contemporâneas fizesse sentido, os escritores realistas precisavam aproximar – como já dissemos – tanto a linguagem quanto os temas de seus livros ao dia-a-dia das pessoas, servindo-lhes como uma espécie de intermediários da realidade. Eles não estavam interessados em elucubrações sobre o *eu*, mas sobre a verdade, os fatos. A subjetividade perdera lugar para a realidade física, o mundo concreto. É nesse sentido que a literatura realista se aproxima do tipo de jornalismo que nasceria algumas décadas depois, introduzindo, de certa maneira, uma nova linguagem capaz de lidar com a realidade de maneira mais franca e útil.

Exemplo disso é que os realistas escolheram como um dos alvos principais de suas obras o desmoronamento das classes monárquica, burguesa e clerical. Não diferentemente do que ainda acontece na imprensa, segundo Massaud, eles “escolhiam casos patológicos, não por considerá-los excepcionais, mas porque os julgavam indícios das mazelas que corroíam a sociedade” (MASSAUD: 2001, 17).

2.2. O Novo Jornalismo

No livro *O Novo Jornalismo*, Tom Wolfe descreve um mercado jornalístico de início dos anos 60 sufocado pela centenária tradição britânica que ditava as regras de apuração e estilo na imprensa ocidental. Para a maioria dos autores de não-ficção, ficava entendido, segundo ele, que o narrador devia assumir “uma voz calma, cultivada e, de fato, polida” (WOLFE: 2005, 32). Esperava-se assim que o resultado final do relato jornalístico levasse ao máximo de informação com também o máximo de discrição.

Por outro lado, os romancistas americanos mais sérios e ambiciosos “havia abandonado o terreno mais rico do romance: especificamente a sociedade, o tableau social, os costumes e a moral, a coisa toda do ‘como vivemos agora’” (WOLFE: 2005, 50). A literatura de então havia chegado a um estado de sacralização por parte dos próprios autores e aspirantes a escritores. Ela estava mais preocupada com temas como mitos, fábulas e magia do que com a realidade social vigente, que considerava um assunto menor.

Os jornalistas encontravam-se, portanto, em um cenário onde a prática jornalística havia se tornado conservadora, diante de um mundo em rápida transformação, e onde a sociedade como objeto havia saído das páginas da literatura, apesar da revolução cultural que então florescia em todo o mundo ocidental. Em resumo, na visão de Wolfe, era um momento maravilhoso que se apresentava aos jornalistas interessados em ir além, já que o dia-a-dia havia deixado de ser tratado de forma interessante pelos jornalistas.

Um dos primeiros a perceber esse espaço e a aproveitá-lo foi Jimmy Breslin, que escrevia para uma coluna local no jornal nova-iorquino *Herald Tribune*. Seus textos se assemelhavam a contos literários, mas tratavam da realidade das ruas da cidade. Chamavam a atenção principalmente por conta da leveza com que eram construídos – fugindo à retidão das colunas então em voga – e dos muitos detalhes que apontavam ao longo da narrativa. Para Wolfe, a parte crucial do trabalho de Breslin era a reportagem.

Ele tornou uma prática sua chegar ao local muito antes do evento principal, a fim de coletar material por trás das câmeras, o jogo da sala de maquiagem, que lhe permitia criar personagens. Parte de seu *modus operandi* era colher detalhes ‘romanesco’, os anéis, a transpiração, os socos no ombro, e ele fazia isso com mais habilidade que a maioria dos romancistas (WOLFE: 2005, 26).

Nos textos de Breslin, assim como nos de Gay Talese, John Hersey, Joseph Mitchell e do próprio Tom Wolfe, percebia-se já uma forte desconexão com a necessidade de se contar a história a partir de um esquema de pirâmide invertida, com respeito inarredável à instituição do lide. Ao invés disso, esses jornalistas experimentavam com técnicas da literatura, que acabaram trazendo à tona uma dimensão estética para a reportagem, que ninguém havia considerado até então. Colunas de jornal e principalmente revistas (pouco respeitadas na imprensa americana dessa época) passaram a publicar cada vez mais textos que se inclinavam para essa nova direção e, já na segunda metade da década, era bastante claro que havia “uma espécie de excitação artística no jornalismo” (WOLFE: 2005, 41), como descreve Wolfe.

As mudanças no modo de fazer jornalismo que deram origem a essa excitação aconteciam em níveis diferentes do trabalho, mas – para o leitor – a alteração mais imediata dizia respeito ao prazer da leitura. Pois, segundo Humberto Werneck, nos posfácio ao livro *Fama e Anonimato*, de Gay Talese, “não basta que a informação seja bem apurada: é preciso que ela – e, portanto, o leitor – seja bem tratada” (WERNECK:

2004, 525). Werneck explica que ao se valer de instrumentos da narrativa de ficção, “o bom jornalista, longe de querer embonitar seu texto, está empenhado numa indispensável empreitada de sedução – sem a qual corre o risco de simplesmente não ser lido” (WERNECK: 2004, 525).

Essa empreitada, no entanto, não era construída sem método. Ao contrário do que muitos críticos do Novo Jornalismo imaginavam, esses pioneiros do jornalismo literário viam-se diante da necessidade de ir além do que era feito no jornalismo convencional, fiéis à descrição objetiva completa dos fatos, mas também preocupados em dar algo a mais aos leitores, segundo Tom Wolfe: “especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens” (WOLFE: 2005, 37). Para isso, eles desenvolveram o hábito de passar vários dias ou até semanas com as pessoas sobre as quais escreviam e estavam sempre preocupados em testemunhar cada detalhe das ações desses personagens. Era fundamental estar ali quando a ação acontecia e não apenas recuperar histórias a partir da redação.

Para além desse novo hábito, Wolfe enumera quatro recursos herdados do realismo literário, mas que teriam sido aprendidos pelos jornalistas “por meio de experiência e erro, por ‘instinto’ mais que pela teoria” (WOLFE: 2005, 53), dando a eles o poder de envolver os leitores emocionalmente em uma realidade concreta e imediata:

Em primeiro lugar, esses jornalistas utilizavam a construção cena a cena. Os praticantes do novo jornalismo descobriram que a mera narrativa histórica não era a técnica mais adequada para envolver o leitor na ação contada. Ao invés disso, eles passaram a apresentar os fatos a partir de cortes temporais – um conjunto de cenas que tinha por objetivo fazer o leitor se sentir parte do ambiente em que se desenvolve a narrativa. Esses cortes eram organizados de modos distintos em cada reportagem: podiam formar uma sequência de cenas cronológica e linear, podiam ser intercaladas com cenas do passado (“flashbacks”) ou então com cenas relacionadas a personagens ainda não citados ou desconectados à história central.

Essas formas de organização, portanto, eram pensadas como na montagem de um filme. O jornalista não estava mais preso à necessidade de apresentar a história a partir de uma estrutura pré-definida. Ele podia, assim, começar sua narrativa a partir de uma cena específica, não necessariamente a mais importante segundo as regras convencionais do jornalismo e não necessariamente uma que estivesse no início da história que ele pretende contar.

É o que faz, por exemplo, Gay Talese no livro-reportagem *Honra Teu Pai* (TALESE: 2011). Ele começa a narração a partir da cena em que um dos chefes da Máfia de Nova York é sequestrado por dois capangas diante de um edifício na Park Avenue. Talese descreve o local, identifica os personagens que participam da ação e a narra com início, meio e fim. É uma cena que faz sentido em si própria, de forma isolada – o autor não precisa, para isso, explicar porque a está contando ou qual o sentido dessa cena dentro da narrativa que comporá mais adiante.

Em segundo lugar, eles faziam uso de diálogos entre personagens – um dos recursos que até então eram privilégio da literatura e que o Novo Jornalismo adotou com grande intensidade. Isso porque, segundo Wolfe, “o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso e também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso” (WOLFE: 2005, 54).

Wolfe diz ainda que os jornalistas começaram a descobrir essa técnica no mesmo momento em que os romancistas a abandonavam, novamente preenchendo uma lacuna deixada por uma literatura que se tornava cada vez mais abstrata.

Os leitores queriam, na opinião de Wolfe, o imediatismo da ação que a transcrição de um diálogo era capaz de trazer. Era, novamente, uma forma mais direta de envolver o leitor na narrativa.

Assim, por exemplo, quando Talese narra – em *Honra Teu Pai* – uma conversa entre o personagem Bill Bonnano e seus filhos, ele recorre ao registro completo do diálogo, composto por frases simples e curtas, mas que deixam clara a intenção do argüidor, assim como a ingenuidade dos filhos e outras sutilezas que talvez demandassem um ou mais parágrafos de explicação se o autor não houvesse recorrido a essa técnica:

- Em que ano você está, Joey?
- Terceiro.
- Suas professoras perguntam em que eu trabalho?
- Perguntam - disse Joseph.
- Bill exitou por um momento, mas continuou - E o que você responde?
- Mamãe uma vez me disse que você trabalhava em serviço de transportes com caminhões - disse Joseph. - É isso que eu digo a elas.
- O que você acha que é serviço de transportes? Você sabe o que eu faço?
- Você dirige por aí, acho.
- Você já me viu dirigindo um caminhão?

- Não, mas Tory uma vez me disse que passeou com você num caminhão.
- É, foi mesmo - disse Bill. - Um dia fomos ao armazém. Mas o que eu faço agora?
- Não sei - disse Joseph, lentamente, parecendo tenso de repente. - Mas eu sei que você não trabalha em serviço de transportes. (TALESE: 2011, 292).

Em terceiro lugar, eles usavam o ponto de vista da terceira pessoa. Tom Wolfe descreve esse recurso como “a técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta” (WOLFE: 2005, 54). Ou seja, os jornalistas passaram a se perguntar se o ponto de vista a partir do qual se contava a cena precisava partir sempre deles próprios. Insatisfeitos com essa limitação, eles começaram a relegar o “eu narrador” a um segundo plano, explorando a visão de um terceiro, ou seja, um personagem que não fosse nem o observador convencional (aquele que escreve) nem aquele que é observado e, portanto, colocado como objeto da narração. No lugar desses dois, o Novo Jornalismo passou a contar histórias a partir do ponto de vista de um personagem que talvez nem sequer houvesse sido notado em uma narração convencional.

Como um jornalista poderia, no entanto, assumir esse novo ponto de vista? Ou, segundo o próprio Wolfe coloca a questão, como ele poderia penetrar acuradamente os pensamentos de outra pessoa? A resposta, que pareceu insuficiente a muitos críticos do Novo Jornalismo, era bastante simples: “entreviste-o sobre seus sentimentos e emoções, junto com o resto” (WOLFE: 2005, 55). Com isso, segundo Wolfe, o jornalista seria capaz de colocar no papel a visão de mundo do personagem, suas impressões da ação narrada, seu julgamento a respeito de acontecimentos específicos e de outros personagens envolvidos naquela ação.

Por último, o Novo Jornalismo utilizava o registro de detalhes da cena – segundo Tom Wolfe, o recurso menos entendido de todos.

Trata-se do registro de gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do

dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena (WOLFE: 2005, 55).

Ou seja, Wolfe identificava nos textos do Novo Jornalismo uma preocupação inédita com as particularidades de cada personagem que poderiam melhor caracterizá-lo para o leitor. Era, nas palavras dele, uma espécie de autópsia social, como fazia Balzac em seus textos ficcionais, pinçando detalhes que em princípio seriam dispensáveis para a compreensão da cena, mas que tinham o poder de – um a um – agregar um conhecimento a respeito dos personagens que chegava para os leitores de maneira disfarçada. O jornalista não precisava informar ao leitor que ele estava descrevendo, por exemplo, a classe social a que um personagem pertencia. Ao falar sobre seus gostos musicais, bebidas prediletas, vocabulário, maneirismos e os objetos de sua casa, essa caracterização acontecia naturalmente.

Esses quatro recursos herdados da literatura não foram incorporados ao Novo Jornalismo como ensinamentos extraídos de um manual. De fato, os protagonistas mesmos dessa mudança na imprensa americana não tinham o hábito de refletir sobre o que estavam fazendo. Eles não se preocuparam, em princípio, em estabelecer diretrizes para as novidades que experimentavam. Não se tratava, em resumo, de um movimento. Alguns deles utilizavam apenas um ou dois desses recursos; outros talvez usassem algum outro não listado por Wolfe. Por tentativa e erro, iam experimentando e incorporando novas técnicas à sua apuração e ao seu texto.

E como pano de fundo de toda essa transformação, figurava – segundo Wolfe – “uma vantagem tão óbvia, tão interna, que quase se esquece o poder que ela tem: o simples fato de o leitor saber que tudo aquilo realmente aconteceu” (WOLFE: 2005, 57). Em relação a essa premissa, não faltaram críticos para dizerem que era impossível que aqueles jornalistas estivessem sendo fiéis à realidade, uma vez que descreviam detalhes que teria sido impossível notar, diálogos precisos demais, olhares, sentimentos e até pensamentos. Mas o fato é que – com o tempo – venceu a credibilidade de pessoas como Gay Talese e Tom Wolfe, que faziam um jornalismo diferente, mas que não deixava de ser jornalismo, uma vez que contava histórias reais e que interessavam à população. Nas palavras de Humberto Werneck, “não há, no que escreve Gay Talese, nada que não tenha sido pinçado da realidade e exaustivamente checado e conferido antes de baixar ao papel. É jornalismo” (WERNECK: 2004, 524).

2.3 A Revista *Realidade*

A Revista *Realidade* foi uma publicação da Editora Abril, lançada em 1966 e editada por dez anos consecutivos. No Brasil, ela constituiu o primeiro esforço jornalístico consistente no sentido da produção de matérias mais aprofundadas que a da imprensa convencional e com uma linguagem e um estilo diferenciados – em paralelo, portanto, ao que acontecia no Novo Jornalismo norte-americano. De acordo com José Salvador Faro, os recursos discursivos da revista adquiriram as formas literárias e ficcionais de narrativa “que ampliaram sua penetração junto ao público leitor, transformando-a numa fonte de conhecimento e de disseminação dos novos padrões culturais da época em que existiu” (FARO: 1999, 4). A revista, portanto, estava conectada ao seu tempo tanto no que se referia aos temas tratados como à linguagem utilizada e aos métodos de apuração, que valorizavam o investimento de tempo, esforço e dinheiro na construção de textos longos e ricos em detalhes.

Como nos EUA, o que possibilitou a criação de uma revista como essa foi o momento apático que vivia o mercado jornalístico nacional. As universidades brasileiras já vinham havia vários anos introduzindo na formação dos jornalistas os conceitos herdados das imprensas americana e britânica: objetividade, concisão e discrição. A linguagem tornava-se cada vez mais uniforme e distanciada do leitor. Quanto às revistas, predominavam publicações semanais que com pautas superficiais e publicações mensais que focavam em interesses específicos. Havia espaço, portanto, para uma revista como a *Realidade*, que propunha discussões diferenciadas, mas viscerais.

Não podemos dizer, no entanto, que a revista já nasceu com uma ideia bem formada do novo jornalismo que pretendia fazer. Naquele momento, o que se observava na redação de *Realidade* era um laboratório em que se experimentava uma nova forma de se contar histórias. Exemplo de uma primeira fase dessa transformação é a entrevista com a atriz sueca Ingrid Thulin feita pela jornalista italiana Oriana Fallaci e publicada no primeiro número de *Realidade*. Essa entrevista, como explica José Salvador Faro, foi feita de forma convencional, “sem que a repórter buscasse acompanhar a globalidade subjetiva da entrevistada – como *Realidade* faria em sua primeira fase de existência” (FARO: 1999, 94) – de 1966 até 1968. A entrevista tratava de assuntos ainda fechados à discussão pública no Brasil, e compunha um retrato da entrevistada frente ao conservadorismo brasileiro. Desse modo, ousava no tema, mas ainda avançava pouco no formato. A entrevista já constituía o que poderia ser chamado de perfil, mas não

estava construída com todos os elementos que passariam a compor os perfis feitos por *Realidade* e, décadas mais tarde, por *piuí*.

Poucos meses depois, no entanto, já era possível observar mudanças substanciais na forma como os jornalistas se entregavam aos perfis que escreviam para a revista. No número de abril de 1966, *Realidade* trouxe o perfil do economista e então Ministro do Planejamento Roberto Campos, escrito pelo repórter Alessandro Porro. O ministro era o alvo principal das críticas que se faziam ao modelo econômico implantado pelo governo militar, e era de se esperar que uma matéria sobre ele fosse eleger esse tema como fundamental. O perfil feito por Porro, entretanto, deixava essas questões de lado. Como explica José Salvador Faro,

O repórter reconhecia em Campos uma personalidade controversa, mas preferia defini-lo como ‘um dos menos conhecidos homens públicos brasileiros’. O foco da matéria, assim, era o do cotidiano do Ministro, sua vida pessoal, seu trabalho, seus hábitos e predileções; um demorado convívio com sua intimidade caseira, sonhos, amores, família, dados biográficos (FARO: 1999, 148).

Para Faro, os elementos textuais de matérias como essa resvalavam para a fluência das ideias e diálogos, mas se tornavam pálidos porque não traziam a polemização. No entanto, essa era uma escolha editorial da revista que – independentemente do que a motivasse – não eliminava o fato de que um novo modo de se fazer jornalismo estava sendo testado nas páginas da revista. Ainda segundo Faro, o perfil feito por Alessandro Porro “é o que marcou a linha de trabalho jornalístico de *Realidade*: ele emergia da configuração das circunstâncias e do ambiente que cercavam o entrevistado” (FARO: 1999, 148).

Essa configuração é identificável em diversos perfis publicados na revista, sobretudo em seus primeiros anos, antes que o Ato Institucional número 5 cerceasse a liberdade editorial da imprensa brasileira. Os jornalistas eram estimulados a dedicar muito mais que um dia de trabalho ao personagem – viajavam com ele, comiam com ele, o entrevistavam várias vezes, ouviam suas conversas e prestavam atenção aos detalhes de suas relações com as outras pessoas, à maneira como se vestia, como falava, como andava etc. Com isso, o repórter obtinha um rico material de observação, que lhe permitia humanizar a matéria ao máximo.

Sérgio Vilas-Boas chama atenção para as seguintes características dos textos biográficos de *Realidade*:

Imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensíveis; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da às vezes indecifrável mas sempre fascinante personalidade humana. (VILAS-BOAS: 2003, 24)

3. Aspectos teóricos da reportagem

Ao construir o texto de uma reportagem, o jornalista dispõe de duas ferramentas básicas para comunicar os fatos ao leitor: a narrativa e a descrição. Sobre essas duas condições, Antonio Olinto explica que ambas cercam o homem e tudo o que ele faz e se interpenetram, formando, às vezes, uma única condição. “E, tanto na vida real, nos gestos de cada instante, como no que escrevem, o ser humano está dentro das limitações do tempo e do espaço, que são sua angústia e sua grandeza”. (OLINTO: 2008, 39)

A narrativa é a ferramenta utilizada para organizar os eventos no tempo, em uma seqüência de fatos, enquanto a descrição é usada pelo jornalista para situar os objetos, as pessoas, os acontecimentos, num determinado lugar. Ou seja, a narrativa está ligada ao tempo, enquanto a descrição está ligada ao espaço.

O uso dessas duas ferramentas, no entanto, responde a determinadas regras que tentaremos explicar neste capítulo.

3.1 Estrutura narrativa

De acordo com Nilson Lage, “do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante” (LAGE: 2006, 17). Essa definição, como o próprio autor explica, indica que a notícia não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los. A narrativa, na realidade, deve ser mais corretamente qualificada como gênero literário de tradição assentada no épico.

Ainda assim, é evidente que a narrativa é amplamente utilizada pelo jornalismo como método para a exposição dos fatos, já que é preciso explicar os acontecimentos levando em consideração não somente o espaço em que se dão e os objetos que compõem esse espaço, mas também a seqüência em que eles se dão. O eixo que orienta a narrativa, afinal, é justamente esse: a organização dos eventos em seqüência, reproduzindo a ordem original dos fatos.

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), o tratamento narrativo da notícia é o que dá origem à reportagem. A notícia, segundo os autores, carrega a potencialidade de uma narrativa. Fica claro, com isso, que notícia e reportagem são distintas, mas o que as diferencia?

O elemento fundamental – mas não único – responsável por essa distinção é o tempo. Enquanto a notícia é o anúncio de determinado fato – necessariamente, portanto, atrelada ao que é recente –, “a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo” (SODRÉ & FERRARI: 1986, 18). A reportagem, portanto, embora não prescindida de atualidade, tem por vocação a análise dos significados. Ela tenta reconstituir a sequência dos fatos, por meio da narrativa, apoiando-se na ação e no detalhamento, e tentando reproduzir os acontecimentos, realizando-os para o leitor. Segundo os autores, esse discurso, do tipo narrativo e detalhado – “e que sobretudo parece reger-se por leis próprias – está muito próximo do da reportagem de ação, em que, à maneira de uma história de aventuras, os fatos se sucedem à vista do leitor” (SODRÉ & FERRARI: 1986, 21). Vemos novamente, portanto, uma aproximação do texto jornalístico ao texto literário, que se dá quando o repórter conta com tempo para não somente anunciar os fatos, mas para narrá-los com profundidade e riqueza de detalhes.

Nilson Lage (2006) menciona três aspectos marcantes da narrativa, que devem ser considerados em qualquer texto que priorize o método narrativo:

O primeiro é que não há uma regra que determine a escolha da ordem dos acontecimentos. O narrador elege as etapas da sequência arbitrariamente, guiado somente por sua própria estratégia narrativa.

O segundo é que cada evento da sequência pode ser fracionado, dando origem a uma narração mais detalhada e, portanto, com um ritmo mais lento. O limite para esse fracionamento não é outro senão o grau de conhecimento dos fatos pelo narrador. Quanto mais detalhes ele conhece de cada etapa da sequência, mais pode alongar a narração.

Finalmente, o terceiro aspecto diz respeito ao fato de que a narrativa, por ter como base uma sequência de fatos, sugere relações causais. Se eu escrevo a frase “Começou a chover e mulher abriu um guarda-chuva”, fica subentendido que essa mulher abriu o guarda-chuva porque começou a chover. Nilson Lage deixa claro, no entanto, que a sequência sugere uma relação causal, mas não a afirma. Por mais evidente que pareça que a causa de a mulher ter aberto o guarda-chuva foi o início da chuva, isso não está dito no texto, mas apenas sugerido. A relação causal, neste caso, é construída no pensamento do leitor por meio de uma dedução lógica.

Esse último ponto deixa claro que a recepção da mensagem transmitida pelo texto

Não é um processo passivo, o que deixaria a audiência submetida ao discurso do emissor. Ela envolve atividade de inferência, escolha de sentidos e percepção conforme o contexto da enunciação (a condição em que é feita), do enunciado (o que vem antes, o que vem depois) e o estoque de memória de cada receptor (LAGE: 2006, 18).

3.2 Foco narrativo

Vimos que o tratamento narrativo da notícia, que é o método utilizado na reportagem, toma normalmente a forma de um discurso que parece reger-se por leis próprias. Isso significa que o narrador tem a capacidade de dar ao leitor a impressão de que a história se conta a si própria. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, os fatos, nesse caso, não são mais anunciados, mas enunciados – o texto “exprime a manifestação desses fatos através de um discurso que se oculta como discurso: não se percebe que há alguém narrando” (SODRÉ & FERRARI: 1986, 21). Uma questão importante que se coloca aqui, e que analisaremos neste tópico, é a do foco narrativo, ou ponto de vista.

De acordo com Ligia Moraes Leite (2002), a teoria do foco narrativo começa a se constituir mais sistematicamente a partir dos prefácios do escritor Henry James aos próprios livros, no final do século XIX e início do XX. Nesses textos, em nome da verossimilhança, ele ataca a narrativa em primeira pessoa, e diz que o ideal

É a presença discreta de um narrador que, por meio do contar e do mostrar equilibrados, possa dar a impressão ao leitor de que a história se conta a si própria, de preferência, alojando-se na mente de uma personagem que faça o papel de refletor de suas idéias. Uma espécie de centro organizador da percepção, que tenha uma rica sensibilidade, uma inteligência penetrante, para a expressão da qual têm de ser trabalhados coerentemente os outros elementos da narrativa: da linguagem ao ambiente em que se movimentam as personagens. Dá-se aí o desaparecimento estratégico do narrador, disfarçado numa terceira pessoa que se confunde com a primeira. (LEITE: 2002, 13).

O que deve ser destacado das opiniões de James não é exatamente sua preferência por um narrador discreto em terceira pessoa – posteriormente reforçada pelas teorias do crítico inglês Percy Lubbock – mas o fato de que essa questão estava

sendo problematizada. Pela primeira vez, a crítica literária refletia sistematicamente sobre a possibilidade e as vantagens de o autor mover-se entre distintos pontos de vista da narração. Sobre essa possibilidade, o escritor E. M. Forster disse, atacando o dogmatismo de críticos como Lubbock, que chegou a considerar “arte da ficção” somente os textos em que não há interferências do narrador:

Somos mais estúpidos em algumas ocasiões que noutras; podemos penetrar na mente das pessoas, às vezes, mas não sempre, porque o nosso próprio intelecto cansa: e esta descontinuidade empresta, no decorrer do tempo, variedade e colorido às nossas experiências (FORSTER apud LEITE: 2002, 17).

Mas como se dá, então, essa descontinuidade? Vários autores criaram teorias sobre o foco narrativo, enumerando e explicando os diferentes tipos de narrador, mas vamos utilizar a topologia traçada por Norman Friedman, concentrando-nos nas respostas à seguinte pergunta: “quem conta a história?”.

Autor onisciente intruso: De acordo com Ligia Moraes Leite, esse é o tipo de narrador que tem a liberdade de narrar à vontade, adotando um ponto de vista divino, a partir do qual tem conhecimento sobre todos os elementos da história, inclusive sobre os pensamentos, desejos e sentimentos dos personagens. Ele pode também narrar “da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se a narrar como se estivesse de fora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições” (LEITE: 2002, 27). Leite cita como exemplo o romancista Machado de Assis, que em vários de seus livros comenta os acontecimentos narrados, freando a história e até mesmo se colocando no ponto de vista dos leitores, simulando uma apreciação de fora das ações e reações dos personagens. Quem narra, portanto, é “um eu que tudo segue, tudo sabe e tudo comenta, analisa e critica, sem nenhuma neutralidade” (LEITE: 2002, 29).

Narrador onisciente neutro: Esta categoria se distingue da anterior somente pela ausência de instruções e comentários sobre a história e os personagens. Fica evidente para o leitor a presença de um narrador que domina todos os elementos da história, mas este já não se anuncia por meio de intromissões óbvias na narrativa.

Narrador-testemunha: Neste caso, a narrativa é feita em primeira pessoa, a partir de uma posição já interna à narrativa. Quem conta a história é um eu que vive os acontecimentos descritos como personagem secundária, ou seja, que faz parte da história, e que se torna, com isso, capaz de transmitir os acontecimentos ao leitor com

maior verossimilhança. Isso porque o narrador está lá, ele próprio vivendo a história e estabelecendo uma relação direta com os demais elementos da narrativa. Por outro lado, o ângulo de visão dos acontecimentos, neste caso, é mais limitado, já que – como personagem secundária – o narrador já não é capaz de enxergar tudo o que acontece. Segundo explica Ligia Moraes Leite, ele narra desde um lugar que se pode chamar de periferia dos acontecimentos.

Narrador-protagonista: Como na categoria anterior, este narrador em primeira pessoa já não é onisciente. Ele narra de dentro da história, mas agora a partir de uma posição central. Ele é o personagem principal da história. Apesar disso, tanto quanto o narrador-testemunha, está limitado às suas percepções, pensamentos e sentimentos.

Onisciência seletiva múltipla: Nesta categoria, já não existe a figura evidente do *eu* narrador. “A história vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas” (LEITE: 2002, 47). O discurso típico é o indireto livre, que transmite os acontecimentos com ângulos de visão que podem ser vários ao longo do texto, misturando a fala do narrador à fala dos personagens. A narrativa exterior, neste caso, pode se fazer interior em determinados momentos, ao revelar pensamentos e sentimentos de diferentes personagens, sem compromisso com um ponto de vista único.

Onisciência seletiva. Como na categoria anterior, o discurso aqui predominante também é o indireto livre, em terceira pessoa. No entanto, ele está limitado a um único personagem. As sensações e os pensamentos desse personagem, ao serem revelados por meio do discurso indireto livre, fazem com que haja uma simbiose entre narrador e personagem, a ponto de ser difícil distingui-los em algumas passagens.

Modo dramático. Aqui, limita-se a interferência do narrador a ponto de não se transmitirem ao leitor os estados mentais dos personagens. A informação que chega ao leitor, neste caso, fica restringida ao que os personagens fazem ou falam, como se assistíssemos a uma peça de teatro. “Ao leitor, cabe deduzir as significações a partir dos movimentos e palavras das personagens” (LEITE: 2002, 58), o que não deixa de ser um recurso importante. De fato, textos que utilizam esse foco narrativo costumam ser pródigos em subentendidos, uma vez que são montados sobre o recurso da pressuposição, muitas vezes por meio também de diálogos.

Câmera: A última categoria estabelecida por Friedman leva ao máximo a “exclusão do autor”, da qual se aproxima gradualmente cada uma das categorias explicadas até aqui. Neste caso, o narrador tenta transmitir não mais do que flashes da

realidade, de maneira arbitrária e mecânica, num esforço de neutralidade – ainda que essa neutralidade seja dificilmente alcançada, uma vez que sempre haverá a subjetividade do autor por trás da narrativa.

Percebemos que desde a primeira categoria – em que o narrador tem liberdade total para interferir na narrativa – até a última – em que se busca a exclusão completa do autor – a classificação de Friedman caminha no sentido de um conceito de objetividade. Ou seja, caminha no sentido do princípio segundo o qual a narrativa deveria contar-se a si mesma, sem a intervenção de um narrador. Este princípio, que ganhou força sobretudo com a literatura realista, sugere, como queria Percy Lubbock, que um texto em que há intervenção do narrador não está mostrando a história, mas sim contando uma história. Essa distinção entre contar e mostrar é fundamental na crítica de Lubbock – ele deixa subentendido que a vocação da “arte da ficção” é mostrar a história ao leitor, ou seja, transmitir a ele os acontecimentos com o mínimo de intervenção, e seguindo, assim, uma visão realista.

A expressão desta visão, que sustentou grande parte da produção de romances no século XIX, entrou em crise no século XX. O que havia sido vanguarda cem anos antes, passou a ser questionado pela literatura moderna. Por que, afinal, o narrador deveria se ater a um ou outro ponto de vista? Por que o autor deveria buscar sempre se esconder por trás de um discurso indireto em terceira pessoa, negando sua própria subjetividade? Nas palavras de Ligia Moraes Leite, “no nosso século a narrativa se fragmenta em múltiplos centros. Entramos a desconfiar das visões totalizadoras e explicativas do universo, porque o vemos fragmentado, dividido e caótico” (LEITE: 2002, 71). Ao mesmo tempo em que a pintura abolia a perspectiva – que esconde o fato de que a própria pintura é uma convenção – no romance do século XX,

Abala-se a cronologia, fundem-se passado, presente e futuro, estremecem os planos da consciência e o onírico invade a realidade; assume-se e se expõe o relativo na nossa percepção do espaço e do tempo; desmascara-se o ‘mundo epidérmico do senso comum’, denunciado como simples aparência; a distensão temporal é revirada pelo avesso, pela fusão do presente, do passado e do futuro, pela criação de uma simultaneidade que altera radicalmente não apenas as estruturas narrativas mas também a composição da própria frase que perde seus nexos lógicos. (LEITE: 2002, 72)

Essas mudanças, evidentemente, estiveram ligadas não somente a concepções artísticas modernas, mas a uma visão de mundo em transformação, que se reflete em todas as áreas da vida. No que se refere ao jornalismo, elas afetam não somente os aspectos técnicos da narrativa, mas as concepções básicas que fundamentam o ofício. Afinal, se a vocação principal do jornalismo é narrar os fatos e preocupar-se com a verdade, qual é o ponto de vista que o narrador deve assumir? Até onde devem ir suas intervenções na narrativa, e – no outro extremo – até que ponto é possível alcançar o relato objetivo? Como na literatura, o que observamos nas reportagens produzidas no bojo do Novo Jornalismo é a perda do centro – a fragmentação do narrador em uma voz sem rosto, mas diretamente envolvida nos eventos que narra. É de se imaginar que o narrador de uma reportagem tem de aceitar muito mais limitações que as de um romance, uma vez que ele tem um compromisso com a reprodução fiel de fatos reais. No entanto, a familiaridade do repórter com os diferentes focos narrativos utilizados na literatura dão a ele a possibilidade de contar a história com uma riqueza de detalhes e pontos de vista que seriam impossíveis para o jornalista que se atém a uma busca implacável pelo distanciamento entre o narrado e a narração.

É evidente, portanto, que as categorias de foco narrativo descritas por Norman Friedman, estudadas por críticos literários e pensadas eminentemente para obras de literatura, servem bem ao estudo da narrativa jornalística, sobretudo quando falamos dos textos de jornalismo literário. Com efeito, utilizaremos mais à frente o conceito de foco narrativo para analisar distintos pontos de vista utilizados em perfis da Revista *piauí*.

3.3 Pesquisa

As reportagens literárias de vários dos jornalistas já citados aqui – entre eles, Gay Talese, Joseph Mitchell, Tom Wolfe e Alessandro Porro – têm um aspecto em comum necessário à construção do texto narrativo detalhado e que se beneficia de pontos de vista próximos aos personagens da história: todas elas são possíveis somente após em amplo trabalho de pesquisa por parte do repórter. Já dissemos que entre as técnicas diferenciadas trazidas pelo Novo Jornalismo americano estavam a construção da narrativa cena a cena, a reprodução de diálogos e o registro de detalhes de cada acontecimento. Mas para que essas técnicas sejam utilizadas com respeito à precisão das informações, o repórter tem muitas vezes que ir além da mera observação.

Ainda que a reportagem tenha como foco um único personagem, como é o caso da maioria dos perfis, o jornalista terá dificuldades para entregar um texto rico em detalhes e visões distintas se ativer sua atenção somente às entrevistas com essa fonte principal, e se não estiver disposto a buscar informações alternativas que complementem e confrontem a apuração central da matéria. De acordo com Nilson Lage,

Se a fonte A dá uma versão, a fonte B outra e a fonte C uma terceira, contraditórias ou só parcialmente coincidentes, de um evento, deve haver uma quarta versão que corresponda ao que realmente aconteceu. Frequentemente, essa versão mais completa ou correta está disponível em algum lugar, pode ser investigada e recuperada (LAGE: 2011, 133).

Os caminhos para recuperá-la são muitos, mas alguns pontos fundamentais devem ser observados.

Em primeiro lugar, devemos considerar que boa parte das etapas que envolvem os acontecimentos da vida moderna – por menos insignificantes que pareçam em princípio – são documentados em alguma medida, e, portanto, deixam rastros burocráticos que servem bem ao jornalista que saiba buscá-los. No livro-reportagem *O Reino e o Poder* (2000), sobre o jornal americano *The New York Times*, Gay Talese faz uso de diversos textos publicados no jornal e também de documentos produzidos por jornalistas do diário, ou que os mencionam. No primeiro caso, foi necessário já um trabalho de pesquisa, ainda que simples, uma vez que o acervo do jornal estava disponível em microfilmes públicos. (Hoje, pode ser encontrado até mesmo na Internet). Já no segundo caso, Talese teve de reunir documentos que não estavam disponíveis em nenhum banco de dados público. Nesse caso, a pesquisa demandou contatos pontuais com fontes que precisavam ser convencidas a colaborar com o jornalista. De qualquer forma, o material reunido enriqueceu o livro enormemente, fornecendo informações que ele não teria conseguido de outra maneira.

Pesquisas como essa, no entanto, demandam tempo, e talvez seja esse um dos principais desafios que o jornalismo diário enfrenta na busca por matérias completas e precisas. De acordo com Nilson Lage, o jornalista trabalha obedecendo a pautas e prazos, enquanto “pesquisa exige tempo e tem resultados incertos. Empresas jornalísticas frequentemente resistem à ideia de deslocar um profissional do trabalho

rotineiro para um processo de investigação” (LAGE: 2011, 135). Entre outros desafios que envolvem a pesquisa, Lage menciona a dificuldade em interpretar tabelas, números e arquivos, que pressupõem um exercício de lógica nem sempre clara; e a burocracia das instituições governamentais, sobretudo no Brasil.

Nilson Lage faz, ainda, uma objeção específica à pesquisa para as reportagens que usam os métodos do Novo Jornalismo. Segundo ele, a consistência que se espera de um texto literário implica o acesso a um conjunto impossivelmente amplo de dados objetivos que habilitem o narrador a aparentar onisciência. “É extremamente difícil, em situações reais, juntar o volume de informações necessário à produção de um texto literário – ainda que se disponha de tempo ilimitado para pesquisa” (LAGE: 2011, 141). As soluções, segundo ele, apontam para caminhos que fariam o texto deixar de ser jornalístico. “Ou se acrescentam dados fictícios, possíveis mas não comprovados, ou se misturam dados de diferentes episódios para compor um só. Em ambos os casos, deixa-se de praticar jornalismo e passa-se a praticar literatura” (LAGE: 2011, 141).

Cabe ressaltar, entretanto, que apesar de Lage afirmar que os métodos do Novo Jornalismo não se prestam à maioria dos textos destinados à informação pública, ele os considera adequados para alguns gêneros jornalísticos, entre eles o perfil.

3.4 Entrevista

Há sempre três envolvidos em uma entrevista jornalística: a fonte da informação (entrevistado), o repórter (entrevistador) e o receptor (leitor, ouvinte, espectador etc). Mas o produto que emerge dessa relação tripla pode se constituir em meras respostas pré-pautadas ou em real comunicação. Evidentemente, é o segundo resultado que se espera na maior parte das entrevistas, sobretudo naquelas que ajudarão a compor um perfil jornalístico. De acordo com Cremilda Medina, a entrevista não será um braço da comunicação humana se encarada como simples técnica. Esta “não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo” (MEDINA: 2008, 5). Para ir além, segundo ela, o entrevistador precisa se livrar de questionários dirigistas e ideias preestabelecidas, e criar um diálogo interativo com o entrevistado, interligando-se a ele e aos leitores em uma única vivência. Uma vez que ele consegue isso,

A experiência de vida, o conceito, a dúvida, o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para

se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. (MEDINA: 2008, 6)

Medina menciona diferentes classificações das entrevistas, que buscam identificar alguns padrões de postura e busca de resultados por parte do entrevistador. No entanto, ela diz que em uma classificação sintética da entrevista na comunicação coletiva, podemos distinguir dois grupos principais: entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano; e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo. Em harmonia com essa polarização, ela cita a divisão pensada pelo filósofo Martin Buber entre a posição do entrevistador como propagandista e a posição do educador.

No primeiro caso, está o entrevistador que impõe sua própria figura à do interlocutor. Ele chega à entrevista com um pensamento já formado sobre os objetivos que pretende alcançar e sobre as frases que deseja ouvir do entrevistado. Faz do interlocutor um mero veículo para mensagens pré-fabricadas, que serão encaixadas em uma matéria previamente formatada. Um exemplo rotineiro desse tipo de entrevista está nos jornais televisivos, que frequentemente mandam seus repórteres para a rua com perguntas prontas e, o que é muito pior, com a ideia já formada das respostas que o editor do jornal precisará para montar sua matéria como desejado. Não é raro que o repórter se veja obrigado a induzir uma resposta específica de seu entrevistado, que entrará na matéria desprovida de contexto, dando base a uma tese anterior à matéria, costurada na ilha de edição.

No segundo caso, está a entrevista não-impositiva e não-diretiva. O entrevistador proporciona a abertura do pensamento, confiando no que Medina chama de “força primitiva”, que encontra espaço para fluir entre entrevistado e entrevistador, dando origem a um diálogo real. E o resultado desse diálogo é um enriquecimento informativo. “O centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação” (MEDINA: 2008, 11).

Evidentemente, é como educador, e não como propagandista, que o jornalista que produz um perfil faz chegar ao leitor informações relevantes sobre seu personagem. É importante dizer, ainda, que a entrevista com a pessoa perfilada é uma ferramenta de utilidade inquestionável na construção do perfil, mas não totalmente necessária. Prova disso é que um dos perfis mais conhecidos da história do jornalismo foi escrito sem que

o repórter chegasse a trocar uma palavra com o protagonista. Em “Sinatra está resfriado” (2004), Gay Talese traçou o perfil de Frank Sinatra fundamentalmente a partir da observação, da pesquisa e de entrevistas com pessoas que conheciam o músico ou que já haviam estado de alguma maneira ligadas a ele.

Cabe destacar também que, ainda que o repórter consiga uma ou mais entrevistas com seu protagonista, continua sendo fundamental buscar entrevistas com outras fontes e com personagens secundários. Assim como o trabalho de pesquisa, essas entrevistas fornecerão um quadro mais completo para o jornalista a respeito de seu personagem. Afinal, o repórter tem por obrigação desconfiar sempre, e – ainda que o perfilado se disponha a colaborar – devemos considerar que nenhum entrevistado dirá tudo aquilo que gostaríamos de saber sobre ele.

3.5 Estrutura descritiva

Todo relato é constituído de narração, mas também de descrição. São processos que aparecem sempre vinculados, uma vez que é impossível pensar nos objetos de uma cena sem associá-los ao contexto que os cerca, do mesmo modo que seria impossível traçar a sequência de acontecimentos quaisquer sem ao menos desenvolver algum tipo de explicação sobre os elementos que compõem esses acontecimentos. Ainda assim, de acordo com Oswaldo Coimbra (1993) – que se baseou no livro *A articulação do texto*, de Elisa Guimarães (1990) –, é possível identificar a descrição como uma das três matrizes da reportagem, juntamente com a narração e a dissertação, e analisar sua estrutura de maneira independente das demais.

Segundo Guimarães, toda descrição contém elementos encerrados em três categorias:

Tema-chave: é o elemento mais geral da descrição. Um exemplo seria “a praia”.

Sub-temas: são os elementos que compõem o tema-chave. No nosso exemplo, seriam a areia da praia, a água, a vegetação, os quiosques etc.

“Expansões predicativas”: são as atribuições de qualidades ou ações aos sub-temas. Ainda usando nosso exemplo, estaríamos fazendo uso das expansões predicativas ao dizer que “a água é gelada”, ou “a areia é suja”.

Coimbra ressalta que dificilmente um texto é elaborado com os elementos próprios de um único modo de organização. Com frequência, ele é apenas preponderantemente narrativo, dissertativo ou descritivo. Em reportagens, o texto segue

muitas vezes uma linha descritiva central, pontuada por recursos narrativos que, segundo SODRÉ & FERRARI, agregam valor à matéria. A descrição, segundo eles, é dinamizada por situações que não exercem importância fundamental no texto, mas que o enriquecem, alterando, inclusive, seu ritmo.

Um outro ponto levantado por Oswaldo Coimbra, relevante principalmente para as reportagens de cunho biográfico, como o perfil, diz respeito à comunicação não-verbal de que se beneficia a descrição. Segundo o autor,

É, sobretudo, através da comunicação face a face, possibilitada pelas entrevistas, que o jornalista observa as pessoas que se tornarão personagens de seus textos. Há, portanto, uma dualidade – pessoa/personagem – diante da qual está permanentemente o jornalista e com a qual é obrigado a conviver sempre, correspondente à dupla dimensão do seu trabalho – a de repórter, captador de informações do mundo real, e a de redator, estruturador de textos (COIMBRA; 1993, 20).

4. O perfil

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, o perfil jornalístico significa enfoque na pessoa, na vida do protagonista de uma história. Segundo os autores, o repórter tem, via de regra, dois tipos possíveis de comportamento diante da descrição deste protagonista: “ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência” (SODRÉ & FERRARI: 1986, 126). Ou seja, o jornalista pode optar pela entrevista clássica, em que se coloca como um narrador alheio ao objeto descrito, seguindo a tradição do jornalismo britânico, ou pode deixar evidente que quem fala é o narrador. Neste caso, o jornalista recupera as informações obtidas na entrevista para apresentar seu personagem a partir de um lugar privilegiado – houve um encontro com o personagem, e isso fica evidente no texto.

Os autores falam ainda sobre um terceiro modo de construção do perfil, que combinaria esses dois modelos. Neste caso, segundo eles,

Temos um narrador que desconhece seu personagem e relata a experiência do encontro no momento em que ele se dá. Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado (SODRÉ & FERRARI: 1986, 131).

Este modelo é o que geralmente é utilizado pela Revista *piauí*. Caracteriza-se, sobretudo, pelo compartilhamento com o leitor de uma experiência envolvendo o jornalista e o entrevistado. Ambos estão no momento em que se dão os fatos relatados, que são transmitidos ao leitor com uma intensidade impossível nos relatos e entrevistas distanciados do jornalismo convencional.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari fazem, ainda, uma distinção entre perfil e miniperfil. Este segundo, para eles, aparece quando o relato principal da história é interrompido para dar lugar a uma rápida descrição de um ou mais personagens secundários. Livros-reportagem, por exemplo, costumam ser repletos de miniperfis, já que o tamanho do texto permite ao jornalista explorar detalhes de diversos personagens que não teriam lugar em um perfil de jornal ou revista.

Outras duas definições para os perfis são mencionadas por Sérgio Vilas-Boas (2003): Steve Weinberg os chama de biografia de curta duração e Oswaldo Coimbra, de

reportagem narrativo-descritiva de pessoa. Mas o que fica evidente em todas essas definições é que o centro de qualquer perfil é o protagonista. De fato, é impossível pensar em um perfil que não se preocupe fundamentalmente em descrever um personagem, ainda que cada repórter tenha à sua disposição aspectos distintos desse personagem e que cada texto acabe enfocando em alguns desses aspectos.

Os perfis começaram a aparecer ocasionalmente em periódicos no final do século XVIII, mas foi somente a partir da década de 1930 que a imprensa começou a dedicar esforço periódico e espaço editorial para os relatos jornalísticos a respeito de pessoas. No início, a grande maioria dos personagens escolhidos era constituída de celebridades do mundo das artes, da política, dos esportes e dos negócios. De acordo com Sérgio Vilas-Boas, a expectativa era de que a matéria contribuísse para esclarecer “o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da pessoa, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior que o de uma simples notícia descartável” (VILAS-BOAS: 2003, 22).

Perfis que seguiam esse modelo inicial tornaram-se a marca registrada de revistas como *Esquire*, *Vanity Fair*, *The New Yorker*, *Life* e *Harper's*. No Brasil, *O Cruzeiro* e *Realidade* seguiram o mesmo caminho. Mas a revista que ficou realmente conhecida como precursora dos perfis, segundo *Vilas-Boas*, foi a *The New Yorker*, fundada em 1925, em grande medida por conta da contratação do jornalista Joseph Mitchell, já citado aqui. A grande mudança que este repórter trouxe para a imprensa foi o interesse que ele despertou por personagens anônimos, que não mereceriam – segundo a concepção vigente – um lugar nas páginas de uma revista. Ele escreveu perfis de operários, professores, pescadores e marinheiros, trazendo, com isso, o foco para as características humanas do personagem – comuns, portanto, a todos. Seu perfil mais conhecido é sobre um literato maltrapilho formado em Harvard que vagava pelas ruas de Nova York e que dizia-se o último boêmio vivo, em vias de escrever a história oral da humanidade. Era um texto que fascinava os leitores não porque trazia luz aos segredos de uma celebridade, mas porque revelava os aspectos notáveis de um personagem aparentemente secundário.

Essa maneira de enxergar os personagens e os perfis encontrou em diversos jornalistas um caminho para se desenvolver, mas não chegou ao século XXI com a mesma força da década de 1960. Hoje, segundo Vilas-Boas, “as condições materiais e humanas são desfavoráveis a um jornalismo visceral como o daquele tempo. As ideias têm de nos acudir já bastante enxutas e ligeiras” (VILAS-BOAS: 2002, 11). Isso tem

dois significados: em primeiro lugar, o público leitor, por conta do ritmo de vida acelerado a que nos acostumamos, passou a considerar os periódicos um espaço exclusivo para as notícias rápidas, que possam ser consumidas no intervalo de uma viagem de ônibus ou durante a espera em um consultório médico. O tamanho do texto passou a ser uma questão determinante para que ele fosse lido ou não, o que acabou reforçando a técnica da pirâmide invertida – se corre-se o risco de que uma ou mais informações de determinado texto não sejam lidos, o lugar delas é no pé da matéria. Em segundo lugar, os jornais e revistas – por conta dessa mesma alteração dos padrões de consumo da informação – passaram a investir cada vez mais em matérias sucintas, diretas e objetivas, que pudessem transmitir uma ideia principal ao leitor já no primeiro parágrafo e que em poucas linhas explicassem os detalhes do acontecimento. O que interessava – e ainda interessa na enorme maioria dos textos jornalísticos – era o fato. Mesmo as revistas, cuja vocação pode ser considerada a cobertura mais aprofundada, deixaram de lado os textos de dez páginas sobre um assunto ou pessoa, e passaram a funcionar como compêndio das principais notícias do mês ou da semana, ou como guias sobre temas específicos, com matérias leves e curtas. O resultado, enfim, é que tanto os jornais quanto as revistas vêm dando menos espaço para perfis construídos literariamente, com o investimento de tempo – e também financeiro – necessário para a apuração profunda que eles exigem.

A lógica industrial da pirâmide invertida, com seus leads e subleads, é inútil em perfil, segundo Vilas-Boas. Para ele, “informações e percepções não se acomodam em compartimentos estanques” (VILAS-BOAS: 2002, 10). Não é somente uma questão de espaço editorial, portanto. Os perfis são construídos de forma distinta dos textos jornalísticos publicados diariamente nas páginas dos jornais, com uma liberdade que tem mais a ver com as características do Novo Jornalismo americano do que com os métodos ensinados na universidade. Já falamos dessas características no primeiro capítulo, mas quais seriam algumas das particularidades da construção de um perfil?

Empatia: é a tendência para sentir o que sentiria caso estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa. Ou seja, é a capacidade que o homem desfruta de se colocar na posição do outro e, assim, receber o efeito – ou ao menos parte do efeito – das experiências vividas por esse outro. Quando uma pessoa se mortifica ao testemunhar o sofrimento alheio, ou sente-se acalentada ao ver uma injustiça ser reparada, o que está em ação é a empatia. E essa é uma característica fundamental de um perfil jornalístico, uma vez que o repórter tem em mãos a possibilidade de transmitir

ao leitor os efeitos das experiências vividas pelo perfilado, fazendo-o imaginar situações a partir do ponto de vista dos personagens.

Esse, evidentemente, é um método que transgride o conceito de distanciamento utilizado nas matérias jornalísticas convencionais. Nestas, o repórter se preocupa em descrever os fatos do ponto de vista de um observador que não poderia nem se interessa em trazer os sentimentos do personagem ao texto. O protagonista, nesse caso, é tratado como um elemento a mais da narração, tão necessário quanto os demais elementos para a lógica do encadeamento dos fatos.

A falta do gancho: Hoje, é difícil encontrar matérias jornalísticas desprovidas de um gancho, ou seja, de um fato novo e relevante que justifique a discussão sobre o assunto. O gancho é, de fato, a origem e a razão de se iniciar uma matéria. Os perfis, no entanto – ainda que possam, evidentemente, ser escritos a partir de um gancho – não estão necessariamente atrelados a essa condição. Quando um repórter como Joseph Mitchell decidia escrever o perfil de um estivador, ele não o fazia movido por um acontecimento específico, mas sim porque considerava que o perfil em si, independentemente de um fato novo, seria suficiente para interessar os leitores.

O repórter presente: Uma matéria jornalística convencional normalmente se esforça em esconder do leitor a figura do repórter. O conceito que se impõe é o de que os personagens e os fatos são a notícia, não o jornalista que a conta. Um perfil construído nas bases herdadas do Novo Jornalismo, no entanto, está livre dessa preocupação. A figura do repórter no texto é não somente aceitável, mas desejável. Como explicam Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, quando o narrador traz a experiência do encontro com o entrevistado para o presente, fazendo comentários e registrando suas impressões no momento em que se dá esse encontro, “o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado” (SODRÉ & FERRARI: 1986, 131).

Protagonismo: O caráter mais evidente de um perfil é a importância do protagonista – é para a trajetória dele que devem convergir as descrições e a narração contidas no texto. É possível, no entanto, encontrar matérias biográficas convencionais – que pouco se aproximam dos métodos do jornalismo literário – que se concentram em características externas do personagem, usando mais como referência dados abstratos do que a experiência humana. Esse tipo de matéria, de acordo com o pesquisador Edvaldo Pereira Lima, em entrevista a Vilas-Boas,

Apresenta-o através de coisas, números, dados sociais, achando que essas características externas, objetivas, constituem uma pessoa. Mas o protagonista só o é porque tem alguma coisa a dizer de dentro, não de fora. Em geral, o jornalista ilustra o fato com a historinha de alguém. No entanto, o que se quer na boa reportagem é encontrar o protagonista que vai irradiar o contexto sociocultural, as raízes históricas de um fato. O repórter encontra o protagonista de uma matéria por meio de sua própria impregnação na experiência humana (LIMA apud VILAS-BOAS, 2012)³.

O esforço dos jornalistas que se espelham nos textos do jornalismo literário é o de trazer o personagem por inteiro para a matéria – não apenas por meio de referências objetivas, sintéticas e abstratas, mas a partir da experiência de vida desse personagem, tão completa quanto possível. Ele está interessado em cada detalhe subjetivo que guia o personagem por sua trajetória.

O momento decisivo: Vilas-Boas faz uma comparação do perfil com o retrato, já que, segundo ele, “o protagonismo é um ímpeto eminentemente artístico” (VILAS-BOAS: 2002, 18). Alguns fotógrafos, por exemplo, optam por deixar que seus modelos ajam naturalmente, assumindo a pose que lhes venha à cabeça. Outros, seguindo o método do francês Henri Cartier-Bresson, ficam à espera do “momento decisivo” – aquele instante irrecuperável em que uma composição ou expressão se oferece ao artista como o ápice da ação. Com os perfis jornalísticos, segundo Vilas-Boas, acontece o mesmo. A diferença é que, para o repórter, todo encontro, se houver, é único e será sempre significativo.

Deduzimos a partir daí que o repórter que escreve um perfil deve estar atento a cada instante que diga respeito ao personagem. Deve prestar atenção a todos os detalhes que puder, construindo a partir da observação uma espécie de filme composto por uma sequência de momentos decisivos, que traçarão, enfim, o retrato do protagonista.

³ Disponível em http://www.sergiovilasboas.com.br/blog/?page_id=2793 – Acessado em 15/12/2012

5. O narrador em três perfis da Revista *piauí*

Neste capítulo, investigaremos a utilização dos quatro recursos do Novo Jornalismo americano mencionados no primeiro capítulo em três perfis da Revista *piauí*. Para tanto, elegemos textos de três repórteres distintos, compostos em momentos distantes entre si. Isso porque assim acreditamos que a análise estará menos sujeita a influências de um momento ou jornalista particular. Nosso objetivo é entender até que ponto a revista incorpora em seus perfis a herança do Novo Jornalismo, simplificada aqui em termos dos quatro recursos fundamentais enumerados por Tom Wolfe, descritos no segundo capítulo.

5.1 A revista

A Revista *piauí* é uma publicação mensal idealizada pelo documentarista João Moreira Salles e por Luiz Scharwcz, editor da Companhia das Letras, e fundada em outubro de 2005. É editada pela Editora Alvinegra, impressa pela Editora Abril e distribuída pela Dinap, do Grupo Abril. As últimas edições foram impressas em tiragens de 54.000 exemplares, com uma média aproximada de 70 páginas cada. O formato da revista é de 26,5 cm x 34,8 cm, e ela é impressa em papel especial de alta qualidade da Companhia Suzano de Papel e Celulose.

Os temas escolhidos pela revista são variados, denotando a ausência deliberada de uma linha editorial fixa. Algumas seções estão presentes em todas as edições, como a *Esquina* e a *Chegada*, mas o que predomina são textos narrativos longos não atribuídos a seções específicas. No site da Editora Abril, a revista é definida da seguinte maneira:

A piauí é uma revista diferente. Nela, você encontra grandes reportagens e pequenos artigos singelos, perfis reveladores e humor inteligente, informações relevantes e histórias nem tanto: política, literatura, economia, música, arquitetura, história, futebol e muita coisa por que você nunca imaginou se interessar. Optamos por um jornalismo com o privilégio do tempo. Preferimos o relato à opinião, o humor à indignação e a leitura por

prazer à leitura utilitária. Colocamos a qualidade do texto em primeiro lugar.⁴

Esta última frase é reveladora. Deixa claro que a intenção da revista é que o denominador comum de suas matérias – ou seja, o elemento que as justifica – seja a qualidade dos textos. Em tese, se uma matéria é curiosa, bem escrita e apurada à exaustão, ela pode ser publicada pela *piauí*.

Em entrevista para o jornal *Folha de S. Paulo*, concedida em julho de 2010, Moreira Salles define o conceito editorial da revista como “informação, surpresa e forma”⁵. Segundo ele, o grande diferencial com o qual conta a *piauí* é o tempo dedicado a cada matéria. Para compor o perfil de Dilma Rousseff, por exemplo, o repórter Luiz Maklouf Carvalho entrevistou mais de 70 pessoas, segundo o jornal. Com o caseiro Francenildo, Moreira Salles, conversou 20 vezes, além de ter lido cerca de 2.000 páginas de relatórios policiais e assistido à íntegra de todas as sessões da CPI dos Bingos nas quais algum envolvido aparecia. Para escrever o perfil de Fernando Henrique Cardoso, o próprio Moreira Salles acompanhou o ex-presidente em tempo integral durante onze dias, por sete aeroportos.

Ele explica, no entanto, que os perfis não estão preocupados somente em dissecar o dia-a-dia de personalidades, mas também em descobrir fatos interessantes a respeito de anônimos. Segundo ele,

Pode-se ler a *piauí* de dois modos: preocupado ou não com o andamento eficiente da vida. Para quem lê querendo compreender o país, os perfis políticos e econômicos funcionam muito bem. Mas existem também os leitores cujo compromisso maior é com a leitura inútil, no melhor sentido da palavra. Gostam de ser surpreendidos com pautas que jamais lhes passaram pela cabeça. Para esse tipo de leitor --e temos muitos-- Dilma ou Serra talvez sejam menos interessantes do que Fajardo, o touro cuja qualidade e pujança do esperma são responsáveis pelo maior número de bezerros espalhados Brasil afora. (SALLES, 2010)⁶

⁴ Disponível em <http://www.assineabril.com.br/portal/assinar/revista-piaui> - Acessado em 23/10/2012

⁵ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/774936-leia-entrevista-com-o-cineasta-joao-moreira-salles-publisher-da-piaui.shtml> - Acessado em 23/10/2012

⁶ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/774936-leia-entrevista-com-o-cineasta-joao-moreira-salles-publisher-da-piaui.shtml> - Acessado em 23/10/2012

Em relação ao tamanho das matérias publicadas pela revista, Moreira Salles defende que a preocupação dos editores é em dar a cada matéria o espaço que lhe cabe.

A piauí tenta manter um equilíbrio entre textos longos e curtos. Isso posto, é claro que o conceito de longo/curto é relativo. Um bilhete de três parágrafos pedindo a alguém que me acorde às 7 da manhã é longo. Uma reportagem em quatro páginas sobre a complexidade dos fundos de pensão é curta e ficará na superfície. Gosto de imaginar que os textos da *piauí* têm o tamanho que precisam ter. Não limitamos o espaço quando ele é necessário, nem damos espaço quando ele é inútil. (SALLES, 2010)⁷

5.2 Para toda obra – perfil de Nelson Jobim, por Consuelo Dieguez

O perfil do então ministro da defesa, Nelson Jobim, foi publicado na edição número 59 da Revista *piauí*, em agosto de 2011. Foi escrito pela jornalista Consuelo Dieguez e ficou conhecido sobretudo por ter levado à demissão do ministro. O motivo foi uma declaração de Jobim, registrada pela repórter, em que ele criticava abertamente Ideli Salvatti, ministra da Secretaria de Relações Institucionais, e Gleisi Hoffmann, ministra da Casa Civil.

Consuelo é formada em jornalismo pela PUC-Rio. Ela trabalhou por nove anos nas sucursais do *Jornal do Brasil* e de *O Globo* em Brasília, onde se especializou em jornalismo econômico. Ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo em 1996 por uma matéria sobre a guerrilha do Araguaia, publicada no jornal *O Globo*. Foi para a Revista *Veja*, onde trabalhou de 1998 a 2001, e depois entrou na Revista *Exame*. Foi contratada pela Revista *piauí* em 2006, ainda no primeiro ano da revista.

5.2.1 Construção cena a cena

O texto de Consuelo Dieguez intercala a narração de fatos envolvendo Jobim, depoimentos dele e de outras pessoas, descrições de personagens e de lugares e contextualizações históricas. É possível identificar, no entanto, um eixo central ao longo de todo o perfil: a construção da narrativa por meio de cenas sucessivas, em grande

⁷ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/774936-leia-entrevista-com-o-cineasta-joao-moreira-salles-publisher-da-piaui.shtml> - - Acessado em 23/10/2012

parte independentes entre si, mas que servem como as etapas de uma linha mestra pela qual se orienta o narrador. De fato, identificamos diversos pontos de ruptura ao longo do texto, em que a narração de um fato é finalizada para dar lugar a uma nova cena, formando blocos de narração separados por cortes temporais.

O perfil começa com um diálogo, que, por sua vez, leva à explicação da cena em que ele se dá: “Eram oito e meia de uma ensolarada manhã no Rio de Janeiro. Nelson Jobim assistia, na primeira fila do auditório do Arsenal de Marinha, à exposição do almirante José Alberto Accioly Fragelli”⁸. Observamos aqui alguns detalhes importantes. Em primeiro lugar, é preciso dizer que essa cena não parece essencial para a construção de um perfil de Jobim. Para o leitor, fica a impressão de que assim como iniciou o texto por ela, a repórter poderia ter começado por qualquer outra cena envolvendo o perfilado. A escolha parece aleatória e, assim, insere o leitor desde o início no que fica parecendo o curso de uma narrativa iniciada anteriormente, como num filme. Consuelo utiliza essa cena para falar sobre a necessidade que Jobim identifica de convencer os civis para conseguir verbas para programas das Forças Armadas – um detalhe que nos informa a respeito dos objetivos do ministro, mas que poderia ser inserido em qualquer outro ponto do texto.

Em segundo lugar, observamos a presença de elementos secundários na narração. A repórter não dá apenas o horário da reunião, mas diz que era uma manhã ensolarada; não diz apenas que Jobim assistia à exposição do almirante, mas especifica o local em que ele estava sentado: “na primeira fila do auditório”⁹. Com isso, ela não apenas enfileira os fatos da ação, mas compõe uma cena, com o objetivo de fazer o leitor sentir-se parte do ambiente em que se desenvolve a narrativa.

Em seguida, a repórter descreve a cena em que Jobim assiste à saudação da tropa.

Vestia uma calça verde-musgo e uma camisa cáqui de inspiração bélica. Com passos marciais, embarcou no porta-aviões São Paulo, ali ancorado, seguido do comandante da Marinha, Julio Soares de Moura Neto, do seu assessor especial, o ex-deputado José Genoíno, e do ministro de Assuntos Estratégicos, Wellington Moreira

⁸ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/vultos-da-republica/para-toda-obra>
- Acessado em 05/01/2013

⁹ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/vultos-da-republica/para-toda-obra>
- Acessado em 05/01/2013

Franco, que improvisaram corridinhas para acompanhar o chefe.¹⁰

Entre esta cena e a primeira, ela insere opiniões do ministro sobre a forma correta de falar aos civis sobre os programas das Forças Armadas, o que não prejudica a sequência dos fatos narrados. Por meio de cortes temporais, a repórter pontua momentos testemunhados por ela e que lhe parecem reveladores, e os intercala com digressões e recuperações históricas. Cabe observar, ainda, que a alusão às “corridinhas” dos subordinados de Jobim insere um detalhe secundário mas revelador à cena – ele pode sugerir ao leitor, por exemplo, que esses subordinados estão preocupados em se manterem próximos ao ministro, ou ao poder.

5.2.2 Diálogos

Consuelo escolhe um diálogo para abrir o perfil de Nelson Jobim. Sem qualquer introdução que a explique, ela reproduz a conversa entre o ministro e um subordinado, a quem ele exige que a apresentação de um projeto de submarino nuclear seja modificada:

- Fragelli, coloque aí na sua apresentação o nome das empresas que participam do projeto do submarino nuclear e identifique o que são essas siglas – disse o ministro Nelson Jobim, da Defesa.
- Ministro, essa apresentação é um compacto. As siglas e as empresas aparecem em algum momento da apresentação completa, com oitenta slides – respondeu o almirante José Alberto Accioly Fragelli, coordenador do Programa de Desenvolvimento de Submarino com Propulsão Nuclear.
- Ninguém aguenta ver oitenta slides, Fragelli. Vocês têm que botar na cabeça que essas palestras não são para vocês, militares. São para civis, que têm pouca compreensão do que está sendo tratado.
- Ministro, eu faço várias palestras para empresários, e faço desse jeito.
- Mas quero que seja feito desse jeito. Entendido?
- Pois não, ministro. Farei as modificações.¹¹

¹⁰ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/vultos-da-republica/para-toda-obra> - Acessado em 05/01/2013

¹¹ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/vultos-da-republica/para-toda-obra> - Acessado em 05/01/2013

O que logo fica evidente é uma transgressão deliberada da ideia convencional de lide. O elemento escolhido para abrir o texto já não é um parágrafo com as informações essenciais sobre o personagem, mas uma conversa – descontextualizada, num primeiro momento, e desprovida de explicações que auxiliem o leitor a apreender as respostas para as perguntas fundamentais do lide: “quem”, “quando”, “onde”, “como” e “por quê”. Ao invés disso, a repórter nos oferece o fragmento de uma cena, que funciona como um instrumento de abordagem direta e imediata, cuja intenção é envolver o leitor com maior intensidade do que faria um lide convencional. Logo no início do texto, somos puxados para dentro de uma cena, para o imediatismo da ação.

No entanto, o leitor não precisa esperar pelo parágrafo que se segue ao diálogo – e que o contextualiza – para apreender informações a respeito do perfilado. O trecho da conversa reproduzido, por si só, já funciona como um primeiro retrato de Jobim. Revela, por exemplo, o modo como ele lida com um subordinado e a maneira como toma para si uma decisão – sucinto, centralizador e preocupado em deixar clara a própria autoridade.

Algumas páginas adiante, Consuelo reproduz um diálogo entre Jobim e o então presidente Lula:

- Que negócio é esse desse general? – perguntou Lula.
- Presidente, assina isso aqui, que está tudo resolvido – respondeu Jobim.
- O que é isso?
- A exoneração do general.
- Mas já?
- Não se pode perder tempo com uma coisa dessas. Assina que ele já está indo embora.¹²

Essa conversa poderia ter sido apresentada por meio do discurso indireto, ou seja, explicada ao invés de simplesmente mostrada, ou diretamente reproduzida. Nesse caso, entretanto, um elemento essencial da tradição literária teria se perdido, a saber, a possibilidade de se estabelecer o personagem por meio de suas próprias palavras e, portanto, com maior rapidez e eficiência. De fato, quando lemos as palavras usadas por Lula e Jobim, entendemos em grande medida e de forma imediata o tipo de relação

¹² Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/vultos-da-republica/para-toda-obra> - Acessado em 05/01/2013

entre os dois. Percebemos, sobretudo, uma informalidade que escaparia a qualquer comunicado oficial ou entrevista convencional.

5.2.3 Foco narrativo

Como explicamos no primeiro capítulo, Tom Wolfe identifica o ponto de vista da terceira pessoa como um dos recursos usados pelos jornalistas do Novo Jornalismo americano com o objetivo de envolver os leitores emocionalmente na realidade concreta narrada. No perfil de Nelson Jobim, entretanto, não é esse o foco narrativo utilizado pela repórter. Devemos fazer, então, a pergunta que fez Norman Friedman na tentativa de definir as categorias do foco narrativo: “quem conta a história?”.

Em primeiro lugar, fica evidente que a repórter não se coloca como testemunha dos acontecimentos narrados. Isso porque em nenhum momento ela insere na narrativa o *eu* narrador de forma explícita. Pelo contrário, ela narra os fatos com o distanciamento de um narrador exterior à ação. É preciso observar, no entanto, que o nível de detalhamento dos fatos narrados deixa clara a proximidade da jornalista com seu objeto no momento da apuração dos fatos. Quando a repórter diz, por exemplo, que Jobim lançou “um olhar irônico”¹³ para seu assessor, ou quando ela reproduz um diálogo de mais de dez linhas, fica evidente que ela testemunhou esses fatos de perto, uma vez que somente assim poderia transmiti-los com fidelidade. O que ela não passa ao texto é uma preocupação em se colocar explicitamente como narradora-testemunha.

Não há também no texto uma tentativa de penetrar os pensamentos dos personagens, como coloca Tom Wolfe, ou de apreender os acontecimentos por meio do fluxo de consciência deles, dando ao leitor a impressão de que é o próprio personagem quem nos transmite seus pensamentos e sensações. Ou seja, a narração não é feita por intermédio dos olhos de um personagem particular, como muitas vezes tentaram os adeptos do Novo Jornalismo, mas somente por meio da visão de um narrador externo.

Apresentamos a seguir um exemplo de como Consuelo transmite ao leitor as convicções de seu perfilado:

Com uma taça de vinho branco na mão, no aperitivo do almoço oferecido pela Marinha, Jobim explicou sua

¹³ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/vultos-da-republica/para-toda-obra> - Acessado em 05/01/2013

exasperação com o almirante Fragelli, na palestra no Arsenal: “É preciso saber quem manda aqui. É preciso respeito à hierarquia. Se eu não impuser minha autoridade, o espaço logo é ocupado.”¹⁴

Percebemos que a repórter opta – como em diversos outros momentos ao longo do texto – por situar o leitor na cena e, então, reproduzir uma fala de Jobim. Ela poderia ter dito que ele “se sentiu ultrajado” pela impertinência do almirante, ou que “pensou” em como os subordinados estão sempre no limite do desrespeito à hierarquia, ou ainda que “concluiu” que era preciso responder rispidamente. Por meio de qualquer uma dessas opções, a narradora estaria assumindo o ponto de vista de seu personagem. No entanto, ela prefere dizer que ele “explicou sua exasperação” e, então, reproduzir o trecho de sua fala que fornece essa explicação. Ou seja, ela utiliza o discurso direto.

Comparando a estrutura empregada nesse perfil com a classificação de Friedman, chegamos à conclusão de que o ponto de vista mencionado nessa classificação que mais se aproxima ao texto de Consuelo é o de *onisciência seletiva múltipla*. Isso porque, como dissemos, o narrador não se faz presente na narrativa de forma evidente. No entanto, uma diferença importante se impõe: em vez do uso do discurso indireto livre – que, segundo Ligia Moraes Leite (LEITE: 2002, 47), predomina na onisciência seletiva múltipla – o perfil utiliza principalmente o discurso direto. Ou seja, ao mesmo tempo em que o narrador se abstém de colocar-se como um “eu” narrador, ele deixa claro que as falas dos personagens são unicamente desses personagens, sem influência do narrador.

5.2.4 Registro de detalhes da cena

Consuelo utiliza com frequência este quarto aspecto do Novo Jornalismo mencionado por Tom Wolfe. Como explicamos no primeiro capítulo, ele consiste em registrar elementos secundários da ação – como gestos, mobília, roupas e decoração –, com o objetivo de melhor caracterizar os personagens e locais descritos na narrativa. A repórter inicia uma das cenas do perfil, por exemplo, com uma descrição do ambiente em que estão Jobim e outros personagens:

¹⁴ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/vultos-da-republica/para-toda-obra> - Acessado em 05/01/2013

O almoço na Base Naval foi servido num galpão arrumado com esmero. Sobre as mesas, cobertas com toalhas de linho branco, havia pratos de porcelanas azul e branca com emblema da Marinha, taças de cristal, guardanapos também de linho e vasos de flores. O ministro sentou-se à mesa principal cercado de oficiais e de diretores da Odebrecht.¹⁵

Em um texto jornalístico convencional, o mais provável é que o repórter apenas situasse o ambiente em que se deu o almoço de um modo geral: “a Base Naval” ou, no máximo, “um galpão da Base Naval”. Consuelo, entretanto, opta por descrever com detalhes alguns dos elementos que lhe chamam a atenção: as toalhas são de linho branco; os pratos, de porcelana azul e branca com emblema da Marinha; e as taças, de cristal. Estes detalhes, evidentemente, não são selecionados de forma aleatória. Há uma intenção por trás da descrição, que nos cabe tentar identificar. Neste caso, podemos concluir que a repórter desejava fazer o leitor enxergar o aspecto cerimonioso do evento.

5.3 Artur tem um problema – perfil de Artur Ávila, por João Moreira Salles

O perfil do matemático Artur Ávila foi publicado na edição 40 da Revista *piauí*, em janeiro de 2010. Vencedor do Prêmio Esso na categoria informação científica, o texto apresenta como principal curiosidade o aspecto altamente abstrato – e desconhecido da enorme maioria da população – do trabalho realizado pelo jovem cientista.

O documentarista João Moreira Salles, como já dissemos, foi um dos idealizadores da Revista *piauí*. Ele conheceu Artur Ávila em maio de 2009, ao ler uma reportagem publicada pelo jornal *O Globo* sobre o Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), onde o matemático desenvolvia suas pesquisas. Moreira Salles se apresentou a ele por e-mail, e a ideia foi aceita por Artur. Os dois se encontraram onze vezes, algumas delas por até sete horas, durante cerca de sete meses. Em uma palestra no congresso da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo de 2011, Moreira Salles contou que fazer esse perfil seria uma tarefa bem mais complexa do que ele havia imaginado, uma vez que o assunto lhe era totalmente enigmático. Ao

¹⁵ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/vultos-da-republica/para-toda-obra> - Acessado em 05/01/2013

perguntar a Artur o que ele fazia, ouviu do jovem que ele estudava estrutura de operadores, - uma matriz infinita e simétrica, com um espectro. A solução foi empreender uma pesquisa extensa não somente sobre seu perfilado, mas sobre a Matemática. "Era para mim impossível explicar a natureza do trabalho do Artur. Mas eu podia entender a Matemática de uma forma diferente, descrever como ele operava e trabalhava, como funciona a cabeça de um pesquisador da área, como ele faz as suas descobertas", explicou.

5.3.1 Construção cena a cena

Como Consuelo Dieguez faz no perfil de Nelson Jobim, Moreira Salles inicia seu texto com uma cena “em andamento”, à qual só depois será atribuído um sentido fechado:

A bordo de um avião da United Airlines para Nova York, o matemático Welington de Melo pediu um copo de vinho. Seu companheiro de viagem, Artur Avila, pediu outro. A aeromoça desconfiou: "Que idade você tem?" Artur tinha 19 anos, com jeito de menos, e ficou sem o vinho. Era a sua primeira viagem profissional. Havia sido confiado aos cuidados de seu orientador de doutorado, mas, em terra, sua mãe ainda não se tranquilizara inteiramente com a decisão de deixá-lo partir para os Estados Unidos.¹⁶

Também como no perfil de Jobim, este primeiro parágrafo subverte a ideia convencional de lide, e apresenta um momento da vida do protagonista, com o objetivo de – logo de início – traçar para o leitor uma característica do perfilado. Aqui, o repórter consegue informar a respeito da contradição entre a pouca idade de Artur e os compromissos que ele já assumia como matemático respeitado. Este é o sentido do trecho – um sentido que não é transmitido diretamente ao leitor, mas sugerido por meio de uma cena real da vida do personagem, contada ao repórter pelo próprio protagonista ou por uma testemunha, mas que é transposta ao papel desprovida de explicações.

Uma particularidade do perfil de Artur Ávila diz respeito à necessidade vislumbrada por Moreira Salles de falar não apenas sobre Artur, mas também sobre o

¹⁶ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-40/vultos-das-ciencias/artur-tem-um-problema> - Acessado em 07/01/2013

mundo enigmático da matemática. Essa necessidade levou o repórter a traçar um perfil que orbita a vida de Artur – apresentada por cenas como a do avião, ou a de Artur em seu quarto espartano, ou ainda a do matemático girando objetos imaginários na cabeça, deitado na cama –, mas que recorre frequentemente a explicações sobre os estudos matemáticos. Com isso, as cenas são distribuídas de maneira mais esparsa, tornando o texto mais fragmentado. A partir do momento, por exemplo, em que Moreira Salles explica formalmente o que faz Artur – ele trabalha com sistemas dinâmicos –, seguem-se seis parágrafos de explicação sobre esse estudo e sobre como trabalham Artur e seus colegas matemáticos. Nesses parágrafos, a narrativa deixa de lado o imediatismo da cena para expor ao leitor um quadro mais geral do seu objeto.

Ainda assim, o texto é construído basicamente a partir de cortes temporais, que não respeitam a ordem cronológica, e que conduzem o leitor por diferentes etapas da vida de Artur. É somente no meio da matéria, por exemplo, que Moreira Salles fala sobre a formação básica do protagonista, enquanto a cena em que ele faz uma importante descoberta matemática está mais próxima do início. O repórter incorpora a liberdade de construção do texto que Tom Wolfe atribui aos adeptos do Novo Jornalismo – não está preso à necessidade de contar a história a partir de uma estrutura pré-definida, mas o faz como o montador de um filme, utilizando recursos como o “flashback” ou a menção a personagens secundários, que se intercalam à história principal, mas que ajudam a cristalizar a personalidade do protagonista. Um exemplo deste último recurso pode ser encontrado na seguinte passagem:

Carlos Gustavo Tamm Moreira, conhecido como Gugu, colega e colaborador de Artur, um sujeito bonachão de 36 anos que distribui sua paixão entre a matemática, o Flamengo e o Partido Comunista, conta uma anedota de quando se candidatou a vereador pelo PCB. O programa eleitoral lhe dava 18 segundos para se apresentar ao público. Acelerando a toada, ele metralhava: "Olá, eu sou o Gugu, candidato a vereador pelo Partidão com o número 21602. O meu trabalho vocês já conhecem: eu provei que as interseções estáveis de conjuntos de Cantor regulares são densas na região onde a soma das dimensões de Hausdorff é maior do que 1." É uma brincadeira, mas traduz a natureza rarefeita do mundo habitado por matemáticos.¹⁷

¹⁷ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-40/vultos-das-ciencias/artur-tem-um-problema> - Acessado em 07/01/2013

A cena que este trecho descreve aparece sem qualquer explicação prévia, aparentemente isolada do texto que a precede. No início, ainda não sabemos quem é esse personagem e o motivo de ele estar sendo descrito com tantos detalhes, mas, algumas linhas adiante, descobrimos que Moreira Salles quer usar um exemplo da vida desse personagem para mostrar ao leitor um aspecto curioso da matemática, e do trabalho feito por ele e também por Artur, o protagonista do perfil. Terminada a cena, o repórter retorna a uma explicação mais geral sobre a matemática e, depois, ao trabalho de Artur. Intercalando esses diferentes recursos, ele constrói sua narrativa em torno do protagonista.

5.3.2 Diálogos

No perfil de Artur Ávila, Moreira Salles faz um uso restrito dos diálogos, em comparação, por exemplo, ao perfil de Nelson Jobim. Há apenas um momento do texto em que ele reproduz um trecho curto de diálogo, que – ainda assim – não aparece tão marcado como no texto de Consuelo Dieguez. As falas dos personagens estão inseridas entre aspas, e não lhes cabe um parágrafo exclusivo:

Havendo uma frequência mínima para passar de ano, era o caso de perguntar sobre sua taxa de faltas. Artur pensou - mais do que a pergunta exigia. "Se eu escrever que você faltava a 50% das aulas, você achará estranho?" Ele olhou para os lados, tirou os óculos e coçou vigorosamente os olhos com o punho das mãos, gesto a que recorre toda vez que uma pergunta lhe parece trivial ou tediosa. "Não precisa ser rigoroso", sugeri. Artur sorriu: "É difícil você me pedir para não ser rigoroso - 50% é um valor preciso. Diz que eu faltava de 30 a 50% das aulas."¹⁸

Dois aspectos importantes se fazem notar nesse parágrafo. Em primeiro lugar, observamos que as falas são intercaladas com trechos de descrição e narração do momento em que se dá a conversa. O diálogo não aparece como um bloco isolado do texto principal, e se aproxima, na verdade, da reprodução de declarações simples.

¹⁸ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-40/vultos-das-ciencias/artur-tem-um-problema> - Acessado em 07/01/2013

Em segundo lugar, notamos que o diálogo acontece não entre dois personagens quaisquer da ação, mas entre o protagonista e o próprio narrador, que insere a si mesmo na narrativa, portanto. Com isso, concluímos que o esse diálogo tem uma função específica, que o diferencia dos diálogos usados por Consuelo. Com ele, Moreira Salles busca explicitar uma característica interna da narrativa, que diz respeito ao processo mesmo de apuração das informações. Ele deseja deixar claro para o leitor a maneira como o perfilado responde a um tipo de pergunta do entrevistador, a saber, questionamentos comportamentais envolvendo estatística leviana. De fato, assim como o diálogo entre personagens da ação tem o poder de envolver o leitor com imediatismo e intensidade, a transcrição de um diálogo entre protagonista e narrador traz o benefício adicional de nos levar para dentro da relação entre repórter e perfilado e, portanto, da criação da matéria.

5.3.3 Foco narrativo

No perfil escrito por Moreira Salles, o ponto de vista predominante é o de *onisciência seletiva múltipla*, como no de Consuelo. Isso porque, na maior parte do texto, o narrador não se faz presente de forma evidente. Um exemplo desse ponto de vista pode ser observado na seguinte passagem:

"Matemática é o rigor infinito", diz Artur. A definição ajuda a compreender sua aversão a falar sobre o que não pensou. Não é incomum ouvi-lo responder "Não sei" ou vê-lo refletir antes de se manifestar sobre uma pergunta trivial. Quando fala, suas palavras tendem a acertar o centro do alvo, onde não patinam. Como, por exemplo, estava abismado com o fato de o governo do Mato Grosso do Sul ter incluído remédios homeopáticos na cesta de drogas de combate à gripe suína, dava a entender que era cético quanto à homeopatia. "Não", explica com um sorriso. "O princípio da homeopatia é a diluição absoluta, ou seja, no final do processo, não se preservou uma molécula sequer do princípio ativo. Eu não sou cético em relação à homeopatia. Cético implica dúvida, e eu não tenho dúvida nesse caso."¹⁹

¹⁹ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-40/vultos-das-ciencias/artur-tem-um-problema> - Acessado em 07/01/2013

É provável que o repórter tenha ouvido pessoalmente as declarações de Artur, mas isso não fica evidente nesse trecho. Quando ele explica que o matemático costuma refletir antes de se manifestar sobre uma pergunta trivial, o faz por meio do discurso indireto – e não afirma que isso aconteceu alguma vez com uma pergunta do próprio narrador. Nesse parágrafo, não há a evidência da presença do narrador. Moreira Salles abre espaço, no entanto, para a convivência desse foco narrativo com um outro, que admite o aparecimento da figura do narrador. Encontramos um exemplo na seguinte passagem:

Ao ouvir que eu estava lendo a autobiografia de Laurent Schwartz, um catatau de 528 páginas, sugeri, sem ironia: "Por que você não pega do meio, como eu faço?" Certa vez, usou a frase "O livro que eu li." O livro? Só um? "O último foi em 2000, num avião. Comprei no aeroporto. Era aquele do Oscar Wilde..." O Retrato de Dorian Gray? "É. Peguei no meio, li um pouco, ficou meio misterioso, aí voltei pro início." Não terminou. Não lê nem textos técnicos. Diz que seu método preferencial de estudo é a conversa.²⁰

Aqui, Moreira Salles menciona uma conversa que ele próprio teve com o protagonista. Ele utiliza o pronome "eu", colocando-se, portanto, como narrador que participa da ação narrada. Observamos, então, uma mudança do ponto de vista. Seguindo a classificação de Friedman, podemos dizer que, nesse trecho, o foco narrativo é o do narrador-testemunha, já que quem narra os fatos é um eu que está lá, vivendo esses acontecimentos.

O que observamos em ambos os trechos destacados, no entanto, é que esteja o narrador evidenciado ou não na narrativa, o discurso predominante – assim como no perfil de Nelson Jobim – é o direto. Mais uma vez, o autor opta por não confundir as falas dos personagens com a fala do narrador.

5.3.4 Registro de detalhes da cena

Entre os recursos do jornalismo literário utilizados na narrativa de Moreira Salles, está o detalhamento de ambientes e personagens. Destacamos a seguir duas

²⁰ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-40/vultos-das-ciencias/artur-tem-um-problema> - Acessado em 07/01/2013

passagens do perfil, dos quais podemos retirar alguns aspectos interessantes em relação a esse tema:

Tudo na vida de Artur Avila está orientado para a eficiência. O apartamento do Rio, num prédio pequeno e sem elevador, a uma quadra da praia, é espartano. As estantes não têm livros e as paredes não têm quadros. Uma mesa, poucas cadeiras. Uma cama eternamente desfeita e uma televisão plana pregada à parede. Com o passar dos anos, ele foi deixando quase tudo de lado para se preocupar apenas com sua mulher, com culinária - "Ninguém passa anos em Paris sem se civilizar", diz Marcelo Viana -, com informações políticas colhidas na internet e com matemática. Nunca mais assistiu a um jogo do Vasco. Não vai ao cinema, pois desconfia da crítica. Prefere filmes antigos, pois "se chegaram até aqui é porque são bons".²¹

Este trecho deixa claro que o repórter dispõe de informações a respeito do perfilado que não apareceriam facilmente em uma entrevista convencional. Mais do que uma cena, ele está compondo a personalidade de Artur, e faz isso não apenas por meio de perguntas diretas, mas com a observação. É somente estando ao lado do perfilado por algum tempo, e prestando atenção a tudo que o cerca, que o repórter consegue informações como o fato de que Artur nunca mais assistiu a um jogo do Vasco, ou de que prefere filmes antigos – preferência que justifica com o argumento de que “se chegaram até aqui é porque são bons”. Essas são informações que se conseguem na convivência diária, uma vez que pertencem à vivência real de qualquer pessoa, descompromissada com o formalismo da entrevista jornalística.

Na próxima passagem, identificamos mais um recurso descritivo caro a Moreira Salles: a comparação.

Nicolau é muito branco e tem um ar cansado, de quem dorme pouco. Sua fala é suave, algo etérea, e suas feições lembram as de um compositor romântico entregue a prelúdios.²²

²¹ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-40/vultos-das-ciencias/artur-tem-um-problema> - Acessado em 07/01/2013

²² Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-40/vultos-das-ciencias/artur-tem-um-problema> - Acessado em 07/01/2013

A descrição, evidentemente, tem lugar nas matérias jornalísticas convencionais. No entanto, dificilmente leríamos num texto de jornal que as feições de um personagem “lembram as de um compositor romântico entregue a prelúdios”. Esse trecho evidencia uma vez mais a liberdade com que trabalha o repórter. Ele recorre a uma comparação inusitada para transmitir ao leitor a impressão recolhida por meio da observação do personagem. A partir do que vê no perfilado, o jornalista realiza uma operação mental característica da literatura, em que traços de pele remetem o leitor a uma figura histórica absorvida por uma situação extremamente específica.

5.4 O consultor – perfil de José Dirceu, por Daniela Pinheiro

O perfil do ex-ministro chefe da Casa Civil, José Dirceu, foi publicado na edição 16 da Revista *piauí*, em janeiro de 2008. Foi escrito por Daniela Pinheiro, que entrou para a revista em janeiro de 2007, depois de passar por veículos como *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Veja* e *Época*. Ela já contava, portanto, com uma carreira de repórter consolidada quando chegou à *piauí*. O perfil de Dirceu, entretanto, foi o grande responsável por torná-la conhecida de um público mais amplo, e também por associar seu nome ao gênero do perfil.

À época da publicação, o jornalista Alberto Dines escreveu:

A entrevista-perfil assinada pela repórter Daniela Pinheiro é modelar: pode ser lida como uma peça devastadora contra o ex-chefe da Casa Civil ou como retrato de uma personalidade fascinante. Há nela dinamite suficiente para derrubar meia dúzia de figurões do PT e do governo, mas há também um rico material sobre a perigosa tangência entre o público e o privado, o mundo de negócios e a administração pública, tanto na esfera nacional como internacional.²³

5.4.1 Construção cena a cena

São muitos os cortes temporais utilizados no perfil de José Dirceu. De fato, é neste perfil – entre os três aqui analisados – que fica mais marcante a linha central que

²³ Disponível em

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_licao_de_jornalismo__7838 -

Acessado em 18/12/2012

guia a construção do texto, composta, sobretudo, por cenas isoladas que, uma a uma, compõem a figura do perfilado.

Uma estratégia, no entanto, se mantém: como nos outros dois perfis, é por uma cena desprovida de qualquer introdução explicativa que começa o texto:

José Dirceu de Oliveira e Silva escolheu uma mesa no fundo do restaurante de um hotel caro e discreto, localizado entre os bairros do Ibirapuera e da Vila Mariana, onde se hospeda quando está em São Paulo. Era o começo da tarde de um sábado de novembro e ele vestia uma calça escura, camisa pólo com o decote forrado por um estampado Burberry e mocassins sem as meias. Chegou atrasado, se desculpou e disse que desembarcou de viagem na madrugada, acordou quase em cima da hora e, quando ia sair do quarto, recebeu telefonemas urgentes. Atravessou o salão vazio encarando o visor do celular por cima dos óculos. As sobancelhas arqueadas lhe davam um ar de espanto (PINHEIRO, 2010: 37).

Com narrativas como essa, Daniela Pinheiro faz a estrutura do texto circular por aproximadamente trinta cenas diferentes, ou seja, trinta momentos distintos, cada um deles em um ambiente diferente, em que se fecha uma sequência isolada de acontecimentos envolvendo o perfilado. Os elementos da cena são costurados com informações históricas, diálogos e declarações, que contribuem para contar a história – ou, antes, uma história – de José Dirceu.

No trecho abaixo, Daniela constrói uma cena de maneira a transmitir ao leitor os elementos que a compõem, ao mesmo tempo em que nos dá informações sobre a opinião política de Dirceu a respeito do presidente venezuelano.

O carro estava ligado e à espera do convidado. O ministro assumiu a direção e Dirceu, que o conhece há quarenta anos, sentou-se ao seu lado. No banco de trás havia dois seguranças e uma moça elegante, que acompanhou Mejía o tempo todo. Conversaram sobre o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. "El tipo esta loco", disse Dirceu. "Eu não te falei que ele ia perder?" O ministro concordou. Dois dias antes, Chávez havia sido derrotado no plebiscito que previa a sua reeleição ilimitada (PINHEIRO, 2010: 59).

Ela constrói o ambiente por meio de detalhes como a presença de dois seguranças no banco de trás e o fato de que o carro já estava ligado quando Dirceu chegou, mas insere também uma informação a mais sobre a personalidade do perfilado,

por meio de uma declaração. O mesmo acontece na seguinte passagem, na qual a repórter compõe uma cena em que Dirceu espera impacientemente por seu companheiro de jantar, e também nos fala das movimentações empresariais em que ele está envolvido. Os dois caminhos narrativos parecem se entrelaçar de modo a formarem um só.

Às 21h40, Dirceu, de terno, parecia estar sendo engolido pelo sofá da recepção. "Acho que esqueceram de mim", disse, cansado. Há quarenta minutos esperava Mejía para jantar. Foi quando chegou o empresário dominicano Johnny Cabrera, dono da Petroconsa, empresa de petróleo e construções, com quem deveria se encontrar no dia seguinte. Ambos têm um interesse comum: etanol. Segundo Dirceu, Cabrera tem estrutura para fazer o blend do combustível no Caribe e, de lá, mandá-lo para os Estados Unidos, que impõem duras barreiras tarifárias para a importação do produto brasileiro. Vinte minutos depois, chegou Mejía, de quem Cabrera é amigo (PINHEIRO, 2010: 61).

Além de entrelaçar informações históricas, declarações e composições de cena no mesmo parágrafo, é comum Daniela introduzir uma cena para, alguns parágrafos adiante, fazer uma recuperação histórica ou uma digressão mais profunda sobre um tema específico. A passagem abaixo, por exemplo, inicia uma cena em que Dirceu comparece a uma eleição dos dirigentes do PT. Daniela narra a cena ao longo dos dois parágrafos, em que descreve detalhes como o fato de que Dirceu foi cercado por repórteres, de que sempre se postou entre dois fãs, de modo a poder abraçar a ambos e de que sua namorada se protegeu do sol embaixo de uma marquise por quase vinte minutos, enquanto ele falava aos jornalistas.

Na semana seguinte, em uma manhã de calor abafado, José Dirceu foi votar na eleição dos novos dirigentes do Partido dos Trabalhadores. Chegou ao diretório da Vila Mariana numa caminhonete Chrysler preta dirigida por um amigo, Bob Marques, assessor do PT na Assembléia Legislativa de São Paulo. Repórteres o aguardavam para saber sua opinião sobre a possibilidade de um terceiro mandato para o presidente Lula (PINHEIRO, 2010: 39).

Após esses dois parágrafos, entretanto, a repórter inicia uma explicação sobre o esforço que Dirceu vinha dedicando a campanhas partidárias de conhecidos. É um relato explicativo que deriva da cena precedente. Esta cena serve como introdução para um novo tema.

5.4.2 Diálogos

Os diálogos representam um papel no perfil de José Dirceu que pode ser situado entre o uso feito por Consuelo Dieguez, no texto sobre Nelson Jobim, e aquele feito por Moreira Salles, no perfil de Artur Ávila. Aqui, os diálogos aparecem com mais frequência do que neste último, mas nunca como blocos separados do restante do texto. As falas estão sempre entre aspas, e costumam aparecer quando a repórter quer intensificar o efeito de uma conversa, que, se reproduzida em discurso indireto, perderia as características de um estilo marcante.

Pouco depois, Evanise se levantou. Sem que ninguém da mesa se desse conta disso, foi atrás do rapaz, que estava acompanhado de duas mulheres. "O que você ganha com isso, hein? Quer brigar com ele? Chama ele num canto e fala. Agora, na frente da filha, da família?", foi o que ela lhe perguntou, conforme me contou. "E você também é uma safada por estar com um safado desses", disse-lhe o homem. "Estou com ele com muito orgulho porque ele é muito mais educado do que você", respondeu Evanise. (PINHEIRO, 2010: 42)

Um aspecto desse diálogo que precisa ser ressaltado é o fato de a repórter informar o leitor de que uma das declarações foi dada “conforme me contou” a personagem. Ou seja, ela reproduz a conversa, mas deixa claro que não a testemunhou. As falas que a compõem, portanto, foram colhidas por uma das partes e repassadas depois à repórter. É importante notar avaliação implícita que a narradora faz desse episódio e que a leva a dar essa informação ao leitor.

Já no trecho seguinte, fica subentendido que a repórter testemunhou o diálogo reproduzido. Nesse caso, ela apenas reproduz cada fala que considera importante, acrescentando informações curtas – tais quais “disse Dirceu”, “indagou” e “foi a resposta” – recorrentes no jornalismo não apenas em diálogos, mas em declarações isoladas de quaisquer personagens utilizados em uma matéria jornalística.

João Serra escutava o relato maravilhado. "Eu nunca tive um sonho sobre o período do exílio", disse Dirceu. "Sonho com várias coisas, mas com esse período, nada." O sócio se surpreendeu. "O doutor José então não teve traumas?", indagou. "Eu não costumo me lembrar das coisas", foi a resposta. (PINHEIRO, 2010: 52)

5.4.3 Foco narrativo

A maneira como Daniela Pinheiro lida com o foco narrativo neste perfil é similar ao que observamos no texto de Moreira Salles sobre o matemático Artur Ávila. O ponto de vista predominante é o de *onisciência seletiva múltipla*, uma vez que – na maior parte da matéria – não existe a figura evidente do *eu* narrador. No entanto, também como no texto de Moreira Salles, há momentos em que esse narrador aparece, ainda que de forma sutil. Um exemplo do ponto de vista predominante está no trecho a seguir:

Um carro da embaixada brasileira foi colocado à disposição de Dirceu. Enquanto o esperava, pediu no bar do hotel uma cerveja, batatas fritas e um sanduíche de jamón con queso. Comentou que o melhor quadro do governo é Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES. "Que não é petista", ressaltou. (PINHEIRO, 2010: 56)

Nesta passagem, a repórter narra os fatos por meio do discurso indireto, com o distanciamento do narrador que observa uma cena, mas não interfere nem se insere nela. Para transmitir ao leitor uma opinião do personagem a respeito do presidente do BNDES, ela mantém o discurso indireto; e para transmitir uma sutileza dessa opinião – o fato de que esse presidente não é petista – ela reproduz uma declaração dele, colocando-as entre aspas, em discurso direto.

Na próxima passagem retirada do perfil, entretanto, a figura do narrador já aparece:

Um senhor vestido com um sobretudo marrom se aproximou de Dirceu, que estava com a cabeça baixa, lendo algo no visor do telefone, e disse: "Corrupto!" O ex-deputado não reagiu. "E tem gente que ainda se mete com um tipo desses", falou um homem de jaqueta de couro, *me* encarando com desprezo. (*destaque nosso*) (PINHEIRO, 2010: 43).

Fica evidente, neste trecho, que a pessoa a quem o homem se dirigiu foi a própria repórter. Ao inserir o pronome “me”, ela se coloca no texto, deixando claro para o leitor que ela estava lá, ao lado de Dirceu, participando da ação junto com ele. Temos aqui, portanto, um narrador-testemunha, que nos conta a história a partir de uma posição interna à narrativa. Assim como no perfil escrito por Moreira Salles, entretanto, essa

figura do narrador evidente logo volta a ser eclipsada por um tratamento distanciados dos acontecimentos. É possível dizer, inclusive, que Daniela parece se esforçar em não dar evidência a essa figura. No trecho seguinte, por exemplo, ela relata parte da história pessoal de Dirceu a partir de um depoimento que – segundo o próprio texto – ele forneceu “a pedido”. A repórter poderia ter escrito alguma coisa como “pedi que ele contasse algo da sua história”, mas, ao invés disso, opta por utilizar uma expressão neutra, que retira do texto a primeira pessoa do sujeito.

De banho tomado, José Dirceu desceu para almoçar. Pediu codorna com trufas e foie gras. A pedido, relembrou algo da sua história. Ele nasceu em Passa Quatro, uma cidade encravada na serra mineira (PINHEIRO, 2010: 50).

É provável que esse “pedido” tenha partido do próprio narrador, mas não podemos afirmar isso com segurança. Suprimindo da frase a primeira pessoa, a repórter mantém o distanciamento do narrador onisciente, predominante no perfil.

5.4.4 Registro de detalhes da cena

Entre os três perfis analisados aqui, o de José Dirceu é o que mais utiliza o recurso do detalhamento das cenas. Fica evidente que Daniela Pinheiro lança mão não apenas do detalhamento descritivo, enumerando elementos que compõem um ambiente ou um personagem, mas também de detalhes da ação característica a cada personagem da narrativa. Nesse sentido, ela dá corpo ao menos entendido dos aspectos do Novo Jornalismo, segundo Tom Wolfe, focando no modo como o perfilado se veste, como ele come, conversa, lida com amigos, família, superiores e subordinados. Tudo lhe parece um instrumento da caracterização do personagem.

No trecho abaixo, vemos o exemplo de uma cena em que se misturam a caracterização de um restaurante e das pessoas que nele estão, acompanhando Dirceu. Mas o que mais chama a atenção é como Daniela dá destaque a elementos da ação que pareceriam absolutamente secundários em uma matéria jornalística convencional e que provavelmente passariam despercebidas a um observador desatento.

A churrascaria Prazeres da Carne, perto do Ibirapuera, sempre lota aos domingos. A clientela é de famílias de classe média, com crianças barulhentas, avós, primos e cunhados. Depois da votação no diretório, José Dirceu,

que freqüenta o restaurante há dez anos, foi almoçar lá com a filha mais nova, Camila, de 17 anos, Evanise, o motorista e o prefeito de Manágua, Dionisio Marengo. Foi recebido com abraços pelo proprietário, que o guiou até uma mesa bem longe da entrada principal. Dali, ele via todo o salão. Pediram caipirinha. "A minha é de moça, bem fraquinha", orientou Dirceu. Evanise foi fazer o prato do namorado. Do bufê, trouxe uma farta porção de salada. Ofereceu-lhe polenta, brincando de fazer aviãozinho com o garfo, mas ele não quis (PINHEIRO, 2010: 41).

Diversos elementos dessa passagem, apesar de aparentemente secundários para a narrativa, exercem um papel preponderante para a caracterização do personagem. Ao dizer que Dirceu freqüenta o restaurante há dez anos, e que foi recebido pelo proprietário com abraços, a repórter deixa subentendida uma ideia de poder sobre aquele ambiente, conseguida com a constância característica do *habitué*; ao reproduzir a fala de Dirceu, que pede uma caipirinha “de moça”, deixa subentendido um hábito de comedimento em relação ao álcool; ao dizer que foi a namorada do perfilado quem fez seu prato, e que “ofereceu-lhe polenta, brincando de fazer aviãozinho com o garfo”, mostra-nos uma figura infantilizada de Dirceu, contrapondo-a à imagem normalmente sisuda que fazemos do ex-ministro. Em um parágrafo, ela pinta para o leitor um quadro matizado do personagem, que, para Alberto Dines, representa “uma pausa para os meiotons” em um panorama jornalístico dominado por posições extremadas e redutoras. E a tinta desse quadro muitas vezes está nesses detalhes.

6. Conclusão

O recorte escolhido para este trabalho buscou identificar nos perfis da Revista *piauí* os aspectos que os fariam ou não herdeiros das estratégias adotadas pelo Novo Jornalismo americano da década de 1960, com base nos quatro recursos apontados por Tom Wolfe como essenciais para os jornalistas desse movimento. Aqui, portanto, é preciso analisar isoladamente a utilização de cada um desses recursos, com o intuito de entendermos de que maneira eles foram apropriados e utilizados.

Em primeiro lugar, podemos dizer que os três perfis analisados são construídos com base em cortes temporais que mostram ao leitor – uma após a outra – diferentes cenas da vida do perfilado. O perfil de José Dirceu (o primeiro dos três a ser publicado) é aquele em que essa construção cena a cena fica mais marcante, mas todos eles se apropriam dessa estratégia de construção das matérias como uma linha central da narrativa. Um exemplo disso é que os textos sempre começam por uma cena desprovida de qualquer introdução explicativa. Ou seja, nos três perfis, o leitor é introduzido na narrativa sem que se recorra a um lead convencional.

O uso do diálogo, por sua vez, não é feito de maneira tão uniforme. Observamos que cada um dos três perfis analisados lança mão desse recurso em medida diferente. O texto sobre Nelson Jobim é fortemente pontuado por diálogos, que ganham destaque bastante semelhante ao da maioria dos textos literários, enquanto no perfil sobre José Dirceu, eles aparecem com menos destaque – menos como uma marca estilística do que como um recurso utilitário da narração. Já no perfil sobre Artur Ávila, há apenas um momento em que se reproduz um trecho curto de diálogo.

O foco narrativo é o aspecto em que os três perfis – de maneira semelhante – mais se afastam do que Tom Wolfe julgou uma constante nos textos do Novo Jornalismo. Isso porque não há nos perfis uma tentativa de penetrar os pensamentos dos personagens, como coloca Wolfe, ou de apreender os acontecimentos por meio do fluxo de consciência deles, dando ao leitor a impressão de que é o próprio personagem quem nos transmite seus pensamentos e sensações. Ou seja, a narração não é feita por intermédio dos olhos de um personagem particular (pelo ponto de vista da terceira pessoa), mas somente por meio da visão de um narrador externo. Partindo da classificação de Norman Friedman, o foco narrativo predominante nos três perfis é o da *onisciência seletiva múltipla*, já que o narrador não se faz presente na narrativa de forma

evidente. No entanto, uma diferença importante se impõe: em vez do uso do discurso indireto livre – que, segundo Ligia Moraes Leite (LEITE: 2002, 47), predomina na onisciência seletiva múltipla – os perfis utilizam principalmente o discurso direto. Ou seja, ao mesmo tempo em que o narrador se abstém de colocar-se como um “eu” narrador, ele deixa claro que as falas dos personagens são unicamente desses personagens, sem influência do narrador.

Por fim, o recurso que se mantém de forma mais constante nos três perfis é o de detalhamento das cenas. Os três repórteres dão ênfase semelhante à descrição de elementos secundários das cenas narradas, como forma de ambientar o leitor de maneira mais direta – um recurso pouco usual no jornalismo convencional. O único traço mais marcante em relação a esse aspecto que pudemos observar aparece no perfil de José Dirceu, em que a repórter lança mão com mais frequência de detalhes da ação característica a cada personagem da narrativa, e não apenas do ambiente, enfatizando assim detalhes que nos informam sobre a personalidade do perfilado.

Isso posto, percebe-se que os recursos do Novo Jornalismo apontados por Tom Wolfe não podem ser simplesmente transpostos para os perfis da Revista *piauí*. Antes, é preciso considerar que a relação de herança mais direta se dá no que diz respeito à elaboração do texto como uma sequência de cenas bem detalhadas (construção cena a cena e detalhamento das cenas). Já o uso dos diálogos parece ficar por conta das preferências estilísticas de cada repórter, enquanto é no foco narrativo que os perfis mais se distanciam dos recursos literários.

Ou seja, nos parece que os perfis da Revista *piauí* entendem e utilizam os recursos literários experimentados pelo Novo Jornalismo, mas somente até o ponto em que ainda é evidente a distinção entre jornalismo e literatura. No que se refere a experimentações com o narrador, a revista ainda é mais conservadora do que os precursores do movimento americano – e aqui é preciso lembrar que foi justamente o recurso do ponto de vista da terceira pessoa que mais encontrou resistência e ceticismo na década de 1960.

É evidente que o recorte que utilizamos neste trabalho não pode de maneira alguma levar a crer que fizemos um trabalho exaustivo no sentido de identificar a linha central de influência do jornalismo literário brasileiro. O que mostramos foi a utilização de quatro aspectos apontados por um precursor do Novo Jornalismo nos perfis da Revista *piauí*. Os demais aspectos que contribuíram para moldar o perfil brasileiro contemporâneo como gênero jornalístico ainda devem ser estudados.

Referências bibliográficas

COIMBRA, Oswaldo. O Texto da Reportagem Impressa. Um Curso sobre sua Estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

FARO, José Salvador. Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira. São Paulo: Editora Ulbra / AGE Editora, 1999.

GUIMARÃES, Elisa. A Articulação do Texto. São Paulo: Ática, 1990.

LAGE, Nilson. Estrutura da Notícia. São Paulo: Ática, 2005.

LAGE, Nilson. A Reportagem. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O Foco Narrativo. São Paulo: Ática, 2002.

MASSAUD, Moises. História da Literatura Brasileira – vol. II – Realismo e Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 2001.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

OLINTO, Antônio. Jornalismo e Literatura. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

TALESE, Gay. Fama e anonimato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TALESE, Gay. Honra teu Pai. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TALESE, Gay. O Reino e o Poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VILAS-BOAS, Sergio. Perfis: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

VILAS-BOAS, Sergio. Perfil, o gênero nobre do jornalismo literário. In: Biblioteca Entrelivros, Edição 11, São Paulo, Duetto, ago. 2008.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os sapatos. In: TALESE, Gay. Fama e anonimato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PINHEIRO, Daniela. O consultor: José Dirceu. In: WERNECK, Humberto (org.). Vultos da república: os melhores perfis políticos da Revista *piauí*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOLFE, Tom. Radical chique e o novo jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SITES ACESSADOS:

Blog do Sérgio Vilas-Boas: <http://www.sergiovilasboas.com.br>

Editora Abril: <http://www.assineabril.com.br>

Folha Online: <http://www1.folha.uol.com.br>

Revista Piauí: <http://revistapiaui.estadao.com.br>

Observatório da Imprensa: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>

Anexos

Perfil 1: Para toda obra – Nelson Jobim

Por Consuelo Dieguez

Agosto de 2011

- Fragelli, coloque aí na sua apresentação o nome das empresas que participam do projeto do submarino nuclear e identifique o que são essas siglas – disse o ministro Nelson Jobim, da Defesa.

– Ministro, essa apresentação é um compacto. As siglas e as empresas aparecem em algum momento da apresentação completa, com oitenta slides – respondeu o almirante José Alberto Accioly Fragelli, coordenador do Programa de Desenvolvimento de Submarino com Propulsão Nuclear.

– Ninguém aguenta ver oitenta slides, Fragelli. Vocês têm que botar na cabeça que essas palestras não são para vocês, militares. São para civis, que têm pouca compreensão do que está sendo tratado.

– Ministro, eu faço várias palestras para empresários, e faço desse jeito.

– Mas quero que seja feito desse jeito. Entendido?

– Pois não, ministro. Farei as modificações.

Eram oito e meia de uma ensolarada manhã no Rio de Janeiro. Nelson Jobim assistia, na primeira fila do auditório do Arsenal de Marinha, à exposição do almirante José Alberto Accioly Fragelli. Desde que assumiu o Ministério da Defesa, há quatro anos, Jobim se empenha em conseguir verbas para programas que a cúpula das Forças Armadas considera fundamentais. O do submarino nuclear é um deles.

Mas o ministro também acha que, para agradar os militares, é preciso antes convencer os civis. Ele fora ao Arsenal averiguar como o projeto do submarino é apresentado a políticos, empresários e jornalistas. Como a intenção é ganhar simpatia para a ideia, insiste com os militares que se expressem de maneira clara, sem recorrer ao jargão da caserna.

“Tenho certeza de que, se a presidenta fosse a socialista Ségolène Royal, a transferência de tecnologia não teria sido autorizada”, disse Jobim aos oficiais no final da palestra. Segundo ele, a França só concordou em transferir tecnologia nuclear ao Brasil, no quadro da construção do submarino, porque o governo de Nicolas Sarkozy era de direita.

Na saída do prédio, empertigou-se e estufou-se para assistir à saudação da tropa. Vestia uma calça verde-musgo e uma camisa cáqui de inspiração bélica. Com passos marciais, embarcou no porta-aviões *São Paulo*, ali ancorado, seguido do comandante da Marinha, Julio Soares de Moura Neto, do seu assessor especial, o ex-deputado José Genoíno, e do ministro de Assuntos Estratégicos, Wellington Moreira Franco, que improvisaram corridinhas para acompanhar o chefe. No navio, tomou um helicóptero rumo à Base Naval de Itaguaí, onde, ao lado, está sendo construído um estaleiro da Marinha, pela Odebrecht, em que serão fabricados os submarinos.

Com uma taça de vinho branco na mão, no aperitivo do almoço oferecido pela Marinha, Jobim explicou sua exasperação com o almirante Fragelli, na palestra no Arsenal: “É preciso saber quem manda aqui. É preciso respeito à hierarquia. Se eu não impuser minha autoridade, o espaço logo é ocupado.”

Nelson Jobim é um homenzarrão de 1,90 metro que se impõe pelo tamanho, pelo porte e pela voz. Nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, há 65 anos, e não só conserva como cultiva o sotaque gaúcho. O avô foi embaixador e governador do estado, o pai, advogado e a família desde sempre esteve envolvida na política gaúcha, às vezes em lados opostos. A avó materna era maragato, e o avô, chimango – o que equivale, na política da província, a ser Montecchio e Capuleto na Verona de Romeu e Julieta. Durante os conflitos entre uns e outros, a avó socorria os maragatos no porão; e o avô, no andar superior, os chimangos.

Os Jobim, segundo o próprio ministro, não são uma estirpe que prime pela brandura. A avó paterna, Ana, era tão severa que os netos não a chamavam de avó, e sim de Don’Ana. Ela, por sua vez, chamava o pequeno Nelson de “senhor doutor meu neto”. Ana teve um derrame na velhice e ficou cega. Fingiu para toda a família, durante sete anos, que enxergava bem, embora todos soubessem que ela já não discernia um chimango de um maragato.

Jobim chegou ao Ministério da Defesa embraseado por confusões que vinham desde o início do governo Lula. A cúpula militar se abespinhara com o ministro José Viegas porque ele divulgou fotos do jornalista Vladimir Herzog seviciado na cadeia, pouco antes de ser assassinado durante a ditadura. A tortura seguida de morte era fato inquestionável. Mas as fotos divulgadas por Viegas, não; eram uma fraude.

Viegas caiu e o vice-presidente José Alencar foi improvisado no cargo, pelo qual não tinha gosto nem interesse. Mal apareceu no Ministério até ser substituído por Waldir Pires, ex-governador da Bahia. Ao defender a desmilitarização do controle aéreo, Pires também se atritou com o oficialato. Um avião de grande porte caiu em seguida, controladores de voo entraram em greve, os aeroportos viraram um pandemônio e Waldir Pires ficou fragilizado.

Fora da vida pública, e sem planos de voltar a ela, Jobim abriu um escritório de advocacia em Brasília. Em julho de 2007, foi procurado por um amigo de infância, também ele do Rio Grande do Sul: o ministro Tarso Genro, da Justiça. O amigo petista achava que Jobim tinha o perfil para o cargo por transitar bem por todo o espectro político e ter uma experiência rica. Eleito pelo PMDB, por duas vezes ele fora deputado federal – sendo que na primeira vez trabalhou junto a Ulysses Guimarães para levar a Constituinte a bom termo. Fora também ministro da Justiça de Fernando Henrique Cardoso, que o nomeou juiz do Supremo Tribunal Federal.

Em 2002, Jobim estivera à frente da Justiça Eleitoral durante a campanha em que Lula enfrentou José Serra. Como era amigo de Serra, houve receio entre os petistas de que beneficiasse o candidato tucano. Numa de suas primeiras entrevistas depois de eleito, porém, Lula elogiou a atuação do presidente do Tribunal Superior Eleitoral na campanha.

“O Tarso me disse que o governo precisava de alguém para colocar ordem no negócio, e que eu tinha a cabeça organizada e autoridade”, contou o ministro numa conversa em seu gabinete, decorado com sofás de couro preto e móveis antigos pela sua mulher, Adrienne Senna. Jobim não topou. Achava que já havia cumprido sua cota na vida pública. Afora isso, “era um cargo difícil porque aquilo lá estava uma bagunça”. Também pesava na decisão a opinião da mulher, totalmente contrária à sua volta para o governo. Adrienne – com quem se casou após separação traumática – tem forte ascendência sobre o marido. “Eu não ouço a Adrienne, eu obedeco”, afirmou, às gargalhadas. “Quem nos conhece sabe que é verdade.”

Uma tarde, Jobim recebeu a visita do ministro Franklin Martins, da Comunicação Social, que insistiu para que ao menos conversasse com o presidente. Jobim foi ao Planalto, ouviu os argumentos de Lula, e ficou de pensar. Intuíu que, se dissesse não na hora, seria dissuadido. “O Lula é um sedutor”, disse. “Aliás, ele e Fernando Henrique são sedutores. Só que de maneiras diferentes. O Lula diz palavrão, o Fernando é um lorde”, disse Jobim.

Durante um mês, foi assediado por parlamentares amigos, entre eles Sigmaringa Seixas, para que aceitasse o posto. Mas continuou irredutível. No dia 17 de julho houve o acidente com o avião da tam, em Congonhas, no qual morreram 199 pessoas. Pouco depois, Jobim foi novamente procurado por Seixas, dessa vez, acompanhado de Gilmar Mendes, o presidente do Supremo Tribunal Federal, que lhe fez o mesmo apelo. O acidente dobrou o casal. Às quatro da tarde do dia 25 de julho, Seixas ligou para o Planalto e pediu uma reunião com Lula. Duas horas depois, Jobim era escolhido ministro.

Imediatamente após a posse, numa saleta ao lado do auditório, avisou ao presidente que iria a Congonhas. Até então, só o comandante da Aeronáutica, brigadeiro Juniti Saito, estivera no aeroporto. “Alguém tinha que mostrar a cara, falar com as famílias, avaliar as condições do aeroporto, mostrar solidariedade”, contou Jobim. Um ajudante de ordens do

brigadeiro Saito veio falar com ele. Travaram, segundo Jobim, o seguinte diálogo. “Ministro, o senhor vai a Congonhas amanhã com o brigadeiro Saito?” “Não, o brigadeiro Saito é quem vai comigo.”

Na viagem, Jobim usou capacete de bombeiros, subiu em escada Magirus, circulou pela pista do aeroporto, foi ao Instituto Médico Legal. Foi acusado de exibicionismo. Ele diz que foi a maneira que encontrou para mostrar aos familiares das vítimas e à sociedade que o governo se importava com a tragédia e acompanharia de perto as investigações.

“Tínhamos dois problemas: a Infraero e a Agência de Aviação Civil”, recordou. Dar um jeito na Infraero, a estatal responsável pela administração dos aeroportos, era relativamente fácil. Bastava demitir a diretoria e nomear novos gestores. Foi o que ele fez, imediatamente. Na Anac, a solução era mais complicada, pois os diretores tinham mandato. A saída, explicou, foi adotar o estilo do Partido Republicano do Rio Grande do Sul: fazer na marra. Começou a pressionar os diretores para que pedissem demissão. “Aquilo era muito desorganizado, cada diretor tinha uma agenda própria e não se falavam entre si”, disse, enquanto rabiscava um papel, gesto que repete quando desenvolve um raciocínio.

Uma das primeiras a serem dispensadas foi Denise Abreu, ligada a José Dirceu. “Aquele que fumava charuto, lembra?”, ele perguntou. Ela queria falar com Lula. Quando soube, Jobim ligou para o presidente. “Presidente, não aceite. A crise da aviação está dentro do Palácio e a primeira coisa que temos que fazer é tirá-la daí. Deixa que eu resolvo.”

Jobim chamara a economista Solange Paiva Vieira para ser a responsável pela aviação civil no Ministério. Mas foi da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, a sugestão de que ela dirigisse a Anac, a Agência Nacional de Aviação Civil. O passo seguinte foi desmilitarizar a área de controle de voo. Os controladores passaram a ter um plano de carreira diferente dos demais militares, o que permitiu que seus salários fossem aumentados sem quebrar a hierarquia salarial. As licitações dos aeroportos, todas condenadas pelo Tribunal de Contas da União, foram revistas. Com os problemas razoavelmente encaminhados, Jobim achou que só havia sentido em continuar no Ministério da Defesa se fosse para tratar de outros temas. Começou a se interessar pelos militares – seu papel institucional e a maneira como viam a ditadura.

O almoço na Base Naval foi servido num galpão arrumado com esmero. Sobre as mesas, cobertas com toalhas de linho branco, havia pratos de porcelanas azul e branca com emblema da Marinha, taças de cristal, guardanapos também de linho e vasos de flores. O ministro sentou-se à mesa principal cercado de oficiais e de diretores da Odebrecht. Mais descontraído, fez um discurso com afagos aos comandantes: “Esse projeto da Marinha e do Ministério da Defesa foi um desafio para todos nós. O presidente Lula, com sua percepção,

logo autorizou que tocássemos o submarino nuclear. A presidenta Dilma também o apoia. Ele é irreversível.”

Na saída, posou, sorridente, para uma foto com oficiais. Tomou novamente o helicóptero, desembarcou no Aeroporto Santos Dumont, onde embarcou num jato da Força Aérea para Brasília. Durante o voo, enterrou os olhos num calhamaço todo marcado a caneta e com adesivos coloridos, organizado por José Genoíno. Era o projeto sobre a abertura de documentos sigilosos, em discussão no governo e no Congresso.

A relação de Nelson Jobim com os militares é cerimoniosa, mas franca. O seu apreço pela hierarquia é admirado por boa parte do oficialato, mas há generais que, na surdina, o chamam de “pavão”. Ele considera que ganhou a confiança dos militares por sua posição em relação a uma questão delicada: a Comissão da Verdade, projeto do governo em discussão no Congresso.

Se for instituída, a Comissão da Verdade poderá esmiuçar os crimes da ditadura militar contra opositores do regime. E também os crimes cometidos por civis contra agentes do Estado. Poderá requisitar documentos e convocar os envolvidos para depor. Seu poder acaba aí. Pelo projeto, nenhum dos acusados poderá ser julgado, e muito menos punido.

Essa questão colocou Jobim e o então secretário de Direitos Humanos do governo Lula, Paulo Vannuchi, em campos opostos. Vannuchi era favorável que a comissão tivesse poderes de condenar os culpados. Os dois tiveram discussões ríspidas. “Eu defendi que valesse a Lei da Anistia de 1979, que absolveu os crimes cometidos pelos dois lados”, disse o ministro.

Durante o embate com Vannuchi, no ano passado, Jobim foi a Lula explicar seu ponto de vista. Contou a ele que participara, no governo de Fernando Henrique, da criação da Comissão sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Na época, discutira com o alto-comando das Forças Armadas um ponto nevrálgico: a diferença entre morte dos subversivos “em combate” e a morte após serem detidos por agentes do Estado. A partir do momento em que o indivíduo estivesse em situação de submissão, a responsabilidade por sua morte era do Estado, independente de ele ter cometido crime ou não. “Na época, eu disse aos militares: ‘Nós não temos pena de morte. Se o indivíduo morreu depois de preso, a responsabilidade é do Estado, que terá que arcar com as indenizações.’” Reconhecidos os crimes cometidos pelo regime, indenizavam-se as vítimas e ponto final. Os militares assassinos e torturadores, no seu entendimento, haviam sido contemplados pela Anistia.

Lula arbitrou a questão em favor da tese de Jobim, estabelecendo no projeto enviado ao Congresso que ela se limitaria à investigação dos fatos. “O efeito colateral do embate com o Paulo Vannuchi foi o estabelecimento de uma relação de confiança com os militares”, disse.

“Eu devo ao Paulo a construção da minha relação de respeito com os militares. Ele não sabe disso.”

Num seminário recente no Instituto Brasil, em Washington, Paulo Vannuchi afirmou que o projeto da Comissão da Verdade não prevê a investigação dos crimes cometidos por subversivos. E criticou o comportamento do ministro Jobim, que teria ameaçado se demitir. “Essa história do pedido de demissão dele está mal contada”, disse Vannuchi. “Pode ser que o ministro Jobim tenha feito um jogo com a imprensa para passar a ideia de que saiu vitorioso.” Ele discorda da tese de que a Lei da Anistia foi um pacto entre a oposição e o regime militar que encerraria a questão. “Isso é totalmente falso, o projeto da Anistia foi da ditadura”, disse. “Autoanistias não valem.”

Na véspera do dia 31 de março passado, data do golpe que instaurou a ditadura em 1964, Jobim cobrou a fatura dos militares. Ele foi avisado de que o general Augusto Heleno, comandante militar da Amazônia, faria um discurso, no Forte Apache, em Brasília, exaltando o golpe. Seria o seu discurso de despedida antes de passar para a reserva. Jobim ligou para o comandante do Exército, general Enzo Peri, e avisou que qualquer manifestação de louvor à data estava proibida. “Eu não posso mandar na reserva, mas não aceitarei qualquer manifestação dos oficiais da ativa”, disse ao general. “Avise ao Heleno que ele está proibido de fazer o discurso amanhã.”

O general Enzo ficou de verificar o fato. Na volta, afirmou ao ministro:

– Conversei com o Heleno e ele disse que é apenas um discurso, não tem nada de mais.

– Enzo, não importa o conteúdo do discurso, e sim a simbologia. Diga para cancelar.

E então lembrou o comandante do Exército do acordo com a presidenta Dilma antes da posse. Jobim interrompeu o relato para encher de água quente, pela terceira vez, a cuia de chimarrão. Enquanto sorvia a bebida, contou que, ao convidá-lo a continuar no Ministério da Defesa, Dilma decidiu manter os comandantes da Marinha, Julio Moura Neto, do Exército, Enzo Peri, e da Aeronáutica, Juniti Saito. “Eu achei ótimo porque nós estávamos afinados, eles participavam de todo o processo de modernização das Forças Armadas e não seria bom tirá-los”, disse.

Dilma lhe pediu que marcasse um encontro reservado com os três comandantes. “Eu falei para ela: ‘Vamos combinar o seguinte, a senhora conversa com eles porque ainda não é presidente. Mas, depois da posse, a conversa tem que ser comigo’”, contou o ministro. No encontro com os militares, Dilma, segundo Jobim, os avisou de que “não haveria retaliação, mas também não aceitaria glorificação”. Ele reiterou o compromisso assumido pela

presidenta para advertir o general Enzo de que não aceitaria nenhuma comemoração dos militares da ativa no dia 31.

Enquanto relembrava o episódio, José Genoíno, seu assessor especial, entrou na sala e sentou-se à sua frente. Jobim olhou para o ex-deputado, sacudiu a mão em direção a ele e provocou: “Os amigos aí do Genoíno, do PT, que não gostam de mim, até se espantaram com minha reação.”

No governo Lula, Jobim já se irritara com o general Augusto Heleno por causa de suas críticas à demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol. “Eu chamei o Heleno e disse que não queria que ele contestasse a demarcação”, contou. “Ele tinha que respeitar a hierarquia e a disciplina.” E continuou: “Eu falei para ele que eu podia até concordar com suas teses, mas que aquele era um assunto vencido. Quem decide isso não é a estrutura militar, é a civil.” O general Heleno parou com as críticas.

Na ocasião, disse Jobim, lançando novamente um olhar irônico para o assessor especial, “o pessoal da esquerda, lá do Genoíno, queria tirar o Heleno, e eu falei que de jeito nenhum”.

Um segundo episódio, envolvendo o general Santa Rosa, da cúpula do Ministério, teve consequências mais sérias. Numa solenidade Militar, Santa Rosa criticara a política de direitos humanos do governo. No dia seguinte, às sete da manhã, ao ler os jornais, Jobim deparou-se com os ataques do subordinado. Ligou na mesma hora para o general Enzo e pediu que ele averiguasse a veracidade das declarações. “Enzo, se for verdade, o Santa Rosa está demitido”, avisou. O general confirmou. Jobim disse que Enzo avisasse Santa Rosa de que, naquele momento, iria ao Palácio do Planalto para comunicar sua demissão ao presidente.

Ao entrar no gabinete, encontrou Lula chateado.

– Que negócio é esse desse general? – perguntou Lula.

– Presidente, assina isso aqui, que está tudo resolvido – respondeu Jobim.

– O que é isso?

– A exoneração do general.

– Mas já?

– Não se pode perder tempo com uma coisa dessas. Assina que ele já está indo embora.

No dia seguinte à visita à Base Naval, no Rio, Jobim reuniu-se no Ministério com integrantes da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado, presidida por Fernando Collor de Mello. Durante quase uma hora, falou aos senadores, diante de um mapa do Brasil, sobre a estratégia de defesa. Citou, de cabeça, dados referentes a todas as fronteiras, os problemas de cada uma e as operações realizadas. A apresentação foi feita no Centro de Operações Conjuntas, no 5º andar do Ministério, onde as Forças Armadas e as polícias federal e estaduais atuarão de forma conjunta. Dali, é possível controlar em tempo real todas as operações em andamento, as frentes que necessitam de reforço e a localização de todas as Forças.

Apontando para o mapa, Jobim disse que, só na Amazônia, são 1 640 quilômetros de fronteira com a Colômbia, 1 560 com o Peru e 3 400 com a Bolívia. Explicou que, além do aumento do contingente do Exército nessas fronteiras, o Ministério da Defesa começa a usar aeronaves não tripuladas que podem captar imagens de longa distância e repassá-las aos agentes de segurança.

Jobim afirmou aos senadores que o Brasil dará um grande passo na área da defesa nacional com a construção de um satélite geoestacionário. O Brasil não possui um satélite próprio: quando a Embratel foi vendida para a Telmex, o satélite brasileiro passou a ser operado pelos mexicanos. “Nós dependemos da disposição da Embratel em manter o satélite na posição que necessitamos”, disse. “O problema é que, se a empresa resolve mudar a posição do satélite, podemos perder imagens de toda uma região.” Por isso, Jobim faz lobby pela liberação de 700 milhões de dólares do orçamento, para a construção de um satélite que será operado por brasileiros.

“Com um satélite, nossas tropas poderão contatar o centro de controle no meio da selva, através de celulares”, continuou, empolgando-se. Para ele, a comunicação mais rápida entre as forças de segurança permitirá o combate mais eficiente ao tráfico de drogas, contrabando, roubos e crimes ambientais.

Com essas palestras, Jobim pretende mostrar aos parlamentares que a construção do submarino nuclear e a compra de helicópteros e satélite não são para que eles sirvam de brinquedinhos aos militares. Ele avalia que ainda há muita resistência porque a defesa nacional é associada à repressão militar. Seus críticos, sobretudo no PT, alegam que o governo deveria usar as verbas destinadas a equipamentos militares em obras de infraestrutura e no combate à pobreza.

O ministro contra-argumenta dizendo que o Brasil é a oitava economia do mundo e, dentro de poucos anos, deverá ser a quinta. “Precisamos proteger o nosso território da cobiça internacional”, disse. “O Brasil é um dos maiores produtores de proteína animal e vegetal do mundo. Tem uma das maiores reservas de petróleo e de energia renovável, que são as

hidrelétricas, além de ter água em abundância. Tudo isso será alvo de cobiça. Essa agora é a nova visão de defesa. Só que há um grande desconhecimento porque a discussão, até há pouco, se restringiu à questão militar.” Ele não trabalha com visão de curto prazo: “É coisa para daqui a quarenta anos. Para nos protegermos no futuro temos que começar a nos preparar desde agora.”

Quando a Estratégia Nacional de Defesa entrou em pauta, Jobim chamou os comandantes militares e, para espanto deles, pediu que organizassem um encontro com oficiais da reserva no Clube Militar, no Rio, onde estão entrincheirados os saudosos da ditadura. O seu assessor parlamentar, coronel José Thomaz Gonçalves de Oliveira, perguntou-lhe: “O senhor vai na reserva raivosa?”

O ministro ficou lá durante quase cinco horas discutindo com os oficiais das três armas. Jobim visitou dois militares que considera referências em questões estratégicas: o general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército de José Sarney, e o general Zenildo Lucena, que teve o mesmo cargo no governo de Fernando Henrique. Sua ideia era integrar os militares na discussão de seu projeto.

Jobim fez isso porque no começo de sua gestão houve desconfiança dos militares com a preocupação de um civil com a defesa. Ele usou então o que chamou de “estratagem” para conquistar a simpatia dos fardados. Passou a visitar todos os quartéis e postos de fronteira. Nas viagens, usava uniformes militares, o que acabou resultando numa ação criminal contra ele, já que um civil não pode usar um uniforme de general quatro estrelas com o seu nome bordado. Para Jobim, a estratégia deu certo: “Eu fazia tudo o que tinha que fazer. Subia em caminhão, andava de helicóptero, submarino, visitava os quartéis. Eles diziam que era a primeira vez que um ministro da Defesa se interessava em saber como era a vida deles. Era uma simbologia.”

A estratégia fez a festa dos cartunistas. Mas ele também se divertiu. Numa viagem pela costa carioca, Jobim ligou para o produtor João Araújo, que mora em Ipanema, seu amigo de longa data, para avisar que estava passando em frente à casa dele. “Onde?” Araújo perguntou. “Dentro de um submarino.”

Jobim passou a ir também ao Congresso, para falar com todas as bancadas sobre o assunto. O submarino movido à propulsão nuclear foi a sua primeira vitória. A diferença dele para os submarinos convencionais é a velocidade e capacidade de permanecer mais tempo no fundo do mar. “O Brasil descobriu imensas reservas de petróleo no pré-sal”, disse. “É preciso que o país esteja preparado para defender suas riquezas.” Defender, diz o ministro, não significa atacar. “Mas é preciso capacidade de dissuasão. O mundo precisa saber que temos como reagir.”

Com o projeto do submarino nuclear, o Brasil entra no restrito clube de oito países que detêm essa tecnologia. Boa parte dos equipamentos está sendo produzida no país. As baterias do submarino, por exemplo, estão sendo desenvolvidas pela fábrica de baterias Moura, no agreste pernambucano. “Do agreste para a era nuclear”, brincou Genoíno.

A estratégia de defesa se estende a toda a América do Sul. “O ideal será atuarmos em conjunto para proteger nossas fronteiras”, explicou Jobim. Ele está visitando todos os países para estabelecer uma estratégia conjunta. O primeiro acordo foi feito com a Colômbia, no mês passado.

Quando começou a discutir a estratégia conjunta de defesa com os dirigentes sul-americanos, Jobim recebeu um convite da secretária de Estado americano do governo Bush, Condoleezza Rice, para visitá-la. Ela estava curiosa para saber o que era o plano. No meio da conversa, Condoleezza disse que queria ajudar o Brasil. “A única forma de a senhora ajudar é não se metendo no assunto”, respondeu o ministro. O intérprete ficou constrangido e Jobim pediu que ele repetisse. A secretária riu. O ministro explicou que, no momento, a entrada dos Estados Unidos na discussão provocaria resistências. Mas, no futuro, poderiam conversar.

Condoleezza Rice mostrou interesse em vender equipamentos para o Brasil. “Isso é muito difícil porque vocês não transferem tecnologia”, respondeu-lhe Jobim. E lembrou o caso dos caças Super Tucanos, fabricados pela Embraer, que seriam vendidos à Venezuela, mas cujo negócio foi barrado pelo governo americano. A operação foi inviabilizada porque um dos equipamentos do avião, o GPS, é produzido nos Estados Unidos e o fabricante recusou-se a vender as peças para essa serventia.

Na sua visão, o Brasil não pode ser um simples comprador. “Só negociamos comprar equipamentos com transferência de tecnologia e construção no Brasil”, explicou Jobim. “Não se justifica comprarmos equipamentos no exterior e continuarmos dependentes.” Trinta engenheiros da Marinha estão sendo treinados na França para a construção de helicópteros e submarinos. A previsão é de que o primeiro submarino de propulsão nuclear fique pronto em 2025.

O reaparelhamento das Forças Armadas, que decorre do novo lugar do Brasil no mundo, também implica que o país assuma um novo papel na cena internacional. Tanto que ele defende uma ampliação da presença no Haiti, onde o Brasil chefia a força militar das Nações Unidas. “Não podemos sair de lá de uma hora para outra, temos compromisso com os haitianos e não podemos fugir das nossas responsabilidades internacionais”, ele disse, durante uma conversa no prédio do antigo Ministério do Exército, no Rio.

A despeito das tropas brasileiras estarem em Porto Príncipe como produto de um golpe, perpetrado pelos Estados Unidos e pela França contra um governo constitucional, o do presidente Jean-Bertrand Aristide, Jobim considera que a intervenção brasileira, por se dar sob a égide da ONU, é legítima. E leva em conta que as ações do Exército nas favelas do Haiti serviram de treinamento para a ocupação de favelas no Rio de Janeiro.

O general Leônidas Pires Gonçalves é um homem forte, ereto, de raciocínio rápido, cuja aparência desmente os seus 90 anos. Em seu apartamento, no Leblon, ele contou que sua primeira conversa com Jobim durou mais de duas horas. O general é um entusiasta do programa de defesa. “Nunca houve isso no Brasil”, disse, enquanto a copeira lhe servia uma xícara de café. Embora considere um avanço, ele acha que o Brasil caminha a passos lentos. “A ideia é ótima, só que os recursos são pingados.” E apresentou as contas: os Estados Unidos têm um orçamento anual de 400 bilhões de dólares; a China, de 120 bilhões; e o Brasil, de 11 bilhões de reais. O orçamento deste ano, de 15 bilhões, foi cortado em 4,3 bilhões.

“Como falar em estratégia de defesa quando falta comida no quartel?”, disse o general. Seu rosto ganhou um ar de preocupação. Remexeu-se no sofá e explicou seu ponto de vista: “Não sou maníaco por defesa, mas está claro que, dentro de duas, três décadas, nossos patrimônios estarão expostos”, disse. “Do ponto de vista de orientação e planejamento, estamos bem. É inédito termos um documento tratando de estratégia de defesa. Mas o catastrófico é que não temos recursos para aplicar. Há quantos anos se fala em comprar jatos para a Força Aérea? O submarino ainda levará anos para ficar pronto. Eu sei que o cobertor é curto, mas é preciso ter grandeza e pensar que o Brasil está crescendo e não pode ficar tão vulnerável.”

Numa quinta-feira de julho, Nelson Jobim marcou apenas um compromisso na agenda, na parte da manhã: participar da comemoração dos 80 anos de Fernando Henrique Cardoso, no Senado. De terno escuro e gravata azul-clara, foi o único ministro do governo a participar da cerimônia. Quando o aniversariante chegou, Jobim sentou-se à mesa armada no palco do auditório do Senado, cercado de políticos do PSDB e do DEM. Fez questão de falar e chamou seu discurso de um monólogo para Fernando Henrique. “Fui seu amanuense, ou escrivão, durante a Constituinte”, brincou. “Fui seu ministro da Justiça e indicado por você para o Supremo Tribunal Federal. Se estou aqui hoje, Fernando, é por tua causa.” E encerrou o discurso com uma citação que causou surpresa na mesa e na plateia: “Nelson Rodrigues dizia que, no tempo dele, os idiotas entravam na sala, ficavam quietos num canto ouvindo todo mundo falar e depois iam embora. Mas hoje, Fernando, os idiotas perderam a modéstia.”

Ao fim da cerimônia, à uma da tarde, Jobim foi para o gabinete do senador Fernando Collor, onde ficou por mais de uma hora conversando sobre a questão da liberação dos

documentos sigilosos, projeto do qual o ex-presidente discorda. No amplo gabinete de Collor, enquanto o chefe falava com o senador de Alagoas, seus assessores recordavam episódios do tempo de caserna. Seu assessor parlamentar, o coronel Gonçalves, explicava por que, no meio militar, é mais difícil haver corrupção. “O cara que rouba é desprezado pelos outros”, sustentou. E contou o seguinte caso da sua época de cavalaria.

Um tenente “pelagem sete” roubara o dinheiro da compra de cavalos. Ao ser indagado sobre o que era “pelagem sete”, o coronel pediu para que não interrompessem a narrativa. O fato é que o dinheiro desapareceu do quartel. Como estavam todos de folga, à exceção de um soldado raso de plantão, este acabou levando a culpa. “Sabe como é, chamamos o soldado para um diálogo franco e ele confessou o roubo”, disse. Ao ser indagado se o soldado tinha sido torturado, o coronel pediu novamente para não ser interrompido. Ao seu lado, o almirante Mendes disse: “Anos dourados.”

Gonçalves continuou a narrativa. Afirmou que o tal tenente “pelagem sete” apareceu no quartel de Karmann Ghia, relógio importado, pagando jantar para todo mundo. Logo desconfiaram de que fora ele o autor do roubo, e não o soldado. O tenente foi julgado e condenado. Cumprida a pena de prisão de um ano e oito meses, voltou ao quartel. Foi desprezado pelos camaradas, que só o chamavam de “crioulo safado, pelagem sete”. Na cavalaria, as cores dos animais são classificadas por número. O “pelagem sete” é o cavalo negro.

O coronel passou a discutir a questão de liberação do homossexualismo nas Forças Armadas. Perguntado se havia muitos homossexuais na tropa, reagiu: “Peraí, muitos também não.” Disse não ter posição definida sobre o assunto, mas contou que, numa entrevista que deu a um programa de “uma espécie de Ana Maria Braga de Natal”, foi questionado sobre isso. “Eu respondi com uma pergunta: ‘Se a senhora tivesse um filho louro, alto, de olho azul, gostaria que ele fosse comandado por um gay? Pense bem, no quartel é tudo aberto. Os banheiros não têm porta. Lá, ninguém tem medo de abaixar para pegar o sabonete. Mas, e se for liberado?’” A apresentadora, disse ele, acabou concordando com sua tese de que um comandante gay poderia acabar causando constrangimento ao resto da tropa.

Jobim deixou a sala de Collor e foi para o Ministério, onde almoçou rapidamente. Enquanto comia uma salada, comentou a discussão da liberação de documentos sigilosos do Estado. “É muita trapalhada, a Ideli é muito fraquinha e Gleisi nem sequer conhece Brasília”, falou, referindo-se à ministra das Relações Institucionais e à da Casa Civil.

Disse que o Collor não criaria empecilhos, mas que estava chateado porque, enquanto ele discutia o projeto, foi atropelado por um pedido de urgência na votação, feito pelo senador Romero Jucá, da base governista. “Ele se sentiu desrespeitado, não havia razão para o

pedido de urgência”, afirmou Jobim. Na conversa, Collor lhe contou que faria um discurso contra o projeto e Jobim lhe pediu que não o fizesse, no que foi atendido. “Eu disse a ele que havia muito espaço para negociação e que, se ele fizesse o discurso atacando o governo, estreitaria essa possibilidade.” Perguntado sobre por que havia tantas idas e vindas no governo na relação com o Congresso, Jobim não teve dúvidas: “Falta um Genoíno para ir lá negociar.”

José Genoíno se candidatou a deputado, não se elegeu e, no começo do ano, Jobim o chamou para ser seu assessor. Antes de convidá-lo, porém, informou a presidenta da sua intenção. “Mas será que ele pode ser útil?”, perguntou-lhe Dilma. E ele respondeu: “Presidenta, quem sabe se ele pode ou não ser útil sou eu.”

Jobim acha que há uma resistência muito grande ao ex-deputado no Palácio. Ele é um de seus melhores amigos. Conheceram-se durante a Constituinte e, embora militassem em partidos diferentes, sempre se respeitaram. “O Genoíno é muito competente, sabe tudo de legislação e de Congresso”, disse. O ex-deputado trabalha numa sala ao lado do gabinete de Jobim e participa de todos os assuntos do Ministério. “O tema defesa me atrai”, disse ele, que foi guerrilheiro no Araguaia e hoje cultiva uma relação de camaradagem com os militares. “Não podemos olhar a história somente pelo retrovisor. Temos que dirigir olhando também para a frente. Não dá para pensar em revanchismo.”

O projeto de lei de acesso à informação pública foi encaminhado ao Congresso ainda durante o governo Lula, que classificou os documentos entre reservados, secretos e ultrassecretos, que poderiam permanecer nos arquivos até um século. Houve reações de desgosto de todos os lados. A esquerda achava que os documentos referentes aos crimes da ditadura seriam colocados no rol dos ultrassecretos. O Itamaraty temia que questões relativas a fronteiras pudessem causar mal-estar nos vizinhos.

“Parte do PT e da oposição fez um escarcéu, dizendo que o projeto proibia a abertura de documentos sigilosos da época da ditadura”, disse Genoíno. “Mas isso não existe.” Pegou um documento todo marcado, que entregara dois dias antes ao ministro, e leu o seguinte trecho: “Todas as informações e documentos que versem sobre condutas que impliquem violação dos direitos humanos praticados por agentes públicos não poderão ser objeto de restrição ao acesso.” Esse artigo foi colocado pela presidenta. Ou seja, não haverá sigilo nesses assuntos. As restrições se limitam a questões de fronteiras, como a Guerra do Paraguai, e à vida privada e à honra, que tem uma limitação de 100 anos. Os documentos referentes a questões estratégicas, como tecnologia sensível, centrífugas, enriquecimento de urânio e programa espacial, nem sequer constavam ali. “Muitos senadores estão criando caso por causa dessas questões que nem foram incluídas no projeto”, disse.

O que ficou acertado é que todos os documentos secretos ficarão fechados por 25 anos, e os ultrassecretos por cinquenta anos. Os documentos que se referem à vida privada e honra, por 100 anos. Será escolhida uma comissão com integrantes de vários ministérios para fazer a seleção dos documentos. Documentos referentes a direitos humanos não terão restrição de acesso. Aqueles referentes à tecnologia sensível ficaram de fora. Portanto, não serão divulgados.

Às oito da noite, Jobim ainda estava no gabinete, acompanhado de Genoíno. Preparava-se para ir a uma festa na embaixada americana. Pouco antes, a presidenta o convocara para uma reunião no dia seguinte, no Palácio, para tratar da Lei do Sigilo. Perguntei-lhe a quem ele se referira, pela manhã, quando falou dos “idiotas soberbos”, no discurso em homenagem a Fernando Henrique. Respondeu que não se dirigira a ninguém em particular. Mas contou que, quando era juiz do Supremo, ao defender um dos seus pares, o ministro José Paulo Sepúlveda Pertence, dos ataques da imprensa, citou a mesma frase, referindo-se à jornalista Dora Kramer, d’*OEstado de S. Paulo*. Nunca mais se falaram. “Eu não me dou com ela e ela não se dá comigo”, disse.

Depois, no entanto, afirmou que o recado da manhã era para os que faziam intriga através da imprensa. “Os que não escrevem para a posteridade.” Jobim diz não se importar com os ataques que lhe fazem: “O José Paulo Pertence costumava dizer que eu tenho coragem de gaúcho e couraça de jacaré. Tenho mesmo.”

Quando era presidente do Supremo, petistas o acusavam de ser o líder do governo no STF. “Aqueles advogados petistas, o Fábio Konder, o Celso Bandeira de Mello, viviam me atacando e os jornalistas eram os idiotas que vocalizam essas pessoas”, afirmou. “Depois, no governo Lula, a oposição dizia que eu era o líder do PT no Supremo. Eu achava graça, porque continuei decidindo do mesmo jeito de sempre.” Chegou a recortar todas as charges contra ele, enquadrá-las e colocá-las na entrada do seu gabinete no Tribunal. “Teve uma caricatura minha que saiu na revista *Bundas*”, contou. “Foi quando fui eleito o bundão do mês. Aquela eu adorei, ficou muito bonita.”

Aos 14 anos, Jobim já media 1,90 metro, mas não se dava conta de sua força. “Eu tinha a síndrome do cachorro pequeno”, contou. “Brincava com meus amigos achando que era do tamanho deles.” Descobriu sua força quando brigou, num jogo de futebol, com um garoto que o chutara. “Joguei o guri no chão e bati a cabeça dele na pedra.” Foi contido pelos amigos. “Não aconteceu nada com ele, mas me dei conta de que tinha perdido o controle”, contou. “Fiquei com medo de mim.”

Ainda menino, ele tinha obsessão pela pontualidade. Se precisasse pegar um trem, digamos, às onze da manhã, fazia questão de chegar à estação uma hora antes. Sua mãe o deixava lá, voltava para casa, e depois retornava à estação para embarcá-lo. (Sigmund Freud, que tinha

a mesma obsessão, autoanalisou-se e concluiu que a angústia pela pontualidade era sintoma de uma neurose primária: medo de morrer.)

O dia 31 de março de 1964 o pegou no 1º ano da faculdade de direito. Sua família, do PSD, apoiou o golpe. Não participou da contestação de 1968 e não fez política na universidade. No início dos anos 70, seu pai foi eleito presidente da Arena, o partido da ditadura, em Santa Maria. Formado, concorreu a uma vaga na direção da seção gaúcha da Ordem dos Advogados do Brasil. Só nos anos 80 entrou na política para valer, sendo eleito deputado pelo PMDB.

Na Constituinte, ficou amigo de José Serra, com quem foi morar quando seu casamento acabou. Serra tem inveja de Jobim. “Ele dorme em qualquer lugar, de qualquer jeito, chega a dormir quinze minutos dentro de um táxi”, disse o ex-governador paulista. “Para um insone como eu, chega a ser irritante.” Quando moraram juntos, dificilmente se encontravam: Serra chegava em casa depois da meia-noite e o amigo dormia; quando acordava, Jobim já saía.

“O Jobim deu uma cara ao Ministério da Defesa, e vem fazendo um excelente trabalho”, disse Serra. Ele acha que o ministro tem uma característica não muito disseminada entre os políticos de todos os partidos: “Ele estuda. Quando deve se posicionar sobre um assunto, pode ter certeza de que o estudou a fundo.” Certa vez, ele pediu a Serra que lhe preparasse uma bibliografia de livros de economia, para que pudesse dominar a questão. O tucano lhe passou uma lista com dezenas de livros, “e ele leu todos”.

Mesmo no governo Lula, Jobim jamais se afastou de José Serra. Numa viagem a São Paulo, para visitar o amigo, Jobim sentiu uma pontada na mama durante o voo. Na casa de Serra, o ministro falou sobre a dor. Serra logo pediu que o ginecologista José Pinotti, que estava com eles, o examinasse. Tanto Serra insistiu que Jobim concordou. Pinotti examinou-o, achou que havia algo errado e falou para ele ir ao seu consultório na segunda-feira. Do consultório, foi direto para o hospital, diagnosticado com câncer de mama. Retirou as duas.

Na campanha presidencial, o ministro Alexandre Padilha sugeriu, numa reunião no gabinete de Lula, que todos os ministros gravassem um programa em apoio a Dilma Rousseff. Jobim pediu a palavra. “Presidente, o senhor sabe que sou muito amigo do Serra”, disse. “Ele foi meu padrinho de casamento. Por razões pessoais inamovíveis, eu não posso fazer campanha senão para o Serra. No entanto, por razões institucionais removíveis, não posso fazer campanha para o Serra: sou ministro do seu governo. A primeira é inamovível, a segunda está em suas mãos.” Jobim riu ao lembrar o episódio. Lula lhe disse: “Nelson, esquece isso. Padilha, não mete o Nelson na campanha porque ele adora o Serra, e eu não entendo o porquê.” Jobim tornou público, no mês passado, numa entrevista a Fernando Rodrigues, da *Folha de S.Paulo*, que votou no tucano na última eleição presidencial.

Foi Serra quem apresentou Jobim a Adrienne, quando ela era procuradora da República. Depois, ela foi chefe do Conselho de Controle de Atividades Financeiras, e veio a trabalhar um ano nas Nações Unidas, em Nova York. Quando foi chamada a efetivar-se no cargo, declinou do convite com uma resposta que surpreendeu os chefes: “Eu vou voltar para o Brasil porque emprego a gente arruma fácil. Marido não. E eu vou cuidar do meu.”

Ela tem personalidade forte. Adrienne é quem decide tudo na vida do casal: do restaurante a viagens de férias e programas de fim de semana. O casal costuma passar temporadas na casa de João Araújo, em Angra. “A relação é muito harmoniosa”, disse o produtor. Jobim tem outra visão: “Ela manda, e eu obedeço.”

Jobim é um hedonista: adora comer e beber bem. “Se deixar, ele devora tudo”, diz Araújo. O ministro também gosta de conforto e de se hospedar em hotéis caros. Na França, já ficou no Plaza Athenée, com Adrienne e um casal de amigos, o empresário Joel Barcelos, ex-dono da Brasif, e a mulher. A serviço, costuma ficar em hotéis de trânsito listados pelo Exército.

Jobim se define como um político de centro-esquerda. “Nunca fui marxista”, disse. Ele foi influenciado por Max Weber, Harold Laski e pelo trabalhismo inglês. Entre as figuras históricas, tem grande admiração por Charles de Gaulle. “Ele tinha uma visão histórica, uma concepção de nação, e manteve a França independente do poderio americano”, disse. Adora ler, principalmente literatura inglesa, e, durante anos, fez um curso de filosofia, em Brasília, com amigos do Supremo. Apesar da formação jurídica, tem gosto pela matemática e pela lógica. É comum fazer anotações usando uma linguagem simbólica decalcada dos *Principia Mathematica*, de Bertrand Russell.

Há alguns meses, Jobim voltou a se envolver com política partidária, da qual havia se afastado desde que deixou o Congresso. Mas, filiado ao PMDB desde sua fundação, ele nunca o abandonou. O primeiro contato com parlamentares do partido se deu há dois meses. O deputado Osmar Terra, do Rio Grande do Sul, lhe telefonou pedindo que participasse de uma reunião com alguns integrantes do PMDB descontentes com os rumos do partido. Ele lhes disse que não poderiam deixá-lo nas mãos dos fisiologistas. “Cargos fazem parte do processo político, mas são decorrência de temas específicos”, afirmou. “E qual a posição do PMDB em relação à saúde, à agricultura, à energia? Ninguém sabe.”

Quanto a Jobim, ele pretende continuar no cargo de ministro da Defesa – a despeito das avaliações de colonistas de que, com o elogio a Fernando Henrique e a admissão do voto em José Serra, estaria forçando a sua saída do governo. Mas não quer continuar ministro para ajudar o PMDB. Seus motivos nem sequer são políticos. “A única razão que me faz ficar no Ministério é porque me dá prazer”, disse. “Se deixar de ser prazeroso, eu saio.”

Perfil: Artur tem um problema – Artur Avila

Por João Moreira Salles

Janeiro de 2010

A bordo de um avião da United Airlines para Nova York, o matemático Wellington de Melo pediu um copo de vinho. Seu companheiro de viagem, Artur Avila, pediu outro. A aeromoça desconfiou: "Que idade você tem?" Artur tinha 19 anos, com jeito de menos, e ficou sem o vinho. Era a sua primeira viagem profissional. Havia sido confiado aos cuidados de seu orientador de doutorado, mas, em terra, sua mãe ainda não se tranquilizara inteiramente com a decisão de deixá-lo partir para os Estados Unidos.

Sob lei seca, Artur desembarcou no aeroporto JFK e seguiu com Melo para a Universidade de Stony Brook, no litoral norte de Long Island, a cerca de cem quilômetros dali. Corria o ano de 1999. Os dois iam ao encontro de Mikhail Lyubich, codiretor do Institute for Mathematical Sciences, centro de excelência em pesquisa matemática. Lyubich vinha da Ucrânia, onde a reputação de matemático brilhante não o livrara dos obstáculos pequenos e grandes de um judeu na antiga União Soviética. Mantido longe dos grandes centros acadêmicos do país, fora descoberto por um colega americano e emigrara para os Estados Unidos, onde agora integrava a direção do IMS. O encontro havia sido combinado meses antes, quando Lyubich, a convite de Melo, viera ao Rio participar de uma conferência no Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada, o Impa.

Ao receber os brasileiros em Stony Brook, Lyubich acabava de escrever uma série de artigos em que provava os seus achados mais importantes. "Pouquíssimas pessoas compreendiam de fato do que se tratava", comentou recentemente, "e Wellington era uma notável exceção. Foi dele a proposta de que o Artur explorasse essa linha de pesquisa." Melo, na época com 53 anos, havia se doutorado em 1972, e Lyubich, então com 40 anos, obtivera o PhD em 1984. Artur, nascido em 1979, era um estudante ainda à cata de um bom problema para sua tese de doutorado. Até a véspera, chegava ao Impa levado pela mãe, Lenir, que achava mais prático esperar por ali do que voltar para buscá-lo.

Os representantes das três gerações passaram um mês jogando ideias de lá para cá, num estilo de fazer matemática que só pede um quadro-negro, giz e espaço para andar de um lado para outro. As conversas, diárias, aconteciam nas salas do instituto, na casa de Lyubich, em restaurantes ou durante as caminhadas pelos bosques em torno da universidade. A colaboração entre eles era possível porque a matemática é refratária a hierarquias. "A prova é a prova", diz Artur, referindo-se ao caráter irrefutável da verdade. Um jovem que acaba de chegar pode falar de igual para igual com gente já estabelecida. Ou mais que isso: "Volta e meia, assombrado, eu percebia que o Lyubich e eu estávamos um

pouco atrás do Artur", lembra Melo. "Ele era tão jovem... Eu me esquecia disso e tomava um susto."

Um dia ele e Artur foram a Nova York ouvir a palestra de um matemático. No Village, bairro conhecido pela fartura de restaurantes, saíram atrás de um lugar para comer. Melo se lembra da impossibilidade de conciliar os gostos: "Eu perguntava: 'E esse coreano, Artur?', e ele respondia: 'Nunca provei.' 'Esse italiano?' 'Não conheço.' Imagine, não conhecer comida italiana. O Artur acabou almoçando no McDonald's. Ele sabia pouca coisa do mundo."

Ao cabo de um mês de intensas discussões, o trio divisava uma estratégia clara para resolver o problema que os absorvia, mas a prova ainda não estava ao alcance. Havia um obstáculo que se recusava a ceder. Lyubich e Melo decidiram deixá-lo nas mãos do garoto. "Isso foi em março", lembra Artur. "Fiquei com o problema na cabeça e uns meses depois, em setembro ou outubro, tive uma ideia esquisita."

Um teorema não pode ser desfeito, escreveu o grande matemático inglês G. H. Hardy. A matemática é a única ciência que lida com a verdade, o que se comprova em qualquer biblioteca: a literatura matemática é perene, enquanto a das outras ciências se torna rapidamente obsoleta. Dois mil anos de história não acrescentaram uma ruga ao teorema de Pitágoras. Salvo por interesse histórico, ninguém mais estuda o sistema solar de Ptolomeu. Já Euclides continua de pé. A matemática funciona por acúmulo, e não por substituição.

A validade permanente das verdades matemáticas se relaciona com o fato de ela estar apartada do mundo real, fora do tempo e das circunstâncias do universo. O matemático e filósofo francês Henri Poincaré escreveu que a descoberta matemática é o processo mental que menos toma de empréstimo elementos do mundo exterior. A mente se alimenta da mente. O início clássico de um tratado de geometria diz: "Vamos considerar três sistemas de coisas. As coisas que compõem o primeiro sistema nós as chamaremos de pontos; o segundo, de linhas; o terceiro, de planos." Coisas. A matemática obriga a lidar com os objetos mais remotos e inumanos que a mente dos homens já concebeu, diz o belga David Ruelle.

Artur Avila, 30 anos, barba sempre por fazer, doutor em matemática pelo Impa, vive entre a França e o Brasil. Em Paris, trabalha no Centre National de la Recherche Scientifique, o CNRS, instituto estatal de fomento à pesquisa. No Rio, é pesquisador do Impa. Vem acumulando prêmios cada vez mais importantes. Os grandes centros de pesquisa matemática do mundo convocam a sua presença e muitos gostariam de contratá-lo. Quando um não-iniciado pede que ele explique o que faz, Artur coça os olhos, gesto que costuma ser acompanhado de um longo silêncio. "O meu trabalho é um pouco difícil de explicar. Eu

estudo a estrutura de operadores. Faz sentido, *operadores*? Operador é uma matriz infinita e simétrica. Esse operador tem um espectro..."

E assim vai, mas ninguém precisa se sentir constrangido. É comum os matemáticos não compreenderem o que um colega faz. Existe um trabalho de um vietnamita de 37 anos, Ngô Bao Chau, parado há mais de um ano na mesa do editor-chefe de uma prestigiosa revista de matemática. As implicações do artigo parecem ser formidáveis, mas todos os especialistas consultados para referendar a publicação disseram-se incompetentes para atestar se está correto ou não.

Carlos Gustavo Tamm Moreira, conhecido como Gugu, colega e colaborador de Artur, um sujeito bonachão de 36 anos que distribui sua paixão entre a matemática, o Flamengo e o Partido Comunista, conta uma anedota de quando se candidatou a vereador pelo PCB. O programa eleitoral lhe dava 18 segundos para se apresentar ao público. Acelerando a toada, ele metralhava: "Olá, eu sou o Gugu, candidato a vereador pelo Partidão com o número 21602. O meu trabalho vocês já conhecem: eu provei que as interseções estáveis de conjuntos de Cantor regulares são densas na região onde a soma das dimensões de Hausdorff é maior do que 1." É uma brincadeira, mas traduz a natureza rarefeita do mundo habitado por matemáticos.

A física estuda o mundo natural; a biologia, os organismos vivos. São ciências cujo objeto está ao alcance da compreensão do leigo. A matemática é um pouco diferente, embora imaginemos conhecê-la. Ela seria aquilo que aprendemos na escola - aritmética, geometria, álgebra, análise combinatória -, apenas levado às últimas consequências. Em teoria, a proposição não está errada. Na prática, a diferença entre a matemática da escola e a dos centros de pesquisa se mede não em graus de complexidade, mas em saltos de qualidade, como se a matéria dos bancos escolares fosse a lagarta e a alta matemática, a borboleta. Imagine-se alguém que jamais tivesse visto a segunda. Para essa pessoa, seria impossível, da lagarta, intuir a borboleta. Essa pessoa somos todos nós, os não-matemáticos.

O trabalho de Artur é pensar borboletas. No seu vocabulário, elas são chamadas de *objetos* - infinitos, complexos, caóticos, únicos, imensos, previsíveis, prováveis, elegantes, belos, monstruosos. Esses adjetivos, todos eles, integram o léxico dos matemáticos, alguns com uso preciso e técnico, outros como recurso para descrever atividades do espírito. Os objetos só existem como coisa mental. Ninguém sabe onde habitam. Os matemáticos ainda não chegaram à conclusão se o que fazem é *inventar* ou *descobrir* os seus objetos. "Onde está tanta ordem?", é a maneira como Artur formula a questão, que de resto não lhe interessa responder por não ser um problema matemático.

A moeda corrente da matemática é o que alguns chamam de crédito-teorema, que serve para valorar a quantidade e a qualidade dos problemas resolvidos. Por essa conta, na

geração de Artur, pouquíssimos matemáticos acumularam tantos pontos. De janeiro a novembro do ano passado, ele produziu no mínimo seis grandes trabalhos. Na Califórnia, decidiu enfrentar um problema surgido em 1964 e popularizado em 1980, depois que um físico prometeu dez martínis a quem o solucionasse. Em colaboração com uma colega ucraniana, Artur encontrou a prova do que ficara conhecido na literatura como "o problema dos dez martínis". Na mesma semana em que demonstrou ser falsa uma conjectura na qual matemáticos vinham trabalhando havia anos, teve uma iluminação que lhe permitiu avançar significativamente num de seus projetos mais ambiciosos: construir, sozinho, a teoria geral de um problema nascido na física.

Artur, como vários matemáticos formados no Impa, trabalha com sistemas dinâmicos, área que investiga as leis de processos que evoluem no tempo. Surgiu com os estudos de Newton sobre o movimento dos planetas. Hoje, teoremas de sistemas dinâmicos são ferramentas para descrever a evolução de epidemias, provar que toda previsão meteorológica de mais de cinco ou seis dias vale tanto quanto uma moeda lançada no ar ou descrever impactos demográficos produzidos por essa ou aquela mudança de parâmetro. Tome-se uma população de lobos. Se existem poucos espécimes, haverá fartura de comida e a população crescerá. Inversamente, um número grande de lobos produzirá escassez de alimentos e decréscimo da população. O sistema dinâmico descreverá a maneira como essa população progride: trata-se de saber, a partir das condições do presente, o que esperar do futuro.

Muitas vezes o que se espera é a regularidade. Uma bola lançada numa cuia estacionará no fundo. Um pêndulo oscilará entre dois pontos. Sistemas com um número finito de estados, que repetem padrões, são chamados de regulares. Existem sistemas dinâmicos que se comportam de maneira mais interessante, e estes constituem a especialidade do Impa. A princípio, eles evoluem de maneira previsível. Subitamente, porém, de maneira violenta, deixam de ter um padrão reconhecível e se tornam irregulares. São sistemas extraordinariamente sensíveis a pequenas discrepâncias iniciais. A sabedoria popular diz: "Por falta de um prego, perdeu-se a ferradura; por falta de uma ferradura, perdeu-se o cavalo; por falta do cavalo, perdeu-se o cavaleiro; por falta do cavaleiro, perdeu-se a batalha; por falta da batalha, perdeu-se o reino." Sistemas dinâmicos preveem o impacto do prego sobre a instabilidade do reino.

Quando o comportamento de um sistema deixa de apresentar qualquer padrão, ele é chamado de caótico. *Caos* pode significar muitas coisas. No caso, é um conceito que exprime tudo o que *não* se pode saber sobre o futuro. Na ausência de certezas, descreve-se, com detalhamento infinito, como o sistema se modificará: até este ponto ele evoluirá de maneira regular, oscilando entre tais e quais estados; a partir deste ponto será caótico, apresentando estas e aquelas características.

A fumaça do cigarro sobe como uma fina coluna até que, por razões que independem da brisa ou do movimento da mão, ela se esgarça e passa a formar arabescos de trajetória imprevisível. É uma boa imagem para um sistema complexo que evolui da regularidade para o caos. Tomando-se a primeira molécula de fumaça saída do cigarro, pode-se prever sem dificuldade qual será sua posição futura dali a um segundo. Dali a 10 segundos, porém, a molécula terá se esgarçado, e será impossível antecipar onde estará.

Lyubich, Melo e Avila são dinamistas da não-regularidade, especialistas em caos. Haviam se reunido em Stony Brook para estudar uma determinada classe de sistemas de características caóticas. Não estavam preocupados com lobos nem pêndulos. Trabalhavam apenas com modelos matemáticos, mas, por analogia, era como se quisessem compreender a região acima do ponto de dissipação da fumaça. O que acontecia ali?

Usavam uma técnica matemática que permite penetrar, como um batiscafo, nas mais ínfimas estruturas desse espaço. Tomavam um pequeno intervalo da região dos arabescos e o colocavam sob um microscópio puramente lógico. O espaço se ampliava, como um zoom do Google Earth. Ao analisar a ampliação, viam que, dentro da desordem, cercadas de caos por todos os lados, havia pequenas áreas de ordem - pequenas colunas regulares de fumaça, por assim dizer. Punham então este mínimo espaço ocupado pela coluna regular no microscópio e de novo, ao ampliá-lo, encontravam outra vez, por toda parte, fumaça sem forma entremeada por minúsculas ocorrências de fiapos regulares.

Seguiram assim, nesse mergulho vertiginoso por intervalos cada vez menores. Não era novidade que, ao tomar qualquer ponto de um espaço caótico, perto dele sempre se acharia uma janela de ordem. Mas os espaços regulares e caóticos - ou estocásticos, como preferem os matemáticos - aparecem intercalados de maneira complexa, e o que os três fizeram foi mostrar a universalidade dessa organização. Descobriram a lei que rege o comportamento de toda uma classe de sistemas que evoluem para o caos, como se a descrição da fumaça explicasse também a transformação das nuvens, o percurso de um galho na cachoeira ou o giro das folhas num vendaval.

Em janeiro de 2009, dez anos depois de Stony Brook, Artur acordou de madrugada no apartamento do Leblon que comprou com sua mulher, a economista Susan Schommer, uma moça gaúcha que faz pós-doutorado no Impa. "E agora? Tento dormir de novo ou penso um pouco?" Decidiu pensar. Ficou ali, no escuro, olhando para o teto. Do lado de fora, os últimos foliões de algum bloco pré-carnavalesco se arrastavam pela rua, cantando e caindo. Do lado de dentro, nada além de um homem parado na cama, de olhos abertos, ao lado da mulher que dormia.

Contudo, havia movimento. Sem se mexer, Artur começou a girar objetos matemáticos na cabeça, como alguém que contorna uma estátua para vê-la de todos os ângulos. Estava

retomando um problema que deixara de lado seis anos antes, por não saber como prosseguir. "Fiquei pensando de maneira gentil", ele conta. Era um pensamento meio à deriva, sem âncora: "Eu tinha dois objetos, mas não sabia como um se relacionava com o outro. Tinha batido num muro." Até aquela madrugada, ele só vira o objeto como duas partes isoladas, sem encaixe. De repente, veio: "Mas se eu mudo a perspectiva, ele se revela como isso. Ele é isso. Posso seguir adiante." A sensação era a mesma de quem se concentra nas formas esfeladas de um quadro cubista e, dando um passo para trás, quem sabe outro para o lado, consegue finalmente recompor a figura - ali está a mulher, o violão e a partitura. Tudo é uma coisa só.

Ainda no escuro, Artur começou a calcular as consequências do seu novo ponto de vista e percebeu que conseguia produzir muito mais informação. "A narrativa já tinha engordado", explica. Seu objeto, que até então não revelara muito de si, começou a gerar histórias cada vez mais fantásticas, como se ele tivesse encontrado o segredo daquelas caixinhas de surpresa hermeticamente fechadas que, a um golpe certo, abrem-se num festival de bandeirinhas, bonecos de mola e música de circo. Artur ficou excitado, mas voltou a dormir. "Nem anotei, não tenho medo de esquecer as minhas intuições."

No dia seguinte, decidiu "atacar o objeto por todos os lados" - o vocabulário dos matemáticos é pródigo em metáforas bélicas. "Foram dez dias, dezoito horas por dia. Tecnicamente, era muito difícil, mas a ideia estava lá." Passava o dia andando em círculos no apartamento. Volta e meia parava, olhava para o teto, fazia uns riscos no papel para ajudar o raciocínio. "A maior parte do trabalho acontece na cabeça. A sensação é de absorção total. Me lembro de abrir um espumante que estava na geladeira. A rolha explodiu, o vinho começou a escorrer e eu não agia, ficava só olhando aquilo e pensando: 'Não era pra ele estar escorrendo, normalmente isso não acontece...'"

A cada momento, coisas cada vez mais improváveis aconteciam com o objeto - exatamente o que Artur desejava. Ele buscava uma prova por contradição: se estivesse errado, o objeto era monstruoso, "coisas horrorosas aconteciam com ele". Objetos matemáticos podem ser fáceis de visualizar (um círculo) ou muito complexos (aqueles com os quais Artur quase sempre trabalha), mas, para existir, todos precisam ser dotados de uma característica: ser lógicos. Objeto horroroso é aquele que revela características que acabam por anulá-lo, como se possuísse uma anomalia genética tão grave que tornasse a vida impossível.

"Continuei assim até encontrar uma contradição. Depois de uma semana de trabalho, a prova por absurdo estava feita. Minha conjectura era verdadeira." Artur acabava de dar um passo significativo para solucionar um problema que se originara na física: a equação de operadores de Schrödinger quase-periódicos - aquilo que tentou explicar depois de um longo silêncio. Até então, tinha-se uma compreensão parcial do problema. Ele intuiu a possibilidade de empregar sistemas dinâmicos para entendê-lo globalmente.

Artur costuma acordar por volta do meio-dia. Trabalha muito na cama e preza o tempo morto. Acha que transporte público é um ótimo lugar para fazer matemática, uma das razões pelas quais não gosta de carros. Já teve ótimas ideias nos longos trajetos do metrô parisiense. Em 2008, durante um voo Rio-Paris, decidiu pegar um problema com o qual andava brigando há dois anos. "Acho que foi entre um filme e outro daquela televisãozinha", diz. Foi girando as coisas na cabeça e, surpreso, viu que a complexidade se reduzia a uma expressão simples. Quando o avião pousou no aeroporto Charles de Gaulle, tinha resolvido o problema - descobrira mais uma peça do quebra-cabeça de Schrödinger.

Artur prefere "fazer conta de cabeça" - e por "conta" não se entenda tábuas de multiplicação, mas construção de ideias, geografias mentais com vales, picos, dobras, abismos, descontinuidades. "Papel é força bruta. Na cabeça não dá pra manipular objetos muito grandes, e isso me obriga a fazer contas mais simples", explica. Ele isola as características que mais lhe interessam e descarta o acessório: "Faço uma caricatura do objeto."

Seu pensamento alterna expressões formais com palavras do dia a dia. "Num *paper* que escrevi com o Gugu, a gente classificou os objetos como objetos bons, muito bons, excelentes e, quando os excelentes tinham algumas características a mais e se tornavam os melhores objetos possíveis, eram objetos *cool*." Também existe "o lado negro", um lugar onde "você encontra coisas horríveis, particularmente detestáveis, que violam a tua capacidade de compreensão". Um problema se transforma numa geografia dividida em regiões maçantes, paraísos e infernos. Nos lugares maçantes, todo comportamento é regular. É a Suíça. Nos paraísos, acontecem coisas interessantes e inesperadas. No inferno as provas falham, e é preciso mostrar que tudo lá desaparece, como em Hiroshima.

Jean-Christophe Yoccoz, de 52 anos, é francês. Morou no Brasil de 1981 a 1985, período durante o qual deu aulas no Impa. Em 1994, por seu trabalho em sistemas dinâmicos, ganhou a maior honraria da profissão, a Medalha Fields, dada a cada quatro anos a no mínimo dois e no máximo quatro matemáticos com menos de 40 anos (desde sua criação, em 1936, apenas 48 pessoas ganharam a medalha). Yoccoz lembra um duende irlandês - cheinho, simpático e muito vermelho (no caso, de sol). Casado com uma brasileira, ele passa temporadas no Brasil. "Certamente o Artur é o matemático mais talentoso que já encontrei, pelo menos entre aqueles com quem tive proximidade", diz ele, numa sala do Impa.

Para explicar as características de Artur, Yoccoz retoma uma velha taxonomia de matemáticos: existem aqueles que constroem teorias e os que resolvem problemas. Artur é um resolvidor, segundo Yoccoz. "Ele tem o talento de um Jean Bourgain ou de um Terence Tao" - dois dos maiores matemáticos da atualidade - "que veem coisas que os outros não

enxergam. Você tem um problema insuperável, eles olham e, *pumm!*, você chega do outro lado."

A descoberta matemática é um processo misterioso. A capacidade de *ver* diferente é uma de suas características. A intuição, é outra. Um grande matemático definiu intuição como a capacidade de "saber sem saber". Ela deriva da imaginação, e afirma "tal propriedade pertence a tal objeto, mas não posso provar". Alexander Grothendieck, talvez o maior visionário da segunda metade do século passado, e uma das únicas pessoas a quem o epíteto de gênio não parece exagerado, definia-a como a capacidade de "sentir a rica substância por trás de um enunciado". Olha-se para um lugar onde só existem fragmentos e, subitamente, tem-se a percepção de um corpo, cada pedaço ligado ao outro por uma estrutura subjacente.

A intuição pode desaguar em iluminações - e a matemática está repleta delas. "Todo mundo tem a sua historinha", diz Marcelo Viana, professor do Impa e colaborador de Artur. Num pequeno ensaio clássico, Poincaré descreve pelo menos quatro das que experimentou, uma delas responsável pela primeira descoberta que lhe trouxe reconhecimento e glória. Aconteceu quando ele ia tomar o ônibus, enquanto conversava com um amigo sobre assuntos sem relação com a matemática. No momento em que tocou o pé no estribo, ele soube que sabia. As iluminações não podem ser induzidas. São sempre concisas, chegam feito um raio e produzem o sentimento inequívoco de certeza. Fazia tempo que Artur deixara de lado o problema que lhe veio à cabeça na noite da insônia. Poincaré não parou um instante para refletir sobre o que acabara de lhe acontecer. Continuou a conversa normalmente.

Outro grande matemático francês, Laurent Schwartz, escreveu que o processo da descoberta matemática é análogo ao da percolação do café. A princípio, a água quente não consegue atravessar a camada densa de pó. Aos poucos, o veio principal se bifurca, e pequenos filamentos se infiltram por outros caminhos. Nada acontece - até que, de súbito, o líquido vence o obstáculo e brota do outro lado. É a ideia.

Artur passa longos períodos de inatividade, dias ou semanas, "e aí vem uma ideia e o trabalho exaustivo começa". Uma de suas estratégias é trabalhar em vários problemas ao mesmo tempo, "de vários sabores". Quando um empaca, ele ataca outro. Volta e meia diz que deu sorte, pois acha que a ideia lhe veio à toa, ou ele se embrenhou por um caminho improvável que desembocou numa solução. Mas é claro que as ideias percolavam. Sua mulher tem uma opinião clara a respeito: "Quanto mais o Artur trabalha, mais sorte ele tem."

Milhares de ideias ocorrerão ao matemático ao longo de sua vida produtiva. Todos dizem que o principal critério para reconhecer imediatamente a superioridade das que se impõem

é o fato de serem belas. Matemáticos são mais próximos de artistas do que de engenheiros. "Imagine duas coisas inteiramente distintas, criadas independentemente", propõe Artur, "e imagine que, por alguma razão misteriosa, você descobre que elas são parte de uma coisa só." Ele está descrevendo um dos modos do senso estético, ao qual é particularmente sensível.

As ideias discutidas em Stony Brook ganharam uma extraordinária expansão nos últimos anos. "Nas mãos de Artur", diz Mikhail Lyubich, "elas estão se tornando uma ferramenta universal, uma espécie de cola que une vários problemas aparentemente não relacionados." Os grandes matemáticos às vezes são comparados a pioneiros e colonizadores. Uns se atiram em terras impensadas e assentam ali um posto avançado; outros conectam essas ilhas de pensamento ao corpo da disciplina. Artur é um colonizador.

"Ele tem a capacidade de descobrir relações insuspeitas entre coisas, e é disso que os matemáticos gostam", diz Viana. A beleza seria essa intuição de uma totalidade. Esse sentimento estético é a peneira que separa o joio do trigo. Por ela só passam os objetos que, por belos, anunciam: *Existo*. "Passamos a vida pensando em objetos lindos", diz Yoccoz, com um sorriso de felicidade. "O prazer estético é comparável ao da música." Grandes matemáticos são estetas, e a beleza será, para todos eles, uma das mais poderosas ferramentas da descoberta. Pelo entusiasmo com que falam do que lhes passa pela cabeça, é como se existisse música e nós, os não-matemáticos, fôssemos todos surdos.

"Matemática é o rigor infinito", diz Artur. A definição ajuda a compreender sua aversão a falar sobre o que não pensou. Não é incomum ouvi-lo responder "Não sei" ou vê-lo refletir antes de se manifestar sobre uma pergunta trivial. Quando fala, suas palavras tendem a acertar o centro do alvo, onde não patinam. Como, por exemplo, estava abismado com o fato de o governo do Mato Grosso do Sul ter incluído remédios homeopáticos na cesta de drogas de combate à gripe suína, dava a entender que era cético quanto à homeopatia. "Não", explica com um sorriso. "O princípio da homeopatia é a diluição absoluta, ou seja, no final do processo, não se preservou uma molécula sequer do princípio ativo. Eu não sou cético em relação à homeopatia. Cético implica dúvida, e eu não tenho dúvida nesse caso."

A exigência de rigor parece ser um desses traços inatos que, se não suficientes, são ao menos necessários para indicar uma vocação matemática. O sintoma se revela cedo e, no caso de Artur, foi responsável por sua saída - antes que o expulsassem - de um dos melhores colégios do Rio de Janeiro, cidade onde nasceu.

Seu pai, Raimundo, um amazonense, começou a vida cultivando uma roça de mandioca à beira-rio. Aos 15 anos, foi para Manaus, onde conseguiu um emprego de copeiro no palácio do governador. Conciliando trabalho e estudo, terminou o ensino médio. Decidiu tentar a sorte no Rio, passou num concurso público e entrou para o Instituto de Resseguros do

Brasil, que o ajudou a pagar a faculdade - "Acho que de contabilidade", diz o filho. No IRB, conheceu Lenir. Tiveram só um filho, que era ainda pequeno quando se separaram. Ele foi criado pela mãe.

Com 6 anos, Artur foi matriculado no São Bento, um colégio no centro do Rio que costuma ocupar o primeiro lugar da maioria dos rankings de melhores escolas do Brasil. Já aos 5 anos lia livros de matemática, e, como o currículo lhe parecesse algo tedioso, ia atrás de material didático de classes mais adiantadas. Chegou a comprar apostilas do Telecurso 2º Grau; como estava no ensino fundamental, aquilo lhe parecia mais avançado. Aos 13 anos, era bom aluno de história e ciências. As questões sociais lhe interessavam, e durante algum tempo achou que jornalismo pudesse ser uma opção de carreira. Herdou do pai a paixão pelo Vasco e pedia à mãe que o levasse aos treinos do time. Podia se dar a esse luxo, pois a escola não apresentava desafios maiores.

Artur teria encerrado o segundo grau do São Bento como quem passa férias, não fosse a disciplina de religião. Pela primeira vez, aos 14 anos, trombava com um obstáculo. Sua dificuldade não era o conteúdo, mas a natureza da discussão. Concluiu rapidamente que estava sendo apresentado à má filosofia: "Eles tratavam Deus como uma questão de lógica. Eu não podia aceitar, e isso independia de eu acreditar ou não em Deus", lembra. "Se o padre dissesse 'Estes são os dogmas da Igreja', tudo bem. Mas eles sugeriam que a razão levava necessariamente à existência de Deus. Esse era um argumento filosófico, e sem o contra-argumento me parecia falacioso. Eu queria a refutação, e a refutação da refutação." Como nenhuma das partes arredava pé, os beneditinos lhe sugeriram que deixasse a escola. "Foi um alívio", ele diz.

Ainda no São Bento, Artur teve a sorte de encontrar um bom professor que lhe falou das olimpíadas de matemática. Na primeira de que participou, aos 13 anos, na PUC, Artur saiu-se "relativamente bem". Se tinha alguma dúvida sobre o seu talento para resolver problemas, deixou de ter. No mesmo ano, ganhou sua primeira medalha olímpica na edição nacional da competição. O bronze de 1992 viraria ouro em 93, 94 e 95.

Do São Bento foi para o Santo Agostinho, outro colégio de grande reputação. As ciências exatas lhe pareciam cada vez mais fáceis, e ele começou a faltar às aulas para não abrir mão de acordar tarde, hábito que sempre cultivou com zelo. O currículo o irritava: "As pessoas aprendiam as matérias não para saber, mas para passar numa prova. Na grade, depois da aula de física vem português e depois geografia. Num sistema desses, o que eu podia aprender? Preferi a matemática, escolhi *aprender* bem uma coisa, para a vida." Tinha 16 anos.

No mesmo ano de 1995, Artur integrou a equipe brasileira que foi à olimpíada internacional de matemática, a mais dura competição mundial para alunos do ensino médio. Cada país

envia no máximo seis representantes, escolhidos entre os mais talentosos da nação. Países como China, Rússia e Estados Unidos tratam a competição como questão de Estado. As equipes são selecionadas por meio de processos extremamente rigorosos e treinadas por matemáticos competentes ao longo de semanas, em regime de imersão. O Brasil, na época, apenas reunia os seus talentos e os embarcava no avião, no máximo tendo lhes fornecido uma lista de exercícios dias antes. As provas aconteceram em Toronto, no Canadá. Participaram 73 países e 412 competidores. Artur cravou cinco das seis questões e, como outros 29 jovens (nenhum deles brasileiro), voltou para casa com uma medalha de ouro. Chegando aqui, o Impa imediatamente lhe ofereceu uma bolsa de iniciação científica.

Artur começou a frequentar a instituição e, ainda no Santo Agostinho, iniciou o curso de mestrado, que concluiria junto com o segundo grau. (Ele pulou o curso regular da universidade.) Há um bom tempo deixara de comparecer com assiduidade às aulas do colégio. Havendo uma frequência mínima para passar de ano, era o caso de perguntar sobre sua taxa de faltas. Artur pensou - mais do que a pergunta exigia. "Se eu escrever que você faltava a 50% das aulas, você achará estranho?" Ele olhou para os lados, tirou os óculos e coçou vigorosamente os olhos com o punho das mãos, gesto a que recorre toda vez que uma pergunta lhe parece trivial ou tediosa. "Não precisa ser rigoroso", sugeri. Artur sorriu: "É difícil você me pedir para não ser rigoroso - 50% é um valor preciso. Diz que eu faltava de 30 a 50% das aulas."

O prédio do Impa tem longos terraços que se esparramam pelas franjas da Floresta da Tijuca. Seus banheiros são limpos. Pelos corredores, ouve-se espanhol, inglês e francês. Com um pouco de paciência, russo, pársi, chinês e alemão. Nasceu em 1952, por iniciativa do CNPq, a agência nacional de fomento à pesquisa que havia sido criada no ano anterior. Durante os primeiros anos, viveu numa sala tomada de empréstimo ao Instituto de Física, e de mudança em mudança, chegou à sede própria, no Horto do Jardim Botânico. Está voltado para a formação de mestres e doutores nas mais diversas áreas da matemática, além de promover o aprimoramento do ensino de matemática com cursos e publicações dirigidas a professores.

É, sob todos os aspectos, a melhor instituição de ensino do país. Nenhum outro centro de pesquisa goza de prestígio internacional semelhante. O Impa publica ou é citado com regularidade nas melhores revistas de matemática do mundo. Alguns dos 230 doutores que já formou estão na fronteira da ciência. Nenhum deles pagou um centavo para estudar. O Impa é o resultado de uma rara conjunção de fatores: política pública bem-sucedida e administradores dotados de boa ambição, realismo e competência técnica, à parte o fato singular de a matemática ser ao mesmo tempo barata e não-ideológica.

Criado pelos matemáticos Lélío Gama, Maurício Peixoto e Leopoldo Nachbin, desde o início o Impa conseguiu se aproximar dos mais talentosos matemáticos da época. Peixoto e

Nachbin eram pesquisadores ilustres e, graças ao respeito intelectual de que gozavam, bem como às delícias tropicais do Rio de Janeiro das décadas de 50 e 60, conseguiram criar um influxo constante de grandes matemáticos que vinham lecionar e pesquisar aqui. Gigantes como os franceses Laurent Schwartz e René Thom ou o americano Steve Smale deram palestras ou ensinaram no Impa. (Smale fez uma de suas mais notáveis descobertas durante a estadia no Rio.) Os três são medalhistas Fields e figuram em qualquer lista dos mais importantes matemáticos da segunda metade do século passado.

A excelência do Impa está amarrada ao nome de Jacob Palis, considerado o maior matemático brasileiro. Palis levou adiante o projeto dos fundadores. Durante a sua gestão, o número de alunos e matemáticos estrangeiros aumentou substancialmente. Welington de Melo chegou ao Impa em 1970: "A quantidade de matemática que aprendi nesses corredores foi uma grandeza. Jacob criou esse ambiente." Eram os anos do regime militar, e enquanto a maioria das universidades sofria com a ausência de liberdade, o Impa se fortalecia - ideias abstratas jamais incomodam os donos do poder, sejam eles generais ou comissários. A matemática floresce sob todos os regimes políticos e, por só precisar de papel e lápis - às vezes, nem isso (Arquimedes fazia desenhos na areia) -, pode ser praticada em condições extremas. O francês Jean Leray revolucionou a topologia numa prisão da Segunda Guerra.

A matemática é mais sensível a recursos intelectuais do que materiais - e os primeiros estavam disponíveis. O Impa está para a matemática assim como a Jamaica para o atletismo: não compete em tudo para ser excelente em alguma categoria. Conquistou excelência em sistemas dinâmicos não-periódicos e se tornou referência internacional. Steve Smale é um dos heróis totêmicos do campo. Ele foi o orientador de doutorado de Jacob Palis, que orientou Welington de Melo, que orientou Artur Avila.

A fila de carros para entrar no estacionamento da PUC, no bairro da Gávea, às vezes não anda. Naquela quinta-feira de setembro, o compromisso era uma conversa com o matemático Nicolau Corção Saldanha, marcada para as 11h30. Eram 11h15 e o carro não avançava. Convinha ligar e pedir desculpas pelo possível atraso. "Qual o teu carro?", perguntou Nicolau (todos o tratam pelo primeiro nome). "Daqui a um minuto estou aí. A gente conversa no carro. Não vou precisar mesmo de quadro-negro." Em poucos instantes apareceu, de bermuda e tênis Bamba. Por princípios vegetarianos, não usa couro. Entrou no carro e sugeriu que déssemos umas voltas pelo Leblon.

Nicolau Saldanha tem 45 anos e foi o primeiro brasileiro a ganhar uma medalha de ouro numa olimpíada internacional de matemática. Competiu em 1981, em Washington, e solucionou todas as questões. O talento excepcional o levaria da PUC, onde fez o mestrado, para Princeton, um dos grandes centros mundiais de matemática. Ali estudou com um dos

maiores matemáticos dos últimos 50 anos, William Thurston, seu orientador no doutorado. Foi considerado o aluno mais brilhante de Princeton na época.

Nicolau é muito branco e tem um ar cansado, de quem dorme pouco. Sua fala é suave, algo etérea, e suas feições lembram as de um compositor romântico entregue a prelúdios. Quando Artur chegou ao Impa, foi um dos primeiros professores que encontrou. "A turma era enorme", lembra Nicolau. "Sou conhecido por dar provas desafiadoras. As notas eram baixíssimas, mas a performance do Artur era extraordinária. Só percebi que ele existia por causa do desempenho, nem tenho certeza se ele assistia às aulas. Eu não me lembro dele lá. Ele nunca fez uma pergunta."

Na sala do Impa que ocupa durante os meses que passa no Brasil, de bermuda, camiseta e sandália de dedo, seu uniforme quando está no Rio, Artur se recorda: "O nome do curso era 'Análise da Reta' e foi muito importante pra mim." Até então, sua experiência matemática era vencer competições. O curso de Nicolau era bem mais do que isso. A cada aula ele era apresentado a ideias complexas, com as quais só era possível lidar revendo o modo de pensar. Nicolau permitia que os alunos levassem livros e anotações para as provas. Artur ia só com a caneta. "Eu só levava o que tinha na cabeça", diz, "porque as respostas não estavam nos livros.

Essa era a coisa legal das provas do Nicolau: você tinha que ter uma *ideia*." A nota para passar era três. "O Artur tirava doze, a nota máxima", lembra Nicolau, "o segundo tirava sete; o terceiro, cinco." Artur frequentava, sim, as aulas. Se não chamava atenção, é porque não abria a boca: "Eu era quieto porque queria ter muita certeza do que falar", explica. "Leva tempo até ter meia-certeza, que é o mínimo pra fazer pesquisa."

Desde o ano anterior, quando ganhara a medalha de ouro em Toronto, Artur se tornara o mais valioso integrante da equipe olímpica brasileira. Estava tudo acertado para viajarem para a Índia, sede das Olimpíadas de 1996, quando, poucos dias antes do embarque, ele avisou que não ia. Instalou-se a crise. O Brasil provavelmente deixaria de ganhar mais um ouro - e até então só conquistara cinco, incluindo o dele. O comitê organizador, do qual faziam parte matemáticos influentes, pressionou, mas Artur não transigiu. A equipe teve de partir desfalcada.

Entre o Canadá de 1995 e a Índia 96, algo muito importante havia acontecido: ele entrara no Impa. "Não tinha ideia do que era fazer matemática. Olhei e disse: *é isso*." A competição não lhe agradava mais. "Lá tudo tem solução, e a graça da matemática é a incerteza: você pode gastar anos lutando contra alguma coisa que talvez nunca se resolva." A pressa também o incomodava. Matemáticos não precisam tomar decisões urgentes e nenhum deles é forçado a provar uma conjectura até o fim do mês. "Matemática é feita com tempo, não existe a pressão. E eu gosto de refletir", diz Artur.

Desistir da olimpíada foi a primeira decisão do matemático que Artur Avila viria a ser. "Se eu estiver correto", diz Elon Lages Lima, seu orientador de mestrado, "isso mostra claramente que aos 17 anos ele já sabia como se constrói uma carreira. Não lhe interessava ganhar pela segunda vez um prêmio que já tinha. Havia coisas mais importantes a fazer."

Artur ocupa uma salinha triste num dos prédios mais feios de Paris, onde trabalham 300 matemáticos. São apenas duas mesas, um quadro-negro, um armário de metal e um telefone que ele não sabe como operar. Até 2008, estava contratado como chargé de recherche, encarregado de pesquisa, vinculado ao Laboratório de Probabilidades e Modelos Aleatórios do CNRS. A salinha triste era novidade e vinha no embalo de uma promoção. Em outubro de 2009, ele iniciava o ano acadêmico na França como um dos mais jovens matemáticos a chegar ao posto de directeur de recherches, diretor de pesquisas.

Afora o salário melhor, isso significou apenas uma mudança de andar. "O pesquisador promovido é transferido para outra cidade, onde terá de trabalhar e ensinar. No meu caso, eles sabem que eu quero ficar aqui, então o jeito burocrático de resolver o problema foi me trocar de andar." Mudança de andar significa ser alocado a um laboratório diferente - no caso, o Institut de Mathématiques de Jussieu. "Se um pesquisador reclamar da transferência e me usar como exemplo de exceção, eles sempre vão poder dizer que os papéis provam que eu mudei." Como matemáticos são independentes e trabalham como e quando querem - "seria escandaloso se alguém determinasse o que devo atacar" -, a rigor não muda nada.

O privilégio é uma das concessões que o CNRS faz para não correr o risco de perdê-lo. A promoção prematura foi estimulada por um e-mail que baixou na caixa de mensagens do chefe de Artur: era da Universidade Yale, nos Estados Unidos, demonstrando interesse em contratá-lo. Provavelmente ele não aceitaria, pois gosta da França. "Eu ganho dois salários mínimos, mas é o suficiente", diz. "Não preciso de muita coisa. Acho bom viver num lugar com escola pública boa, saúde, transporte. Uma sociedade em que um pesquisador ganha dois salários e ninguém ganha trinta me interessa." Também aprecia o costume civilizado de comer calmamente. "Os americanos comem andando", diz. Fica horrorizado quando dá palestras nos Estados Unidos e depois não o chamam para jantar.

A única obrigação de Artur é produzir matemática. "Sou muito afastado das coisas concretas. Eu relutaria em dizer que o que eu faço *serve*." No entanto, perguntas sobre a utilidade da pesquisa pura começam a aparecer na boca de funcionários do Estado. *O que você tem feito para melhorar o mundo? O que você tem feito pela economia?* "Existe uma pressão do governo francês. Sutil, mas está lá."

Para a maioria das pessoas, a utilidade da matemática parece óbvia: pontes, projeções econômicas, algoritmos de computador. Boa parte dos matemáticos acha essas aplicações desinteressantes. "O que serve para a vida é banal e chato", disse Hardy, num livrinho clássico de 1940 intitulado *Em Defesa de um Matemático*. "A matemática que pode ser usada para tarefas comuns pelo homem comum é desprezível, e aquela que serve aos economistas e sociólogos não serviria nem como critério para conceder uma bolsa de estudos a um estudante de matemática", escreveu. "A verdadeira matemática dos verdadeiros matemáticos, a matemática de Fermat, Euler, Gauss, Abel e Riemann, é quase toda ela *inútil*."

As posições de Hardy são exageradas - grandes matemáticos se dedicam ao que ele chamaria de matemática útil -, mas não traem certo consenso entre seus colegas de profissão. Para muitos, o tema nem chega a merecer conversa. Kepler precisou das propriedades da elipse para chegar às leis do movimento dos corpos celestes, mas os gregos haviam se interessado por ela simplesmente porque a forma lhes parecia bonita. A dificuldade brutal de um problema é razão suficiente para que alguém dedique a vida a resolvê-lo. Aos matemáticos, caberia levar às últimas consequências as possibilidades da razão e, assim, aferir até onde ela é capaz de ir. Os usos vêm depois - quando vêm.

Em 1998, aos 18 anos, Artur Avila começou o doutorado. "Jovens muito brilhantes tendem a ser chatos, querem se exibir o tempo todo", lembra Wellington de Melo. "Não era o caso dele. Ele raramente fazia perguntas, mas quando fazia, você tinha que levar pra casa e pensar durante o fim de semana." Contudo, não foram as boas perguntas ou as notas altas que começaram a chamar a atenção de Melo. Havia outra coisa, mais rara e muito mais importante: Artur não se interessava por problemas secundários. Parecia só perseguir os fundamentais. Na época, Melo estava trabalhando num artigo que julgava importante. O trabalho principal já estava feito, mas havia alguns aspectos secundários que ainda não tinham sido enfrentados. Melo achou que Artur, por ser tão jovem, veria aquilo como um desafio. Propôs que resolvesse os problemas e assinasse o artigo junto com ele. "Imagine, ele era um adolescente..." Artur não aceitou. Melo sorri: "Não era um problema central."

Matemáticos falam não só em beleza, mas também em *bom gosto*, que definem como a capacidade de detectar o que é importante. Desde muito cedo, Artur mostrou ter uma intuição aguda para os grandes problemas. Elon Lages Lima acha que essa é a maior qualidade dele: "Artur tem uma visão mais clara do papel de um matemático do que a maioria dos outros alunos brilhantes que passaram por aqui. A gente existe para resolver o que nunca foi resolvido antes. Isso não se faz deliberadamente. É como o instinto de caça do animal. Ele faz porque está dentro dele."

Tudo na vida de Artur Avila está orientado para a eficiência. O apartamento do Rio, num prédio pequeno e sem elevador, a uma quadra da praia, é espartano. As estantes não têm livros e as paredes não têm quadros. Uma mesa, poucas cadeiras. Uma cama eternamente desfeita e uma televisão plana pregada à parede. Com o passar dos anos, ele foi deixando quase tudo de lado para se preocupar apenas com sua mulher, com culinária - "Ninguém passa anos em Paris sem se civilizar", diz Marcelo Viana -, com informações políticas colhidas na internet e com matemática. Nunca mais assistiu a um jogo do Vasco. Não vai ao cinema, pois desconfia da crítica. Prefere filmes antigos, pois "se chegaram até aqui é porque são bons".

Ao ouvir que eu estava lendo a autobiografia de Laurent Schwartz, um catatau de 528 páginas, sugeri, sem ironia: "Por que você não pega do meio, como eu faço?" Certa vez, usou a frase "O livro que eu li." O livro? Só um? "O último foi em 2000, num avião. Comprei no aeroporto. Era aquele do Oscar Wilde..." *O Retrato de Dorian Gray?* "É. Peguei no meio, li um pouco, ficou meio misterioso, aí voltei pro início." Não terminou. Não lê nem textos técnicos. Diz que seu método preferencial de estudo é a conversa.

Não despacha bagagem em aeroporto. O que não cabe na mala de mão ele deixa na lata de lixo do terminal, para não ficar esperando na esteira de chegada. Não tem tralhas, roupas, excessos. Não gosta de dar aulas e quase não tem alunos. "A essa altura, é penoso pra mim explicar as miudezas." Não perde tempo. Pensa matemática e viaja para fazer matemática. De janeiro a agosto do ano de 2009, passou pelas universidades de Maryland, Stony Brook (NY), Cal-Tech (Califórnia), Irvine (Califórnia), North-western e Chicago (Illinois), Stony Brook (novamente); deu seminários em Marselha e na Alemanha. Ainda iria para o Chile e retornaria à França.

Sua capacidade de produção é prodigiosa. Sozinho ou em colaboração, já publicou cerca de quarenta artigos em revistas internacionais, 1 112 páginas ao todo. Onze deles apareceram nas três mais prestigiosas publicações do mundo, *Annals of Mathematics*, *Acta Mathematica* e *Inventiones Mathematicae*. "Nenhum outro matemático brasileiro tem ou teve em toda a sua carreira uma lista de publicações da dimensão da do Artur. É impressionante mesmo em nível internacional para gente da faixa etária dele", diz Melo. Artur tem um objetivo claro: não dissipar energia nem desperdiçar o vigor da sua juventude. Opera feito um míssil balístico. "Quando você é jovem, talvez tenha mais energia para atacar brutalmente o objeto", diz.

Nicolau Saldanha, a quem todos se referem como um dos mais brilhantes matemáticos brasileiros, se impressiona com o modo como seu ex-aluno trabalha e publica. "Ele tem um interesse imenso em escrever, diferente de muitos outros colegas, que preferem pensar matemática a escrever matemática." Olhando pela janela do carro, completa: "No fundo, eu

sou meio assim. Tenho dificuldade em escrever pra ser publicado. Fico satisfeito de ter resolvido um problema, isso basta, é pra mim, eu não me preocupo em saber se isso vai melhorar o mundo ou não", diz, como se, para ele, a matemática fosse mais um prazer do que uma profissão.

Artur é o profissional consumado. Não tem prazer em escrever, mas sabe que a tarefa faz parte do trabalho. "Polir não é emocionante. Tenho trabalhos anunciados desde 2003 que não tive tempo de pôr no papel. No momento em que você resolve, o resto deixa de ser interessante. Quando perguntam, eu digo que a prova está no laptop." A quantidade de artigos publicados atesta o contrário. Artur não só publica como se preocupa em escrever bem: "Eu preciso que o leitor se interesse pelo meu objeto. Essa é a minha função. Isso implica cuidado com a narrativa." Nunca mais releu sua tese de doutorado "porque o estilo é pavoroso".

Sua disciplina profissional está associada a um amor profundo pelo que estuda. Um dos poucos filmes recentes a que assistiu foi *Gênio Indomável*, de Gus Van Sant, no qual Matt Damon faz o papel de um prodígio matemático. Artur odiou: "O cara não gosta do objeto. Aquilo parecia uma disputa, quem resolve antes esse problema, quem resolve aquele. O sujeito podia estar estudando qualquer coisa, nada era específico. Nenhum matemático é assim. A gente estuda uma coisa porque gosta dela", diz. Ele, por exemplo, não gosta muito de álgebra, na qual tudo é certo. Prefere objetos mais flexíveis, com pequenas doses de incerteza, erros que ele terá de controlar para que não se propaguem. "Costumo brincar que não gosto muito daquele sinal de igualdade. Prefiro as aproximações."

Muitas vezes, o que um matemático tem de mais valioso a ensinar não são suas provas, mas o seu modo de pensar. No segundo ano do doutorado, Artur encontrou Lyubich no Rio. Foi uma conversa definitiva. "Comecei a fazer perguntas, e ele, que era um matemático muito importante, começou a pensar alto", conta. Artur ficou mesmerizado. Lyubich não tinha medo de errar. A liberdade levava o raciocínio por direções absolutamente especulativas. Era possível sair por aí, pelos lugares mais fantasiosos da matemática, guiado apenas pela intuição. "Foi uma surpresa", relembra Artur. "Vi como um matemático excepcional pensava matemática. Fui pro Welington e perguntei se era possível uma contribuição com o Lyubich." Não demorou, estava em Stony Brook.

Quando, meses depois, Artur apresentou a tal ideia estranha para remover o obstáculo que os impedia de chegar à prova, Melo e Lyubich ficaram desconcertados: "Estava fora da caixa de ferramentas que a gente conhecia", explica Melo. "É como um piano: você só pode tocar aquelas teclas, não existem outras, mas de vez em quando alguém aparece com alguma coisa que não está na escala."

Parte do trabalho desenvolvido em Stony Brook integrou a tese de doutorado de Artur, defendida em 2001, aos 21 anos, diante de uma banca ilustre composta por Marcelo Viana, Jacob Palis e dois matemáticos estrangeiros, o francês Yoccoz e o americano John Milnor, ambos ganhadores da Medalha Fields. No mesmo ano foi para a França, como pesquisador do Collège de France, e estreitou o contato com Yoccoz. "Foi muito importante. Como eu não leio, só conhecia o que se discutia no Impa. Eu era muito ignorante, e só lá descobri como a matemática é grande." Ficou na França cinco anos.

Em 2006, recebeu uma bolsa do Clay Mathematics Institute, uma fundação privada americana de apoio à matemática. A bolsa é oferecida a jovens de grande potencial. A liberdade é absoluta: o ganhador pode morar onde quiser e tem garantidos não só um bom salário, como dinheiro para aluguel e gastos com viagens de trabalho. Artur pediu licença não remunerada ao CNRS - seu empregador depois do Collège de France - e voltou para o Brasil, onde permaneceu, sempre ligado ao Impa, pelos três anos de duração da bolsa.

Ficar no Brasil não é uma posição ideológica. "Não sou nacionalista. Não torço muito pelo Brasil, mas quero que a matemática daqui avance. Gosto de ficar perto dos colaboradores brasileiros" - Gugu e Marcelo Viana são os principais -, "e também é bom porque lá fora está sempre acontecendo muita coisa. É importante ter um tempo pra parar e pensar. Muitas coisas são feitas no isolamento." A bolsa Clay expirou em julho de 2009, mas o cnrs aceitou que ele passasse meio ano aqui. Quando está no Brasil, recebe apenas pelo Impa. Quando está na França, apenas pelo CNRS.

O dinheiro aqui é bem melhor. Artur tem tentado seduzir professores estrangeiros a virem para o Brasil com o que ele chama de "salário em quilos de filé-mignon". "Lá é perto de 40 euros, aqui estava por 17 reais ontem. Na França, com todos os descontos, um pesquisador como eu ganha em torno de 2 500 euros. No Impa, um cara que está começando ganha 8 800 reais."

Jacob Palis exerce uma influência extraordinária na matemática brasileira. De 91 a 98 foi presidente da International Mathematical Union, a organização responsável, entre outras coisas, por conceder, nos seus congressos quadrienais, a Medalha Fields. Não existe Academia Sueca para a matemática. Existe a IMU.

Palis ocupa um escritório no último andar do Impa, instituição sobre a qual fala com paixão desenfadada. É um homem de 69 anos, jovial, alto, em boa forma, de bochechas caídas e sorriso meio maroto. Parece achar o mundo divertido. Na parede atrás de sua mesa, aparece em fotografias ao lado dos grandes do mundo. Matemáticos eminentes, cientistas de primeira grandeza, o então presidente da China Jiang Zemin.

Sua energia é furiosa. Atual presidente da Academia Brasileira de Ciências, é constantemente interrompido por dois celulares e dois telefones fixos que tocam sem parar.

Quase sempre são questões políticas a serem resolvidas - mais fundos para pesquisa, mais pressão para que o ministro abra as comportas.

Para Jacob Palis, não há dúvida de que Artur é resultado direto do Impa, um dos pontos máximos da história da instituição. Houve outros. "O Ricardo Mañe, que ficou famoso depois que morreu muito cedo, o que mostra que estamos na periferia. Se ele fosse ligado a uma universidade como Princeton ou Harvard, é provável que tivesse ganhado a Fields. O Marcelo Viana é outro que ficou na *short list* da medalha. Tem o Gugu, que é extraordinário." No momento, porém, parece que as apostas se canalizam todas para Artur Avila.

Artur afirma que foi sua a decisão de ir para a França, mas Palis sugere que houve uma estratégia institucional por trás disso. "Nós não fomos muito inocentes ao estimular a presença do Artur na França. O fato de ele passar meio ano lá e meio ano aqui aumenta a visibilidade dele."

Entre 19 e 27 de agosto próximo, a cidade de Hyderabad, na Índia, receberá o congresso internacional da IMU. Serão vinte sessões, cada qual dedicada a um campo específico da matemática, além de vinte palestras plenárias, nas quais um matemático fala para toda a comunidade de colegas.

"É uma honraria imensa", diz Marcelo Viana, o único brasileiro que já teve esse privilégio. Artur será um dos plenaristas do encontro. "Na idade dele, então, é fora do comum. Os plenaristas são convidados porque as descobertas que fizeram são tão importantes que o trabalho é considerado um avanço para o conjunto da matemática." Viana conta que três coordenadores de área defenderam o nome de Artur para a plenária. "Três que eu sei", diz ele. "Isso significa que pelo menos três campos da matemática julgam que a contribuição do Artur foi determinante para eles."

Em sua sala no Impa, tomada por uma bagunça épica, Artur evita olhar para a imensa janela por onde entra um sol de primavera. Bebeu um pouco demais na véspera e está com uma leve ressaca. O Impa organizara um churrasco para comemorar dois importantes prêmios internacionais recebidos por pesquisadores da casa. O primeiro, por Gugu; o segundo, por Artur, concedido pela Academia de Ciências francesa a matemáticos de menos de 35 anos que deram uma contribuição significativa ao campo. Só soube da existência do prêmio - e dos 30 500 euros que o acompanharam - ao ser notificado que o ganhara.

Na Índia, Artur falará de vários aspectos do seu trabalho, inclusive Schrödinger. Até setembro, já havia feito o principal das partes I e II de sua teoria global. Um problema incontornável o impedia de chegar à parte III, a última. "Um dia eu espero resolver isso",

dissera lá atrás. Agora, com dor de cabeça, protegendo os olhos do sol, ele sorri: "Apareceu uma ideia essa semana. Acordei de madrugada e tive uma certa magia."

Perfil 1: O consultor – José Dirceu

Por Daniela Pinheiro

Janeiro de 2008

José Dirceu de Oliveira e Silva escolheu uma mesa no fundo do restaurante de um hotel caro e discreto, localizado entre os bairros do Ibirapuera e da Vila Mariana, onde se hospeda quando está em São Paulo. Era o começo da tarde de um sábado de novembro e ele vestia uma calça escura, camisa pólo com o decote forrado por um estampado Burberry e mocassins sem as meias. Chegou atrasado, se desculpou e disse que desembarcou de viagem na madrugada, acordou quase em cima da hora e, quando ia sair do quarto, recebeu telefonemas urgentes. Atravessou o salão vazio encarando o visor do celular por cima dos óculos. As sobrelhas arqueadas lhe davam um ar de espanto. Deu uma rápida olhada no bufê de saladas antes de se acomodar em uma cadeira estofada com tecido florido, de costas para a entrada. Explicou que um problema na coluna - produto das horas seguidas que passa na frente do computador - o obriga a optar pelas de espaldar alto. O garçom, que o tratou pelo nome, lhe ofereceu uma garrafa de vinho. "Nem pensar", respondeu. "Não bebo mais no almoço. Tomo vinho no máximo duas vezes por semana. Tenho que perder essa barriga."

Ele havia ido a um casamento na véspera, encontrado amigos e tomado espumante. Depois de descrever a festa, falou de seus negócios. Contou que tem uma carteira de quinze bons clientes, a maioria deles estrangeiros, aos quais presta consultoria. Os brasileiros lhe pagam entre 20 e 30 mil reais. Deu como exemplo de cliente de peso o banco Azteca, do empresário mexicano Ricardo Salinas, que quer se estabelecer no Brasil e, como faz em outros países, cobrar tarifa zero dos correntistas. Outro cliente é o também mexicano Carlos Slim, o homem mais rico do mundo, que planeja implantar no Brasil a televisão a cabo com mensalidade de 40 reais. "Mas não sou consultor dele no Brasil", disse. "Como defendo coisas contrárias ao interesse dele aqui, temos um acordo informal de buscar negócios em outros países da América Latina. Eu disse a ele: 'Don Carlos, aqui não'. Podemos até trabalhar juntos, mas fora do Brasil", afirmou. "Ele me chamou para ir à casa de praia dele, eu nem fui para não haver mal-entendido."

Em março passado, uma reportagem de Veja lhe atribuiu rendimentos mensais na casa dos 150 mil reais. Dirceu negou: "Eu disse a eles que faturamento não é lucro, mas botaram assim mesmo. Quem fatura isso embolsa menos do que a metade. Mas, na verdade, o Roberto Civita [dono da revista] me fez foi um grande favor publicando isso: aumentou o meu passe".

Perguntado sobre os serviços que presta ao empresário Nelson Tanure, respondeu que foi contratado para ajudar na reestruturação da Gazeta Mercantil e para escrever uma coluna

no Jornal do Brasil. Não haveria, no entanto, a expectativa de que, com os seus contatos em Brasília, ele conseguisse propaganda de estatais e do governo para a TV JB e os jornais de Tanure? Dirceu replicou com outra pergunta: "Você acha que se eu ligar para um ministro, pedindo alguma coisa, isso não vaza em dois minutos? Eu não sou qualquer um. Outra coisa, bem diferente, é que eu acho que se deveria ter posto propaganda na televisão do Tanure". (A TV JB fracassou e saiu do ar poucas semanas depois de estreiar.)

Quando chegaram os pãezinhos, passou a discorrer sobre o que acredita ser o motivo da cassação de seu mandato de deputado federal. "Tudo tem uma explicação", disse, usando uma frase que, ao longo dos dias, repetiria em ocasiões distintas. "Um amigo me disse e eu percebi: se eu não tivesse sido cassado pela Câmara, voltaria aclamado, aplaudido, ovacionado. Seria facilmente eleito presidente do PT", falou. "Estando fora do governo, o Lula teria que me oferecer alguma coisa, uma embaixada, a presidência de uma estatal... Se eu ainda tivesse a petulância de me candidatar à presidência da República, era capaz até de ser eleito." E concluiu: "Como a minha absolvição, além de ser ruim para a oposição e a imprensa, traria dificuldades para o governo, não havia outro resultado possível".

O ex-ministro chefe da Casa Civil, que junto com o ministro Antonio Palocci, da Fazenda, era o pilar do governo Lula, foi cassado em dezembro de 2005, pelo voto de 293 deputados. Meses depois, foi apontado como o "chefe da quadrilha" do mensalão pelo procurador-geral da República, Antonio Fernando de Souza. Está inelegível até 2015, quando terá 69 anos. José Dirceu responderá pelos crimes de corrupção ativa e formação de quadrilha. Acredita que seu julgamento no Supremo Tribunal Federal deva ocorrer em 2009 ou 2011. "Em 2010, seria politizar ainda mais um processo que não é jurídico, é político", disse. "Não sinto falta do governo, sinto falta das amizades que fiz. Foi um jogo que joguei. A conta caiu no meu colo, eu sei. Eu era o mais conhecido, o mais visado."

Na semana seguinte, em uma manhã de calor abafado, José Dirceu foi votar na eleição dos novos dirigentes do Partido dos Trabalhadores. Chegou ao diretório da Vila Mariana numa caminhonete Chrysler preta dirigida por um amigo, Bob Marques, assessor do PT na Assembléia Legislativa de São Paulo. Repórteres o aguardavam para saber sua opinião sobre a possibilidade de um terceiro mandato para o presidente Lula. Sua namorada, Evanise Santos, uma brasiliense simpática e extrovertida, mas discreta, se protegeu do sol embaixo de uma marquise por quase vinte minutos, enquanto ele falava aos jornalistas. Ao entrar, Dirceu foi cercado por petistas. Alguns pediram para tirar fotos ao seu lado, e ele sempre se postou entre dois fãs, de modo a poder abraçar a ambos.

Evanise se sentou sozinha numa sala, enquanto o ex-ministro continua-va a maratona de fotos e conversas com militantes. "Tá com botox é, Zé Dirceu?", perguntou uma mulher de

cabelos curtos grisalhos. "Não, não", ele respondeu. "É um creme que compro em Cuba, de um tratamento da Alicia Alonso. É feito de placenta, uma beleza. Um tubinho dura mais de mês." Ouviu todo tipo de pergunta: de como arrumar verbas para trocar o teto de zinco do diretório até quais seriam seus planos para janeiro. "Vou ver se fico um mês nos Estados Unidos fazendo imersão de inglês. E depois vamos para Cuba!", exclamou.

Mesmo ganhando a vida como consultor, a política ainda é o dínamo de José Dirceu. Nas semanas anteriores, ele havia, conforme disse, "trabalhado bem" na campanha do prefeito de Araraquara, Edinho Silva, para a presidência do diretório paulista. Reuniu-se com líderes locais e telefonou para caciques do partido. Quando não está viajando, se encontra semanalmente com Antonio Palocci, a quem considera o "melhor deputado do Congresso". Semanas antes, os dois haviam jantado na casa do deputado João Paulo Cunha, em companhia do ex-tesoureiro petista Delúbio Soares, igualmente envolvidos no caso do mensalão. No ano passado, esteve três ou quatro vezes com o presidente Lula. Para o vereador José Américo Dias, que teve o apoio dele na disputa do comando petista paulistano, "não há ninguém com tanto diálogo com a militância do PT quanto o Zé Dirceu". Tanto Dias como Edinho Silva foram eleitos.

Nos domingos, a churrascaria Prazeres da Carne, perto do Ibirapuera, está sempre lotada. A clientela é de famílias de classe média, com crianças barulhentas, avós, primos e cunhados. Depois da votação no diretório, José Dirceu, que frequenta o restaurante há dez anos, foi almoçar lá com a filha mais nova, Camila, de 17 anos, Evanise, o motorista e o prefeito de Manágua, Dionisio Marengo. Foi recebido com abraços pelo proprietário, que o guiou até uma mesa bem longe da entrada principal. Dali, ele via todo o salão. Pediram caipirinha. "A minha é de moça, bem fraquinha", orientou Dirceu. Evanise foi fazer o prato do namorado. Do bufê, trouxe uma farta porção de salada. Ofereceu-lhe polenta, brincando de fazer aviãozinho com o garfo, mas ele não quis.

José Dirceu comia o segundo pedaço de cupim quando, sem que percebesse, um homem loiro e jovem se aproximou e pôs a mão no seu ombro. Talvez porque imaginasse se tratar de um conhecido, o ex-ministro sorriu quando o homem se inclinou, como que para cochichar no seu ouvido. Com o rosto quase colado ao de Dirceu, no entanto, o desconhecido gritou: "Seu safado, safado, SA-FA-DO!" O sorriso do ex-ministro se desmanchou e sua expressão facial se esvaziou. Ele não demonstrou surpresa, raiva, medo, constrangimento ou qualquer outra emoção. Ficou olhando fixo para a frente, impassível, enquanto os berros continuavam e eram ouvidos nas mesas vizinhas. Com a mão ainda no ombro de Dirceu, o intruso vociferou: "Sou eu que pago minha comida! Não é o PT ou o governo, seu safado!" Pelo inesperado e pela virulência da agressão, os que estavam à mesa ficaram paralisados e silenciosos. A filha do ex-deputado desviou o rosto para o lado oposto

ao da cena. O motorista não tirou os olhos do próprio prato. O prefeito nicaragüense ficou atônito.

O homem finalmente tirou a mão de Dirceu e se afastou com lentidão. Gesticulando, de dedo em riste, continuou a berrar, mesmo de longe: "Safado, safado, safado!" A cena durou menos de vinte segundos. A namorada e o prefeito ainda mantinham a cabeça virada, para acompanhar o sujeito sumir no salão, quando José Dirceu sacou o celular (um BlackBerry, no qual recebe e responde a e-mails, se conecta à internet e, às vezes, até escreve no seu blog) e, sem qualquer comentário, começou a manuseá-lo.

Pouco depois, Evanise se levantou. Sem que ninguém da mesa se desse conta disso, foi atrás do rapaz, que estava acompanhado de duas mulheres. "O que você ganha com isso, hein? Quer brigar com ele? Chama ele num canto e fala. Agora, na frente da filha, da família?", foi o que ela lhe perguntou, conforme me contou. "E você também é uma safada por estar com um safado desses", disse-lhe o homem. "Estou com ele com muito orgulho porque ele é muito mais educado do que você", respondeu Evanise.

Passaram quinze minutos e José Dirceu pediu a nota. Os convidados haviam largado suas sobremesas pela metade e tomado o café às pressas. Ele pagou a conta e botou os óculos escuros. Ao atravessar a churrascaria, com a cabeça alta e firme, foi escaneado por todas as mesas. "Cara-de-pau", disse uma senhora de cabelos pintados de acaju. Ao seu lado, um homem concordava com a cabeça. Na calçada do restaurante, quando o grupo entrou no Chrysler, um senhor de traços orientais comentou com a família: "Olha aí o carro do PT".

Dirceu embarcou naquela noite para uma viagem a Lisboa e Santo Domingo, na República Dominicana. Apesar de estar prevista uma escala de apenas duas horas em Madri, ele incluía a cidade em seu roteiro quando era perguntado aonde iria. Assim que fez o check in, na classe executiva da TAP, foi direto para a sala VIP. Vestido com um sobretudo azul, carregando uma pasta de uma marca francesa com seu computador e o livro *A Era da Turbulência*, de Alan Greenspan, o ex-presidente do Banco Central americano, Dirceu só reapareceu quando faltavam poucos minutos para o avião fechar a porta. Percorreu o saguão de embarque com os olhos vidrados no BlackBerry, sem olhar para os lados. Alguns passageiros se cutucaram. "Sabe quem está passando aqui agora? O Zé Dirceu. Vade retro, Satanás", disse um homem à mulher que falava ao celular. Foi o penúltimo a entrar no avião.

Ao desembarcar em Lisboa, na manhã seguinte, entrou numa fila confusa, na qual umas 300 pessoas aguardavam a vez com o passaporte na mão. Com os olhos grudados no celular, tirava os óculos de grau, mordida as hastes e empurrava a pasta com pequenos chutes, à medida que a fila avançava. Não demorou para se ouvir: "Pilantra!" Um homem

passou a fazer, em voz alta, um discurso sobre moralidade. "É absurdo deixar esse bandido viajar." Um outro gritou: "Tem ladrão na fila!" Um senhor vestido com um sobretudo marrom se aproximou de Dirceu, que estava com a cabeça baixa, lendo algo no visor do telefone, e disse: "Corrupto!" O ex-deputado não reagiu. "E tem gente que ainda se mete com um tipo desses", falou um homem de jaqueta de couro, me encarando com desprezo. Durante uma hora e dez minutos, Dirceu não desviou a vista do celular.

Passado o controle, encontrou o advogado português com o qual tem negócios, João Serra, que o aguardava com o jornal debaixo do braço e um sorriso acolhedor. "Bem-vindo, doutor José!", saudou. "O senhor está muito cansado? Precisa descansar! Deixe-me carregar sua mala." Dirceu concordou e fomos para o estacionamento onde estava a caminhonete preta do advogado. Sob o sol e a amena temperatura de 13 graus, José Dirceu cantarolou trechos de uma melodia de jazz que tocava no rádio e comemorou: "Ah, cá estamos em Portugal! Esse é o melhor país para relaxar. Vir para um hotel, descansar, comer bem e namorar. Não há nada melhor". Contou ao sócio que sai do Brasil a cada 45 dias e que fechou o ano tendo visitado a Espanha, o Marrocos, os Emirados Árabes, e os Estados Unidos, além de ter circulado por vários países latino-americanos. João Serra disse-lhe que o ex-presidente Mário Soares, com quem Dirceu deveria se encontrar, havia viajado para Cabo Verde. Com a folga da agenda aberta naquela tarde, Dirceu comemorou. "Vou aproveitar para fazer ginástica, vou fazer ginástica aqui todos os dias", afirmou.

Como sempre faz em Lisboa, José Dirceu se hospedou no hotel Pestana Palace, no bairro do Alto de Santo Amaro. É uma construção majestosa, do final do século XIX, com afrescos nos tetos e paredes cobertas com veludo. Numa das paredes da recepção, há uma galeria de fotos de hóspedes famosos: Madonna, Sandy & Junior, Diana Krall e Al Gore.

Seu primeiro compromisso foi um almoço num restaurante em Cascais com seus sócios do escritório Lima, Serra, Fernandes & Associados, especializado em direito financeiro e empresarial. Às quatro da tarde, José Dirceu chegou ao escritório deles, no centro de Lisboa, contando sobre os frutos do mar degustados de frente para a praia. Um empresário brasileiro o esperava. Por vinte minutos, conversaram a portas fechadas. Em seguida, falou com um dos diretores da Universidade de Lisboa, que estava interessado em montar um curso Master in Business Administration, MBA, com uma instituição de ensino brasileira. "Vou falar com a Celita Procópio, da Fundação Armando Álvares Penteado", disse o ex-deputado. "Eles lá são muito amigos meus, fizeram um jantar para mim outro dia. Acho que o Trevisan [o consultor Antonio Marmo Trevisan] e o Belluzzo [o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, presidente do Conselho Curador da TV Brasil] também podem ajudar. Mas vocês têm que falar com os ministros da Educação dos dois países." Durante 45 minutos, eles discutiram estratégias para deslanchar o negócio. Mais tarde, referindo-se à reunião, Dirceu

me disse: "Não ganho nada com esse tipo de coisa, mas é interessante porque estou ajudando a levar coisas boas para o Brasil".

No final do dia, um Jaguar preto, de bancos de couro claros, dirigido por um jovem motorista de gravata, esperava o ex-ministro. "Esse carro está ao seu gosto, doutor José?", perguntou-lhe o advogado João Serra, com uma formalidade de sócio pouco íntimo. Dirceu achou que era uma brincadeira e apenas riu. No caminho até o hotel, ele disse que pretende se dedicar a Angola. "Meu interesse é infra-estrutura: rodovias, telefones, telecomunicações. Temos a vantagem do idioma, o know-how", afirmou. "Também vou abrir um escritório no Panamá. A América Latina está cheia de bons negócios." Outro de seus sócios, o advogado António Lamego, é amigo do general João de Matos, ex-chefe de Estado Maior do Exército angolano. Os três haviam marcado de se encontrar, em breve, na Costa do Sauípe para tratar de negócios.

Às nove da noite, Dirceu e dois dos advogados chegaram ao restaurante Vela Latina, às margens do Rio Tejo. Integraram-se à mesa o diretor da Universidade de Lisboa, um professor socialista, dono de um instituto de pesquisas políticas, e o editor-chefe do canal público de televisão RTP. Pediram vinho branco. "O senhor gosta de Pera-Manca, doutor José?", perguntou-lhe um deles. Dirceu se prontificou a acertar um encontro do jornalista com a presidente da televisão pública brasileira, Teresa Cruvinel. "Eu ligo para ela, vocês se encontram, vai ser muito bom trocar essa experiência", disse.

Também conversaram sobre Cuba. O ex-ministro está convencido de que os dias do castrismo estão contados. "Aquilo vai mudar, já está mudando", disse. "Mas os cubanos não vão aceitar o capitalismo de uma vez. Eles viram a experiência da Europa Oriental. O que eles querem é pouco. É poder ter três bicicletas e alugá-las. É ter o direito de ir e vir, poder abrir um bar, alugar um quarto na casa deles. Não é muito, não."

Os portugueses conheciam bem a política brasileira. Ao falar de Paulo Maluf, um deles usou a expressão "rouba, mas faz". Perguntaram sobre as eleições internas do PT e se referiram, mais de uma vez, à "inexpressividade política" do DEM e do PSDB. O que mais os interessava era a sucessão presidencial. Dirceu lhes disse que o PT não tem um candidato forte. Dilma Rousseff e Marta Suplicy têm poucas chances eleitorais, ele acha. Ciro Gomes, sim, seria um candidato de peso. No almoço em São Paulo, Dirceu elogiou o deputado eleito pelo Ceará. "Ele foi um excelente ministro: preparado, com iniciativa, boa cabeça política, leal ao governo e disciplinado; sempre converso com ele", disse. "Mas o Ciro tem um problema: dá a impressão de, contrariado por uma pergunta, ser capaz de levantar e dar um soco no jornalista."

Ali, ele também revelou ter uma excelente relação com o governador Aécio Neves. Jantam juntos e conversam pelo telefone amiúde. Comentou que o tucano fez um excelente

governo: "Ele botou tudo em ordem, tem uma aprovação imensa do eleitorado". Instado a escolher entre Aécio e José Serra, não hesitou: "Posso discordar do que o Serra pensa e faz, mas reconheço que é um ótimo administrador. Ele é obsessivo, trabalha dezesseis horas por dia, sabe mandar e governar. Aécio é bom, mas o Serra é melhor para o Brasil", disse. Quando foi perguntado o que faria quanto à sucessão se ainda estivesse no governo, a resposta também foi rápida. "Eu teria aproximado ainda mais o PT do PMDB, já estaria tudo costurado, era só definirmos o nome do candidato em função da popularidade", afirmou. E quem seria o candidato de Lula? "Ainda é uma incógnita", ele respondeu. "O Lula é especial, ele pertence à família de Getúlio, Juscelino, Tancredo: é um político que pensa muito à frente."

"E a eleição americana, doutor José?", quis saber um dos portugueses. Enquanto comia peixe com legumes, ele disse que "a Hillary Clinton é pior para nós. Os democratas gostam de se meter na política interna dos países e são ligados historicamente ao tucanato". Acenderam-se charutos. José Dirceu recusou. O sócio Fernando Fernandes pagou a conta.

Às onze da manhã, José Dirceu saiu do quarto com um abrigo oficial da Confederação Brasileira de Futebol, CBF, de cor cinza, e foi à academia do hotel. Pôs uma toalha em volta da nuca e, sem tirar os óculos escuros, fez alongamentos durante três minutos e usou aparelhos para fortalecer os braços em séries de quinze movimentos. Quando subiu na esteira, sintonizou um canal de notícias. Andou a passos largos e ensaiou pequenos trotes. Cinquenta minutos depois, já na porta, lembrou que faltaram as abdominais. "Só sessenta, mas vou chegar a 200", disse.

Com o rosto ainda avermelhado, gotas de suor na testa e cheio de endorfina, José Dirceu foi tomar café-da-manhã na sala em estilo Luis XVI, onde executivos com laptops, à espera do almoço, bebiam vinho branco sentados em sofás de veludo bordô. Evanise telefonou. "Oi, lindinha... Tá, tá certo... Mandou o e-mail para ele? Tá bom, tá bom... Beijinho, beijinho." Eles namoram há um ano e meio. Evanise vive em Brasília; ele, em São Paulo. Quando se conheceram, ela era funcionária do ministério dos Transportes. A aproximação se deu durante uma viagem oficial a Cuba. "Eu olhando para ela e ela só ficava 'doutor para cá, doutor para lá'", contou ele. "Linha dura, não me deu bola, não." Agora, ela trabalha na coordenação de Relações Públicas do palácio da presidência da República, e entre as suas funções está a de agendar visitas de escolas e turistas ao Planalto e ao Alvorada.

José Dirceu se casou três vezes. A primeira com Clara Becker, uma pequena empresária com quem viveu quatro anos em Cruzeiro do Oeste, no interior do Paraná. Lá, ele morou clandestinamente nos anos 70. Usava o nome de Carlos Henrique Gouveia de Melo, um paulista de origem judia, sujeito pacato e torcedor fanático do Corinthians. Tiveram um filho, Zeca, hoje prefeito da cidade, pai de sua única neta. Na década de 80, conheceu a psicóloga Maria Ângela da Silva Saragoça. Levou-a a Cuba para que fizesse um tratamento

de fertilização. Daí, nasceu sua filha Joana, hoje com 20 anos. Nos anos 90, casou-se com Maria Rita Garcia Andrade, ex-colega de militância política. Juntos construíram uma casa em um condomínio no interior de São Paulo, onde Dirceu mora com Joana. De um namoro efêmero, nasceu Camila.

O relacionamento com as ex-mulheres é excelente. Clara Becker sempre o defende. Recentemente, ela divulgou uma carta que mandou a Aguinaldo Silva, autor da novela *Duas Caras*, na qual o vilão faz uma plástica, muda de nome e esconde tudo da mulher. O dramaturgo havia dito que o personagem era baseado na vida de José Dirceu, e ela lhe diz na carta: "Afirmo que nunca conheci um homem tão íntegro e honesto como José Dirceu e considero que a omissão de sua real identidade foi uma necessidade naquelas circunstâncias. Reafirmo que o José Dirceu foi um companheiro ideal".

Há pouco tempo, Dirceu trocou o carro de Ângela Saragoça. No escândalo do mensalão, soube-se que, com a intermediação do publicitário Marcos Valério, ela conseguiu um empréstimo bancário e uma transação imobiliária vantajosa junto ao Banco Rural, e o Banco BMG a contratou como funcionária. José Dirceu ajuda financeiramente a mãe de Camila, que tem outras duas filhas e é solteira. Com Maria Rita, fala constantemente ao telefone. "Eu ficaria casado com ela a vida toda, mas uma hora o casamento acaba, o casamento tem que estar vivo, sabe como é?", disse.

O garçom trouxe suco de laranja, croissants, geléia e café com leite. À mesa, Dirceu atacou facções políticas à sua esquerda. Começou pelo ex-prefeito de Porto Alegre e secretário-geral nacional do PT, Raul Pont. "Ele fica falando que o partido não precisa de coligação... Tenha paciência", afirmou. "O que fizemos por esse pessoal não é brincadeira. E eles não ajudam em nada, só nos dão pau." Disse que a construção da sede do PT, em Porto Alegre, "foi feita só com dinheiro de caixa dois. Era com mala de dinheiro". Lembrou que quando foi feita a denúncia, que atingia em cheio o governo de Olívio Dutra, "a gente estava com eles, não os abandonamos em nenhum minuto".

E continuou: "Vê o que a gente fez pela Heloísa Helena. Ela votou contra a cassação do Luiz Estevão. Votou mesmo, e por motivos impúblicáveis. Mas nunca a deixamos sozinha, defendemos ela o tempo todo, mesmo sabendo que a história era diferente. E, depois, olha o que fazem". Bebeu um pouco de suco de laranja e prosseguiu: "Esse pessoal é assim. Chegava para o Delúbio e falava: 'Delúbio, preciso de 1 milhão'. Como é que alguém vai arrumar esse dinheiro assim, de uma hora para outra?", disse, referindo-se ao ex-tesoureiro do PT, expulso do partido sob a acusação de ter montado o esquema irregular de financiamento de campanha. "Aí, quando não recebiam o dinheiro, diziam que estavam sendo preteridos porque eram de uma outra corrente, de uma outra ala, que a direção era autoritária. O pobre do Delúbio tinha que ir aos empresários conseguir doa-ções. Aí,

estoura o mensalão e esse pessoal vem dizer que o Delúbio era o homem da mala. O que não dizem é que a mala era para eles."

José Dirceu costuma encomendar pesquisas qualitativas de avaliação da sua imagem. Faz isso depois de dar uma entrevista longa, para ter a temperatura exata da repercussão. Ou quando é muito exposto na imprensa, para saber como a população o vê. Segundo ele, um dos levantamentos recentes revela que a maioria dos brasileiros o considera honesto. Em outro, feito com o eleitorado do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, os entrevistados disseram que José Dirceu não deveria cometer os mesmos erros de FHC. "Eles falaram que eu não deveria me meter nas brigas internas do partido, deveria ter uma agenda própria e tratar só de temas nacionais", detalhou ele. "Como o Fernando Henrique não defende uma causa, o eleitorado acha estranho. Ele devia fazer como o Al Gore."

Uma hora depois, talvez devido ao excesso de endorfina provocado pelos exercícios, José Dirceu continuava animado, emendando um assunto no outro. As notícias de que o senador Garibaldi Alves Filho tinha boas chances de ser presidente do Senado o irritaram. "Esse Garibaldi é um gaiato", disse. "Já trocou o guarda-roupa, deve estar arrumando os dentes, isso vai dar um trabalho danado. Ninguém segura esses senadores, não. Eles fazem tudo por uma rádio. Todos têm rádio. Têm sócios ocultos, laranjas. Não se dão nem ao trabalho de colocar um pequeno empresário na frente do negócio, nada. Esse Garibaldi tem duas rádios. Registradas na Anatel e no TSE [Tribunal Superior Eleitoral]. E fica por isso mesmo!", lamentou. O assunto o lembrou de outro senador. "Olha o Jefferson Péres: fica aí posando de arauto da moralidade e a mulher trabalhava no gabinete dele, é nepotismo, mas ninguém fala nada, é tudo normal."

De banho tomado, José Dirceu desceu para almoçar. Pediu codorna com trufas e foie gras. A pedido, lembrou algo da sua história. Ele nasceu em Passa Quatro, uma cidade encravada na serra mineira, que ainda tem Maria Fumaça. Saiu de lá aos 15 anos para morar em São Paulo, onde, por recomendação de um tio, trabalhou como contínuo no escritório do então deputado Havolene Júnior. Ao contrário de seus irmãos, que ficaram em Passa Quatro por mais tempo, ele se considera mais paulista do que mineiro. O inconfundível sotaque caipira corrobora sua percepção. Em 1965, entrou para o curso de direito na Pontifícia Universidade Católica. Militou no movimento estudantil e chegou à presidência da União Estadual dos Estudantes, a UEE*.

Em fotos da época, ele aparece com os cabelos pretos lisos e compridos, o nariz reto aristocrático e uma postura impávida, mundana e desafiadora. Em resumo: Dirceu era lindo. Não chega a ser carismático, mas sempre soube como criar e manter uma rede de lealdades, sobretudo feminina. No movimento estudantil, amigos o chamavam de "Alain Delon dos pobres".

Em 1968, foi preso junto com outros 800 estudantes no 30º Congresso da UNE, em Ibiúna. Quarenta anos depois, acha que foi um erro terem esperado a chegada dos policiais. "Achamos que era melhor resistir, mas aquilo só serviu para a ditadura fichar todo mundo e, um ano mais tarde, saber exatamente quem deveria ser morto, torturado ou desaparecer", comentou. Disse não ter sido influenciado pelo movimento francês de maio de 68. "Vivíamos isolados", contou. Já em relação à Primavera de Praga, a invasão da extinta Tchecoslováquia pela finada União Soviética, com o apoio de Fidel Castro, levou-o a tomar uma posição: "Fui radicalmente contra. Não existe isso de um país invadir outro. Nunca fui stalinista, nunca".

Em onze meses, passou por quatro prisões diferentes. Foi um dos libertados na troca do embaixador americano Charles Elbrick, seqüestrado por esquerdistas. Banido, exilou-se em Cuba, onde, fez treinamento de guerrilha e aprendeu a atirar. "Era igual a esse filme Tropa de Elite: o treinamento era para virar máquina de matar", lembrou. "Mas nunca fiz os exercícios com gosto, não era minha praia."

No exílio, fez uma cirurgia plástica que lhe salientou as maçãs do rosto e mudou o formato dos olhos. Implantou uma prótese para tornar o nariz adunco. Voltou clandestinamente ao país por duas vezes. Na primeira, embarcou armado com uma pistola Brown 9 milímetros. Foi de Havana para Moscou, de lá para Praga, depois para Frankfurt, Bogotá e Manaus. Usou um documento com o sobrenome Hoffmann - ele esqueceu o primeiro nome. Era um passaporte verdadeiro de um judeu argentino que havia morado no Brasil. "Era ouro na clandestinidade, tanto que renovei o passaporte várias vezes na fronteira", contou.

Voltou para Cuba um ano depois e fez outro treinamento: o de como viver na clandestinidade. "Aprendi a andar diferente, a usar outras palavras, a sentar de outro jeito", contou. "Quando eu voltei para o Brasil, se alguém gritasse 'Zé' ou 'Dirceu' na rua, eu nem olhava. Realmente me convenci de que era outra pessoa", afirmou. Com a anistia, voltou à legalidade. Foi a Cuba desfazer a plástica e retornou a São Paulo. Foi funcionário da Assembléia Legislativa, retomou o curso de direito e voltou à política. Envolveu-se na criação do PT e no movimento Diretas Já. Em 1986, foi eleito e depois reeleito deputado federal até que, em 2003, foi ser ministro de Lula.

João Serra escutava o relato maravilhado. "Eu nunca tive um sonho sobre o período do exílio", disse Dirceu. "Sonho com várias coisas, mas com esse período, nada." O sócio se surpreendeu. "O doutor José então não teve traumas?", indagou. "Eu não costumo me lembrar das coisas", foi a resposta. "Elas acontecem e eu viro a página. Não fico no passado. Passou, passou. Nos últimos quarenta anos, minha vida teve ciclos de dez anos. Acaba um e começa outro. O que fica para trás, eu esqueço. Daqui a dois dias, vão me perguntar como foi esse almoço e eu não vou me lembrar."

Quando se trata de assuntos impessoais, no entanto, a memória de José Dirceu é excelente. Ele é capaz de citar números, estatísticas, dezenas de nomes e situações, em cascata. Ao pisar em Lisboa, por exemplo, falou-me sobre a quantidade de desempregados no país, os investimentos brasileiros, o comércio bilateral com os Estados Unidos, os negócios portugueses com outras três nações. Tudo ilustrado com cifras e mais cifras. Ao longo dos dias, deu o mesmo quadro de outros sete países pelo menos, sem falar nas recorrentes exposições sobre a economia brasileira, quando repete de cor as dezenas de metas do plano plurianual do governo.

José Dirceu foi entrevistado, naquela tarde, no escritório dos advogados, por dois repórteres do Diário de Notícias, um dos maiores de Portugal. Eles perguntaram antes se havia algum assunto de que não deveriam tratar. "Não, podemos falar de tudo", respondeu. Dois dias depois, o jornal publicou a entrevista em duas páginas, com o título "Terceiro mandato de Lula seria 'erro gravíssimo'". Depois da conversa com os jornalistas, ele tentou marcar, pelo celular, uma audiência entre o ex-presidente do governo** espanhol Felipe González e um candidato à presidência de El Salvador. O telefone não funcionou direito e ele se queixou: "Odeio essa TIM".

No caminho de volta ao hotel, Dirceu contou a João Serra que só comprava carros usados. Depois, lembrou-se do automóvel que havia sido colocado a sua disposição na visita anterior que fizera a Lisboa: um Porsche Cayenne verde, com bancos de couro claros. "Era muito elegante, mas para mim não dá", disse. "Quer dizer que o doutor José não pode ter um Porsche?", perguntou o advogado. "Não, se eu tiver, viro notícia", respondeu o político. Quando Dirceu entrou no hotel, João Serra me disse: "Eu tinha vinte e poucos anos e já ouvia falar dele; é uma figura mítica para nós, ligados à esquerda".

O vôo de Lisboa a Madri duraria menos de duas horas, mas estava atrasado. Às sete e meia da manhã, José Dirceu desceu correndo do Jaguar, rumo à área do check in da classe executiva da Iberia. Empurrando sua mala pelos corredores, confundiu-se com a má sinalização dos portões. Lamentava ter comido muito e tomado duas garrafas de vinho na noite anterior, em companhia do deputado português Miguel Relvas, seu amigo há décadas.

Por coincidência, a fila de embarque para Salvador e São Paulo, da TAM, ficava ao lado da que seguia para Madri, da Iberia. Mais uma vez, foi hostilizado. "Olha quem está ali, o Zé Dirceu! Olha que beleza, viajando no exterior", comentou um rapaz de mochila. O ex-ministro nem olhou para ele. Chegou ao balcão, pediu uma informação e saiu contrariado. "Olha, quanta falta de educação desse povo da Iberia", disse. "Fui perguntar sobre a conexão em Madri e eles falaram que eu que me virasse, que eles não sabem de nada. Depois falam que no Brasil que é tudo esculhambado. Vou aproveitar e escrever em meu blog", falou antes de partir para a sala VIP.

Ele ignora todas as agressões. Sua capacidade de se abstrair em situações tão embaraçosas é impressionante. Quando falamos sobre a hostilidade, dias depois, ele disse: "Em qualquer lugar que eu vá sempre vai aparecer um para me xingar, mas eu já nem escuto. Converso sobre o assunto com as minhas filhas e com o meu filho Zeca, que é o que mais sofre. É muito sensível. Mas como eles sabem quem sou e como vivo, tenho minha consciência absolutamente tranqüila". Para ele, há uma lógica matemática na probabilidade dos insultos. Sua impressão é de que 40% das pessoas acham que é inocente e 20% não têm opinião formada a seu respeito. Outros 30% não gostam dele, mas não o hostilizam. Dez por cento vão sempre "fazer aquilo", disse, referindo-se às agressões verbais na churrascaria e nos aeroportos.

O avião estava parado na pista do aeroporto de Lisboa. Há pelo menos vinte minutos todos os passageiros haviam embarcado. Esperava-se apenas um, não localizado, para que a decolagem fosse autorizada. O piloto já cogitava a possibilidade de, por segurança, retirar do avião a bagagem do passageiro sumido: ela poderia ser uma bomba. Foi quando o ônibus estacionou ao lado do jato. Dele, desceu sozinho José Dirceu com um ar preocupado. Assim que entrou, apressou-se em explicar o atraso à aeromoça: estava na sala VIP e havia pedido que lhe avisassem quando deveria ir para o portão de embarque, o que não ocorreu.

O vôo chegou a Madri três horas depois do previsto, o que fez com que Dirceu perdesse a conexão para Santo Domingo. Ao desembarcar, ele foi informado de que só haveria vôo no dia seguinte e que, se quisesse retirar sua mala, teria que esperar quatro horas no aeroporto. "Não, não, não posso ficar aqui, tenho muita coisa para resolver na República Dominicana", disse. "Vou alugar um avião para o Panamá e de lá me levam para Santo Domingo. Não dá para ficar aqui, não dá."

Foi encaminhado com outros sessenta passageiros para um balcão onde os vôos eram remarcados. Pelo BlackBerry, ligou para a secretária em São Paulo e disse que arrumasse uma passagem urgente para voltar ao Brasil. Em cinco minutos veio a resposta por e-mail: teria que gastar mais 3 600 euros. "Aí não dá", comentou. A idéia de alugar o avião também passou a parecer estapafúrdia. A companhia aérea ofereceu um hotel quatro estrelas ao lado do aeroporto de Barajas, a 12 quilômetros do centro de Madri, com direito a três refeições e dois telefonemas. A mala ficaria presa no aeroporto. Seria preciso comprar uma muda de roupa e artigos de toalete. "Para mim, o principal é comprar um hidratante", ele falou. "Eu morro louco sem hidratante."

Aos 61 anos, Dirceu tem os cabelos grisalhos e finos, que ajeita para trás com um pentinho verde que leva no bolso da calça. Sua pele é lisa e brilhante, graças aos cremes, e ele nega que seja por causa de plásticas ou aplicações de botox. Sua aguda percepção sobre a aparência se manifesta no uso aplicado de produtos de beleza, no empenho com os exercícios físicos, no guarda-roupa de grifes e na preocupação constante com a perda de

peso. Ele quer emagrecer, urgente, 7 quilos. Quando passa em frente a um espelho, ou diante de um vidro com bom reflexo, José Dirceu sempre confere o penteado e a posição do colarinho.

Na sua agenda telefônica, os nomes viram siglas. MTB é Márcio Thomaz Bastos; LEG, Luiz Eduardo Greenhalgh; MAG é Marco Aurélio Garcia. Ainda no aeroporto, ele telefonou para o embaixador brasileiro na Espanha, José Viegas, ex-ministro da Defesa, para saber se estava livre para jantar. Com a resposta positiva, a perspectiva de passar a noite em Madri se tornou menos sombria. "Como a Marta já falou, a gente não pode repetir porque fica feio, mas o negócio agora é relaxar...", comentou, enquanto andava até a van que o levaria ao hotel. "O vôo foi muito barulhento, mas eu não consegui nem brigar com aeromoça: nossa, que mulher linda."

Um carro da embaixada brasileira foi colocado à disposição de Dirceu. Enquanto o esperava, pediu no bar do hotel uma cerveja, batatas fritas e um sanduíche de jamón con queso. Comentou que o melhor quadro do governo é Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES. "Que não é petista", ressaltou. O economista, como Dirceu, é um "desenvolvimentista": alguém que privilegia o investimento na produção e na indústria, em vez de zelar a ferro e fogo pela renda do sistema financeiro. Até sair do ministério, ele travou uma luta surda com o ministro Antonio Palocci, o ponta-de-lança do rentismo. Não tem nenhuma dúvida de que, em função da disputa, se Lula tivesse de escolher entre ele e Palocci, o presidente o demitiria. Os dois acabaram saindo do governo e, como eram vistos como sucessores potenciais de Lula, o PT ficou sem candidatos de peso à presidência.

Suas relações com Lula são camaradas, e não íntimas. Eles se conhecem há quase trinta anos, se aproximaram mais na década de 80, mas a amizade jamais extravasou os limites partidários e políticos. Dirceu teve um papel decisivo na transformação do PT numa máquina para eleger Lula presidente. Foi ele quem disciplinou as diversas correntes do partido e anestesiou as alas à esquerda, forjando a política de coligações e a estratégia da campanha nos moldes tradicionais - com financiamento junto ao grande empresariado e a contratação de marqueteiros custosos. Também cultivou políticos de todos os partidos, além de industriais e banqueiros. Ainda assim, ele e Lula tiveram uma divergência política significativa. José Dirceu defendia que a aliança se desse a partir do PMDB, enquanto Lula privilegiou a coligação com os pequenos partidos de aluguel. Nomeado ministro, ele fez um acordo com o então presidente do PMDB, Michel Temer, para que o partido participasse efetivamente do governo, com ministérios importantes. Lula desautorizou publicamente José Dirceu, que se calou.

O toma-lá-dá-cá com a miríade de legendas esteve na raiz do mensalão, que provocou a queda do chefe da Casa Civil. É uma ironia da história: Dirceu perdeu o poder por articular

uma política que não era sua, era do presidente. E, com o seu homem forte fora do governo, Lula deu meia-volta e aproximou-se mais e mais do PMDB.

Aparentemente, ele não guarda ressentimentos de Lula, a quem sempre defende e elogia. Contou que fazia seis meses que não via o presidente e que, no governo, jamais ia ao Palácio da Alvorada sem pedir autorização. Também se lembrou de situações em que sentiu "pouca interlocução" com o presidente. Uma delas foi quando chegou à imprensa a notícia de que a Telemar injetara 5,2 milhões de reais na Gamecorp - empresa de joguinhos de computador, cujo dono é Fábio Luiz da Silva, filho de Lula. Ele recordou uma reportagem na qual Lulinha inventara frases suas e contava que estivera em reuniões das quais nunca participou. Dirceu se queixou e a resposta foi surpreendente: "Ele se virou para mim e falou: 'Ah, mas isso não tem problema, não, é só detalhe'. Eu falei: 'O que é isso, Lulinha, você está ficando bobo? Isso é seriíssimo'".

Ele pediu outra cerveja. O lobby do hotel era impessoal e sem graça. Uma televisão estava ligada num canal de notícias que Dirceu olhava de quando em quando. "Para o Lulinha, não importa a verdade", prosseguiu. "É assim: estamos aqui tomando cerveja, neste hotel simples, à tarde. Quando o Lulinha conta essa história, ele conta assim: 'Estavam os dois, à noite, tomando champanhe Cristal no Hotel Ritz, em Paris'. Ele quer melhorar a história, ele fabula. O Lulinha pegava pesado." Na ocasião, Dirceu disse ter procurado o presidente, que respondeu: "Você vai ficar enchendo meu saco por causa do Lulinha, Zé Dirceu?" Ele tomou mais um gole de cerveja. O motorista da embaixada havia chegado.

A filial da loja de departamentos El Corte Inglés ficava a menos de cinco minutos do hotel. José Dirceu disse que estava com preguiça de escolher uma roupa. Durante cinquenta minutos, examinou as araras da seção masculina, experimentou calças e camisas. Levou uma Ermenegildo Zegna com um colarinho menor do que o seu, que é número 43, roupa de baixo e um par de meias. E o hidratante, é claro. No carro, confessou que queria ter comprado uma calça comprida, mas era preciso fazer a bainha. Comentou que havia visto um terno magnífico, por um preço equivalente ao de um feito por alfaiate no Brasil. Dois dias depois, lamentou outra vez não ter podido comprá-lo. Dali rumou para a casa do embaixador Viegas, no centro de Madri.

"Não preciso nem dizer que tudo o que estou falando aqui é off", disse-me o embaixador Viegas, enquanto bebericava uma dose de uísque. O jantar foi alegre. Conversou-se sobre o ministério da Defesa, a crise aérea, o governo Lula e a busca frustrada de Dirceu por um creme de cabelos da marca Keune. Foi servido espaguete à carbonara e bebeu-se vinho tinto. José Dirceu se contorceu em gargalhadas quando a embaixatriz Erika Stockholm, peruana de nascimento, contou as desventuras do casal em uma praia espanhola. Jovem e esfuziante, ela só anda de Vespa pelas ruas de Madri. Está terminando um curso de decoração de interiores e fará a cenografia de um desfile de moda. Se fosse uma sinfonia,

Erika seria o allegro vivace. Na volta, Dirceu ainda ria sozinho das histórias contadas pela embaixatriz. "Sabia que ela era a Xuxa do Peru?"

José Dirceu chegou ao aeroporto carregando a sacolinha dourada do El Corte Inglés com as mudas sujas. Era a primeira vez que repetia uma roupa. Em quatro dias e meio, usara dois ternos, quatro camisas sociais, três gravatas, um sobretudo, uma jaqueta de couro, uma calça de veludo, outra de brim, um mocassim, um sapato preto, um tênis, uma camisa jeans, o abrigo de ginástica da CBF, uma bermuda e duas camisetas. Sua mala era bem maior do que a minha.

A ensolarada Santo Domingo, onde a temperatura média anual é de 30 graus, lembra uma cidade de praia do interior da Bahia. As largas avenidas cortam paisagens de coqueiros, onde barraquinhas de madeira vendem frutas. O mar azul celeste fica à uma hora do centro da cidade, e é lá que se concentram os resorts, lotados de americanos aposentados. Na área urbana, não há praia e a água do mar é escura como chá. Um muro baixo separa o mar das ruas onde circulam os veículos. Na classe alta, a maioria dos dominicanos usa bigode, pinta as unhas com esmalte transparente e ostenta anéis e relógios dourados. As mulheres estão sempre de salto alto, cabelos presos em coques, ou armados com laquê, e muita maquiagem.

"Eu chego aqui e já me dá vontade de tomar rum", disse José Dirceu ao desembarcar, depois de oito horas e meia de vôo, no acanhado aeroporto de Santo Domingo. O ministro Miguel Mejía, um homem de 2 metros de altura que tem o rosto de uma pintura de Botero, o esperava na porta do avião. Foram direto para uma sala reservada, onde Dirceu entregou seu passaporte e o tíquete da mala, o que o poupou da fila e o aliviou do peso de carregar a própria bagagem. "Isso aqui é igual a Cuba: é o socialismo. Tudo acontece se você conhece alguém socialmente", disse.

O carro estava ligado e à espera do convidado. O ministro assumiu a direção e Dirceu, que o conhece há quarenta anos, sentou-se ao seu lado. No banco de trás havia dois seguranças e uma moça elegante, que acompanhou Mejía o tempo todo. Conversaram sobre o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. "El tipo esta loco", disse Dirceu. "Eu não te falei que ele ia perder?" O ministro concordou. Dois dias antes, Chávez havia sido derrotado no plebiscito que previa a sua reeleição ilimitada.

Na opinião de Dirceu, o presidente venezuelano havia feito tudo errado: ausentou-se do país no mês anterior à votação, não tinha vantagem expressiva nas pesquisas, e acabou por dividir sua base de apoio até perder o general mais moderado do governo, além de ter fortalecido a oposição. Fora o fato de ter inventado o referendo em meio a uma séria crise de desabastecimento e rumores de corrupção. "É prepotência, é ambição, é um erro atrás do outro", disse. "Vamos combinar uma reunião de dez amigos do Chávez em Caracas. Temos

muito que conversar. É preciso valorizar a situação no Brasil. Nós corremos o risco de perder as eleições em 2010."

José Dirceu já havia comentado que, diante de um fracasso de Chávez, Cuba seria fortemente prejudicada, já que, em troca de produtos bolivarianos, envia mão-de-obra qualificada - médicos, dentistas e professores - para a Venezuela. Mejía contou ter ouvido de alguém próximo ao presidente cubano, Raúl Castro, que o país apoiaria a Venezuela numa reforma democrática, mas não numa ação revolucionária. "É verdade, não acredito que Fidel concordasse com isso", disse Dirceu. Ele recordou que, dois dias antes do resultado, Fidel Castro publicara um artigo insinuando uma derrota. "Cuba sabe dessas coisas, o governo tem serviço secreto, não é bobo", completou.

O carro avançava devagar pelas avenidas engarrafadas de Santo Domingo. Boa parte da frota está caindo aos pedaços. Num dos carros que ultrapassou o do ministro havia oito adultos espremidos e nenhum vidro lateral. Uma toalha de banho cor-de-rosa era usada para controlar o vento. José Dirceu mudou de assunto e disse a Mejía: "Há uma empresa brasileira, uma das maiores, muito interessada em vir para cá. É o grupo do vice-presidente da República, a Coteminas. Eu já conversei com o Josué, o filho do José de Alencar que cuida dos negócios, e eles estão dispostos até a construir a fábrica".

Dirceu chegou ao Hotel Hilton às sete da noite. Por ter o seu nome no cadastro de hóspedes freqüentes, fez rapidamente o check in. Foi para o quarto, no piso executivo, atualizar seu blog. Nele, Dirceu comenta notícias de jornais ou temas que considera relevantes. Muitas vezes, publica dez longos comentários num único dia. Seu estilo de escrita é direto, com poucas metáforas ou firulas de linguagem. Suas análises comportam adjetivos como "lamentável", "uma vergonha", "absurdo" e terminam com uma frase em tom de lição de moral. Em dezembro, lá estavam suas impressões sobre a Bolívia, a Venezuela, a greve de fome do bispo Luiz Cappio contra a transposição do rio São Francisco, a política americana sobre o álcool, o aniversário de Oscar Niemeyer, a sucessão presidencial, a taxa Selic, o fim da CPMF, a política de segurança pública, além de críticas a reportagens e repórteres. Pelo seu controle, o blog tem um acesso diário de 3 mil pessoas. Antes de publicar, ele envia os posts ao seu advogado, José Luis Oliveira Lima, em quem confia muito, e a um amigo, o jornalista Breno Altman. Quando acham que Dirceu exagerou nas críticas, eles o aconselham a baixar o tom.

Às 21h40, Dirceu, de terno, parecia estar sendo engolido pelo sofá da recepção. "Acho que esqueceram de mim", disse, cansado. Há quarenta minutos esperava Mejía para jantar. Foi quando chegou o empresário dominicano Johnny Cabrera, dono da Petroconsa, empresa de petróleo e construções, com quem deveria se encontrar no dia seguinte. Ambos têm um interesse comum: etanol. Segundo Dirceu, Cabrera tem estrutura para fazer o blend do combustível no Caribe e, de lá, mandá-lo para os Estados Unidos, que impõem duras

barreiras tarifárias para a importação do produto brasileiro. Vinte minutos depois, chegou Mejía, de quem Cabrera é amigo.

Após o jantar num restaurante italiano, "com gente jovem e bonita", segundo Dirceu, ele e Mejía foram conhecer uma casa fechada onde seria possível instalar um restaurante. "Vou trazer a churrascaria Bassi para cá", explicou o ex-deputado. "Vai ser uma churrascaria rodízio e butique de carnes. O lugar é perfeito, fica em um ponto turístico ótimo." Dirceu também foi procurado por empresários paulistas para entrar como sócio numa franquia do restaurante Floridita, de Havana, que era freqüentado por Ernest Hemingway. O investimento seria de 4 milhões de reais. A parte de José Dirceu, 400 mil reais. "Mas estou achando muito caro", comentou.

O dia seguinte começou com José Dirceu se exercitando na esteira. Dessa vez, em frente à janela da academia do hotel, que dá para uma vista espetacular do mar de Santo Domingo. Outros dois empresários remarcaram o encontro que teriam com Dirceu, já que ele havia atrasado em um dia sua chegada à cidade. O presidente da República, Leonel Fernández, também estava em um compromisso inadiável, o que o deixou com a tarde livre. Ele disse que aproveitaria para escrever seu blog e atender ligações urgentes, como a de um alto executivo da Parmalat, que o chamou pelo celular.

Às dez e meia da manhã, recebeu o amigo Daniel Herrera, a quem chama de Olaf, seu nome de guerra. Herrera é um cubano com um enorme bigode branco que disfarça a falta de dentes. Ele vestia uma guayabera com seu nome bordado no bolso e fumava feito uma chaminé. Olaf é consultor do presidente da Nicarágua, Daniel Ortega. Nos anos 60, foi encarregado pelo governo cubano do contato com os brasileiros exilados na ilha. Foi ele quem sugeriu que Dirceu usasse na clandestinidade o codinome "Daniel". Com um sorriso, em seu espanhol impecável e forte sotaque brasileiro, José Dirceu me apresentou como "una periodista de la prensa burguesa". Foi a única vez que ele usou uma expressão marxista. Olaf fez graça: "Pelo menos é a imprensa que paga mais, não é?"

O cubano pediu notícias dos companheiros do passado, como Marco Aurélio Garcia. Dirceu deu informações sobre uns e emendou: "O franco-argentino está se metendo demais, vou dar um pau nele no meu blog". "Quem?", quis saber Olaf. "O Luiz Favre, o Felipe", respondeu Dirceu, referindo-se ao nome de batismo - Felipe Belisario Wermus - do marido da ministra Marta Suplicy. Conversou-se sobre Cuba, Venezuela, Nicarágua e sobre a beleza das mulheres brasileiras. Olaf usou a seguinte imagem para descrever a atual realidade política em Cuba: "O Raúl contrata uma orquestra para convocar a população e ninguém aparece. O Fidel toca um apito e o lugar enche".

Ao se despedirem, Dirceu fez o amigo prometer que iria ao Brasil cuidar dos dentes. Seu dentista é o paulistano Fábio Bibancos, que é conhecido como o "dentista das estrelas", tal a

quantidade de celebridades que atende, como os atores Fábio Assunção e Ana Paula Arósio. "É um cara sensacional, alguém que eu não conhecia e de quem virei amigo. Ele me defende muito", afirmou. "Tenho certeza de que ele vai ter o maior prazer em fazer isso", disse. Olaf mostrou-se preocupado com os custos e a hospedagem no Brasil. "Você é meu convidado, não precisa se preocupar com nada", disse ao amigo.

José Oviedo, a quem o presidente Lula chama de "Gordito Oviedo", foi conselheiro político da República Dominicana no Brasil. Vestido com uma guayabera amarela de mangas compridas e andando com certa dificuldade devido ao sobrepeso, ele foi encontrar José Dirceu no lobby do hotel. Seu português é perfeito. "O Dirceu era um mito. Era o sedutor da América Latina", contou-me. O elogiado olhava para o lado e ria. "A vovó do rock'n'roll, a Rita Lee, não falou que ele era o dirigente de esquerda mais gostoso do país? Então, era assim que ouvíamos falar dele em todos os lugares." Dirceu atalhou: "O que é isso, Gordo, imagine..."

Juntou-se à turma o ministro Mejía. Entraram em dois carros e partiram para o centro da cidade. Foram almoçar em uma churrascaria lotada, cuja decoração natalina incluía cabeças de alces enfeitadas com gorros de Papai Noel. Houve uma pequena espera e o grupo encostou-se ao balcão de madeira escura. José Dirceu ria, brincava com os garçons e insistiu para que eu experimentasse de seu copo o rum Imperial, que bebia com uma pedra de gelo e limão. "Você nunca provou uma coisa dessas na sua vida", disse-me. De fato, o rum era ótimo.

Enquanto se desviava do entra-e-sai de clientes, Dirceu conversou com Mejía sobre a vantagem de ter um avião Citation. Depois de dez anos, argumentou, sai mais barato ser proprietário de um jatinho do que alugá-lo. Um rapaz com colete e chapéu avisou que a mesa estava pronta. Assim que se sentou, Dirceu disse: "Gooooordo! Estamos na América Latina e ninguém está falando nadaaaaa!", exclamou com as duas mãos espalmadas em cima da mesa e um sorriso escancarado. Numa conversa paralela, perguntei a Oviedo como Dirceu lidava com os xingamentos públicos. "Para ele, é muito difícil", respondeu com uma expressão de desalento.

Uma mulher magra, de cabelo à Chanel, passou ao lado da mesa. José Dirceu a seguiu com os olhos até que ela sumisse de seu campo de visão. "Gordito, aquela mulher estava me secando com os olhos!", comentou. "Olha só, ela tem uns 50 anos, mas nem parece. Eu me casava com ela!", brincou. Em seguida, contou que, numa viagem ao Peru, ao tomar o café-da-manhã no hotel, foi abordado pelo garçom. Uma hóspede havia perguntado sobre o hermoso da mesa ao lado e estava interessada em saber se poderia conhecê-lo. "Quinze minutos depois, chegou o marido", contou às gargalhadas. Ninguém quis sobremesa. O ministro Mejía pagou a conta.

A conexão na Cidade do Panamá, de onde sairia o vôo para São Paulo, era de apenas uma hora. Mais uma vez, José Dirceu escolheu se sentar longe do portão de embarque. Lamentou não ter conseguido ler uma página sequer do livro de Alan Greenspan.

Perguntei como conciliava a atividade de consultor de empresas privadas com sua trajetória socialista. Afinal, ele quer hoje derrubar, reformar ou incrementar o capitalismo? "Tudo o que eu fizer vai ser ligado ao capitalismo", ele respondeu, grave. "Fui chamado para participar de vários processos de fusões e aquisições e não aceitei." Recusou por ideologia? Ele fez silêncio, pensou, e continuou: "Olha, eu não tenho condição de escolher o que fazer e o que não fazer. Eu faço o que dá. Depois do que aconteceu comigo, eu não tenho muita escolha. Meu nome, o que vai ficar de nós para a História, tudo isso é muito complicado. Eu estou muito pessimista, muito pessimista quanto ao meu futuro". Um grupo de chilenos sentou-se ao nosso lado, mas ele prosseguiu: "Por isso, quero ficar longe, quero trabalhar fora do Brasil. Eu não roubei, não tenho dinheiro guardado, não tenho nada. Tenho que trabalhar para sobreviver. A Receita devassou minha vida por dezessete meses e não achou nada. Essa coisa do Bassi, o que eu ganho com isso? Nada. Mas eu sinto que estou melhorando o Brasil, ajudando as empresas brasileiras". Fez outra pausa e finalizou: "Eu tenho que trabalhar". Foi a única vez na viagem que ele pareceu emocionado e triste.

Eram sete da manhã quando o avião pousou no aeroporto de Guarulhos. Os passageiros, ainda sonolentos, olhavam José Dirceu com indiferença. Ele ignorou o free shop e foi o primeiro a cruzar o portão da alfândega.

A casa de José Dirceu, em um condomínio de classe média alta em Vinhedo, a 30 quilômetros de Campinas, fica no alto de uma colina, de onde se vê um bosque de pinheiros. Fazia apenas sete horas que havia chegado do exterior, mas já comandava um almoço para amigos, assessores e familiares. Um churrasqueiro contratado cortava apetitosos pedaços de picanha, frango e lingüiça. Bebia-se prosecco e ouvia-se jazz em alto volume.

A casa de dois andares, pintada de amarelo, não tem grandes luxos. A decoração é no estilo rústico, com armários, cristaleiras e um aparador em madeira pesada. As paredes internas também são amarelas. Na sala de jantar, em frente à mesa de doze lugares, há um único quadro: um espantoso peixe cabeludo, verde, de meio metro de comprimento, com moldura barroca. A obra é assinada pelo senador José Sarney.

Na área da churrasqueira, a mais usada, há duas mesas de madeira, uma geladeira industrial com a propaganda de uma marca de cerveja na porta, e um forno de pizza. A área fica em frente a uma piscina em forma de grão de feijão. José Dirceu apareceu sem camisa, de bermuda cáqui e chinelos azuis. Estava furioso com um ar condicionado que fora

instalado em sua ausência. "Quem foi o retardado que pôs isso desse jeito?", perguntou à namorada Evanise, que havia chegado de Brasília na véspera e não sabia do que ele falava.

As duas filhas de Dirceu e a de Evanise, que tem 14 anos, tiravam fotografias de si mesmas, dos convidados e do casal de namorados, que se abraçava e trocava confidências. Quando o almoço foi servido, José Dirceu passou a circular entre as duas mesas, contando episódios da viagem por três países em seis dias. Ao detalhar os vinhos que tomou e os restaurantes onde jantou, disse que todas as despesas foram rateadas com os sócios lusitanos. "Lá é tudo contabilizado, tudo certinho, não é igual aqui", afirmou. Na Europa, seus ganhos estão condicionados aos resultados dos negócios que consegue fechar. No caso, 1% da negociação que deu certo. "No Brasil, os contratos são de 30 mil reais por mês, mas só ganho 0,5% de success fee", disse.

Quando finalmente se sentou, foi na cadeira da elétrica Rosemary Noronha, assessora especial do gabinete pessoal da Presidência, em São Paulo. Amiga do presidente Lula (a quem, como Dirceu, só chama de "Luiz Inácio"), ela estava com um iPhone novinho que atraiu a curiosidade de todos.

Ao retomar o xingatório na churrascaria, ocorrido uma semana antes, Evanise me disse: "Não entendo como ele agüenta, sabe? Como não dá um soco na cara de um sujeito desses. Eu não consigo entender. Uma vez, a gente estava no aeroporto da Venezuela e um homem começou a gritar que ele era chefe de quadrilha, essas besteiras. Ele não faz nada, eu fico louca". "Não pode, Eva", disse o jornalista Hélio Doyle, que foi secretário de governo de Cristovam Buarque, no Distrito Federal. "Se ele faz isso, perde totalmente a razão."

Um dos pretextos do churrasco era discutir os próximos passos de um documentário sobre a atuação de José Dirceu como líder estudantil. Há dois anos, o produtor e diretor de televisão Abelardo Blanco tem gravado cenas, inclusive de uma viagem do ex-deputado a Cuba. O grupo falou sobre uma nova ida a Havana. Dirceu deu uma olhada numa lista de militantes do Movimento*** de Libertação Popular, o Molipo, no qual militou, e deu palpites sobre quem deveria ser entrevistado. "Como alguém já disse, aqui só tem presunto", falou com expressão séria. Dos 32 da lista, havia apenas cinco sobreviventes. Combinaram de ir a Cuba em fevereiro.

O anfitrião abriu um vinho de sobremesa para acompanhar as musses de limão e maracujá. O café foi servido. José Dirceu estava sonolento e com olheiras. A filha Joana veio avisar que ia sair e ele aproveitou a deixa: "Gente, vamos acabar logo porque estou muito cansado, preciso dormir".

No final de janeiro, está marcado seu primeiro depoimento oficial sobre o mensalão. Ele será ouvido na Segunda Vara da Justiça Federal, em São Paulo.

* Correção em relação à versão impressa, na qual se lia "UNE".

** Correção em relação à versão impressa, na qual se lia que José Dirceu tentava marcar um encontro entre o ex-presidente espanhol Felipe Gonzalez e o presidente de El Salvador.

*** Correção em relação à versão impressa, na qual se lia "Movimentação".